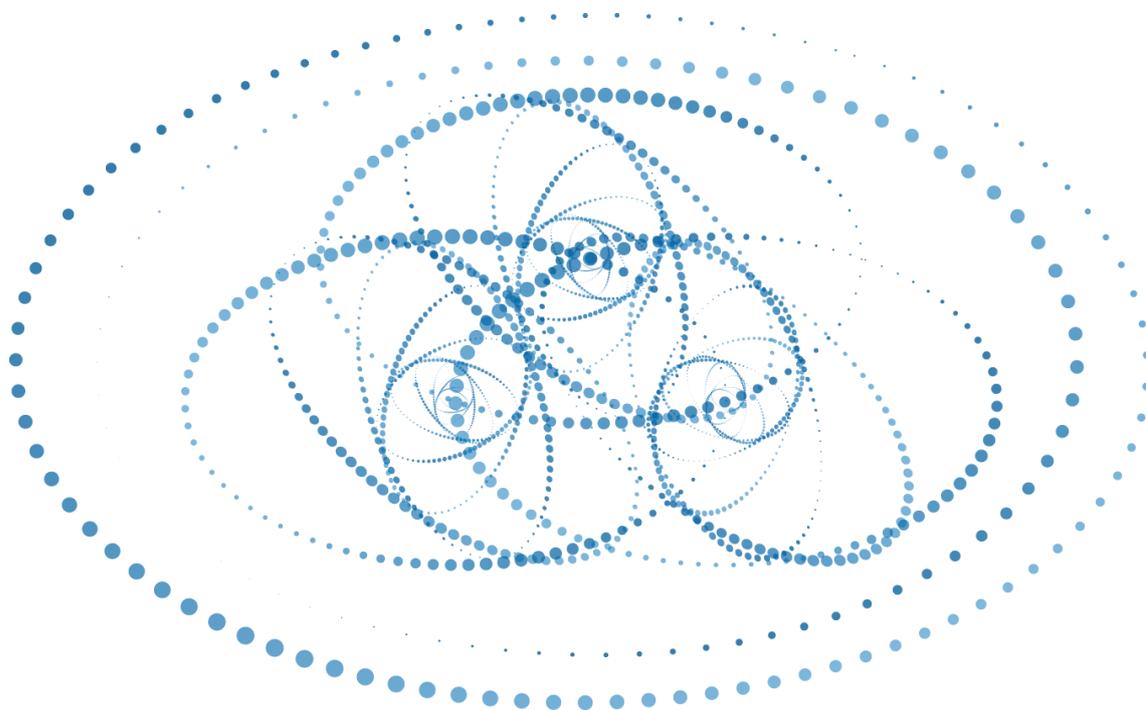


Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Mestrado em Psicologia Social e Institucional

CÁSSIO MATTIELLO ALVES

**RITORNELOS DA CLÍNICA MUSICADA: PARADOXOS ENTRE TRABALHO,
PESQUISA E MÚSICA EM TEMPOS PANDÊMICOS**



Porto Alegre

2022

CÁSSIO MATTIELLO ALVES

**RITORNELOS DA CLÍNICA MUSICADA: PARADOXOS ENTRE TRABALHO,
PESQUISA E MÚSICA EM TEMPOS PANDÊMICOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia Social e Institucional pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre

2022

RESUMO

Essa dissertação parte da percepção de que os territórios subjetivos de existência entre os quais me percebia habitante, a saber, o trabalho, a pesquisa e a música sofreram algum tipo de reconfiguração com o advento da pandemia de Covid-19, que chegou ao Brasil nos primeiros meses de 2020. Partindo-se de uma inspiração metodológica cartográfica, investigo as condições de se entender essas três atividades como territórios de existência, bem como a possibilidade de se relacionar as experiências de vida a um ou mais territórios. Em um primeiro momento, trago fragmentos de memória sobre a minha relação com a música, a pesquisa e o trabalho como registros empírico, ou ritornelos empíricos. Suspeita-se a partir daí que esses territórios mantêm entre si relações paradoxais. Diante do cansaço de si produzido a partir dessas narrativas, organizo encontros com um grupo no qual compartilhamos registros de fragmentos de vida relacionados às nossas inserções em nossos territórios de existência durante uma semana. Os registros coletados foram agrupados em vídeos expositivos e depois discutidos com o grupo em reencontros. Para escutar esses registros, lancei mão do retorno ao conceito de Clínica Musicada, oriundo de estudos anteriores, tendo como norte (est)ético o de escutar a existência como se escuta uma música, com a atualização de sua integração ao conceito de ritornelo proposto por Gilles Deleuze e Felix Guattari para pensa-la em sua dimensão territorial. Ao som da Clínica Musicada, entendo que foi possível espiar pistas acerca da paradoxal relação entre os territórios de existência e a experiência, o que teve como efeito a reversão da escrita no sentido da dissolução de si em direção ao paradoxo.

Palavras-chave: Cartografia, Clínica Musicada, Paradoxo, Ritornelo

ABSTRACT

This dissertation starts from the perception that the subjective territories of existence among which I perceived myself as an inhabitant namely work, research and music underwent some kind of reconfiguration with the advent of the Covid-19 pandemic, which arrived in Brazil in the first months of 2020. Starting from a cartographic methodological inspiration, I investigate the conditions of understanding these three

activities as territories of existence, as well as the possibility of relating life experiences to one or more territories. At first, I brought fragments of memory about my relationship with music, research and work as empirical records, or empirical *ritornellos*. From there, I suspected that these territories maintain paradoxical relationships with each other. Faced with the self-tiredness produced from these narratives, I've organized meetings with a group in which we share records of fragments of life related to our insertions in our territories of existence for a week. The collected records were grouped into expository videos and then discussed with the group in reunions. In order to listen to these records, I returned to the concept of *Clínica Musicada* (Music Clinic), from previous studies, with the ethic-aesthetic guideline of listening to existence as one listens to music, updated with the integration to the concept of *ritornello* proposed by Gilles Deleuze and Felix Guattari to think about its territorial dimension. Analyzing to the records at the sound of *Clínica Musicada* (Music Clinic), It was understood it was possible to spy some clues about the paradoxical relationship between the territories of existence and experience, which had the effect of reversing writing towards its self-dissolution. Writing towards paradox.

Keywords: Cartography, Music Clinic, Paradox, Ritornello

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. PALAVRA-TERRITÓRIO	13
2.1 MÚSICA	13
2.1.1 Primeiras notas.....	13
2.1.2 Primeiros acordes.....	15
2.1.3 Isso é meio	18
2.1.4 Tocar/cantar/compor.....	19
2.2 TRABALHO.....	21
2.2.1 Ser inventor	21
2.2.2 Trabalhar e estudar	22
2.2.3 Estudar “apenas”	24
2.2.4 Encontro com o acolhimento institucional.....	25
2.2.5 Serviço escola	27
2.2.6 CREAS	28
2.2.7 Unidade de acolhimento emergencial para pessoas adultas em situação de rua.....	34
2.3 PESQUISA.....	39
2.3.1 Margem de régua	39
2.3.2 Entrada na psicologia	40
2.3.3 Encontro com a psicologia institucional	42
2.3.4 Iniciação Científica.....	43
2.3.5 Trabalho de conclusão de curso.....	44
2.3.6 Novas questões.....	48
2.3.7 Pandemia	51
3. A PAUSA COMO PARTE DA MÚSICA.....	53
4. PARADOXO.....	60
5. ROTEIRO DE INSPIRAÇÕES METODOLÓGICAS.....	73
5.4 CARTOGRAFIA	73
5.5 UM RETORNO À CLÍNICA MUSICADA	77

5.6	O GRUPO	80
6.	RITORNELOS DE UMA EXISTÊNCIA PARADOXAL	84
6.7	APRESENTAÇÃO DO GRUPO	84
6.8	COMPARTILHAMENTOS	88
6.8.1	RITMO	88
6.8.2	MELODIA	94
6.8.3	HARMONIA	111
7.	SOB A LÂMINA DA ÚLTIMA HORA: DESCONCLUSÕES	123
	REFERÊNCIAS	127

1. INTRODUÇÃO

Repetir repetir – até ficar diferente. (BARROS, 2016, p. 16).

No primeiro semestre de 2020, com o início da pandemia de Covid-19 no Brasil, três atividades da minha vida a saber, o trabalho, a pesquisa e a música se davam em locais físicos e temporais bastante distintos. No semestre anterior, as atividades do mestrado (pesquisa) ocorriam majoritariamente em Porto Alegre, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, as atividades de trabalho ocorriam majoritariamente no CREAS do município onde moro; as atividades musicais ocorriam em diversos lugares, mas em grande maior parte em casa. As orientações referentes a protocolos sanitários de prevenção à infecção e disseminação do vírus, recomendavam o isolamento social. Dessa forma, essas três atividades passaram a disputar os mesmos tempo-espacos.

Durante a pandemia (que ainda não acabou), muitas coisas foram difíceis de vivenciar para o mundo todo. Se não todos, a grande maioria conviveu diariamente com o medo da morte e da perda dos seus próximos. Acredito que mesmo quem negava, estava com medo. Talvez a negação do medo tenha sido o maior ato de covardia. Muitas pessoas tiveram esses medos concretizados, com as mais de 600 mil mortes só no Brasil em decorrência desse adoecimento e de uma gestão desastrosa e genocida da saúde pública. Frente a isso, a experiência que tive foi a de sentir muitas travas na escrita. Diante dos rearranjos a que o mundo foi submetido, desse conflito de mundos, as travas no processo de pesquisa que o sucederam se tornaram objeto de minha atenção, de forma a levar o curso dessa escrita a pensar o encontro entre essas três atividades em meio à pandemia e os efeitos daí provenientes.

Quando fui apresentado a conceitos como trabalho, música e pesquisa, mais para o início da minha vida, não me foi informado a que categoria pertenceriam tais conceitos; ou seus atributos; ou sequer que eram conceitos. De alguma forma, as relações com essas palavras e tudo que as envolve foram sendo construídas através de vivências desde o começo, muitas das quais eu nem mesmo lembro. Mas, observando as crianças próximas, imagino que comigo também tenha sido mais ou menos assim.

Por algum motivo, os adultos mais próximos ora estão presentes ora não. Em alguns momentos estou em casa, em outros em algum outro lugar com outras crianças sendo cuidado por outras pessoas grandes das quais pouco sei. Por algum motivo, parece haver uma expectativa para que eu reproduza os sons que as pessoas à minha volta ficam emitindo na minha direção. Frequentemente eu os vejo produzindo sons similares na direção um do outro, e parece que esses sons têm efeitos em suas ações. Por algum motivo, os adultos à minha volta emitem sons diferentes dos usuais, variando o ritmo e melodia, parecendo projetá-los sobre mim e esperando que eu tenha alguma reação. Não vou negar que são sons agradáveis e que me provocam certos efeitos. Às vezes, alguns aparelhos dispostos pela casa reproduzem o som de pessoas cantando sem que elas estejam presentes e essas pessoas parecem gostar disso.

Acredito que foi assim com cada palavra. Cada palavra está interligada a uma complexidade de vivências de forma que apreendemos quanto à gama de contextos nos quais ela costuma aparecer. Entretanto, a palavra não se limitaria a traduzir essas experiências e afetos para um plano comunicável. Ela própria produz experiências e afetos. Sendo assim, enquanto escrevo não apenas traduzo, mas vivencio aquilo que escrevo. A matéria prima da escrita seria, portanto, a vida, que seria também o seu produto.

Quando sento em frente ao computador e tento escolher palavras para colocar uma depois da outra para depois chamar isso de dissertação, estou investindo em algo que quero que produza efeitos tanto em mim quanto em quem lê, que provavelmente é alguém que tem um histórico muito diverso do meu na relação com as palavras, mas que também provavelmente compartilha algumas semelhanças. Muitas delas não se dão ao acaso. Esse não-acaso é o que me intriga. O que acontece nas nossas vidas de forma a compartilharmos (ou não) certas relações e sentidos com as palavras, e nesse caso específico, o trabalho, a música e a pesquisa?

Uma primeira dúvida que surge seria quanto a como tratar essas palavras. Trabalho, música e pesquisa são palavras que podem ser categorizadas gramaticalmente na língua portuguesa como substantivos, ou seja, palavras que evidenciam a substância ou essência daquilo a que se referem. Nesse caso, as três se referem a atividades humanas. Entretanto, conforme havia comentado anteriormente, quando somos primeiramente apresentados a essas palavras,

nada disso nos é comunicado. Vamos construindo relações próprias com as palavras de forma que as experiências que construímos com elas não se limitam à palavra em si, de forma que a palavra não pode ser a essência da experiência. Sendo assim, talvez uma instrumentalização mais interessante dessas palavras para esta pesquisa seria a palavra como uma referência, ou como uma posição à qual nos referimos para localizar e nos localizar nas experiências vivenciadas.

A forma ou o procedimento o qual busquei tratar a linguagem ao longo desta pesquisa, ou seja, a política de linguagem, foi a da palavra como uma referência em um território de experiências. Os territórios em si seriam agrupamentos abstratos de experiências e não teriam nomes a não ser pelo rótulo a ele atribuído. Trabalho, portanto, seria um rótulo atribuído a um agrupamento de experiências nas quais algumas situações se repetem. E assim com música, com pesquisa e com qualquer outra palavra. Importante observar que não estou afirmando que as coisas ocorrem dessa forma em uma certa ontologia da palavra, mas estou afirmando que procederei dessa forma para pensar a palavra.

A inspiração para esse posicionamento em relação às palavras parte das contribuições de dois filósofos franceses, Gilles Deleuze e Felix Guattari que juntos escreveram em 1980 um livro chamado Mil Platôs (*Mille Plateaux*), que aqui no Brasil foi dividido em 5 volumes pela Editora 34 em 1997. A edição que consulto data de 2017. No volume 4, eles abordam o conceito de ritornelo, que se trata de um termo utilizado na música, mais especificamente na notação musical, para sinalizar a repetição de um trecho na execução de uma peça. O conceito de ritornelo em Deleuze e Guattari (2012) parece ter o sentido aproximado de um território subjetivo construído a partir da repetição de referências. Na seção Acerca do Ritornelo, os autores citam três situações: I – uma criança sozinha no escuro que canta e salta para se localizar em meio ao caos; II – em casa, com todas as delimitações e organizações de um espaço; III – a reabertura desse espaço organizado às mesmas forças caóticas sobre as quais ele se construiu, permitindo transformações e mudanças nesse território construído (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 122–123)

A palavra é, portanto, uma das referências de múltiplas ordens que se repetem no território. O território não se limita à palavra, mas a palavra nos localiza nele. Dessa forma, nesta dissertação, penso a música, a pesquisa e

trabalho como palavras que se referem a territórios de experiência, fazendo deles parte. Assim busco me localizar como alguém que transitou entre esses territórios, mas que não detém um saber último sobre eles. Tal localização se dá através do compartilhamento de referências linguísticas, sensoriais, afetivas, estéticas, espaciais e de tantas outras ordens quanto forem possíveis nas relações com essas palavras do ponto de vista de um eu narrado nesta escrita como personagem principal.

Uma das primeiras estratégias para tanto, é a narração em fragmentos de vida desses encontros das palavras-territórios com um eu, ou da constituição de um eu em meio a essas palavras-territórios. Gosto de pensar nesses fragmentos como ritornelos. Assim como na música, são referências que remetem a uma tentativa de repetição de algo, mas que acabam por trazer à tona o que há de diferente. Não que eu ache a minha vida de alguma forma extraordinariamente interessante, mas é a vida da qual disponho, foi a vida que tornou possível a essa pesquisa.

Durante todo o tempo dessa escrita, fui assombrado por uma dúvida quanto à relevância dos escritos que aqui trago. O *Fantasma da Relevância*. Nas conversas que tive com outras pessoas vinculadas ou buscando se vincular à pós-graduação e mesmo graduação, percebi que é uma insegurança recorrente. Muitos dos textos lidos no meu percurso de formação até agora se apresentaram de forma a não compartilhar experiências e vivências de quem escreve, talvez em uma busca por uma objetividade na escrita. Muitas vezes, nessas leituras, me surge a curiosidade: “de onde será que veio a ideia de fazer tal coisa de tal jeito”. Ou mesmo durante o meu percurso no mestrado eu me questiono quanto ao que fazer com as experiências e discussões que ocorrem nos eventos e disciplinas. Que espaço há para essas coisas na escrita acadêmica?

Não é meu objetivo menosprezar essas escritas. Muitos textos nos ajudam a pensar sobre determinado conceito por serem mais diretivos ao que se propõem. Em um encontro que tivemos no grupo de pesquisa que faço parte (que apresentarei um pouco mais adiante neste texto) no qual recebemos uma pesquisadora, que há pouco havia defendido sua tese, chamada Camila Ribeiro de Almeida Rezende, algo que ela disse me tocou muito: “não existe escrita sem vida”. Concordando com Camila, conjugamos a escrita em meio a “problemas pessoais, crises existenciais, crises políticas” (2019, p. 310) e tantas outras,

afinal, como disse a poeta Wisława Szymborska, “somos filhos da época e a época é política” (2011, p. 77–78).

Mesmo quando lemos uma escrita que se fez por moldes aparentemente engessados, está ali a vida e a sensibilidade de uma pessoa que dedicou seu tempo para que aquilo se realizasse. A escrita se faz apesar dos moldes. Ela encontra brechas nas durezas para manifestar potência de vida. O paradoxo do ponto final reside no fato de que ele sinaliza mais a abertura do pensamento do que da sua interrupção, como disse Elisandro Rodrigues em sua tese/romance (2020). Sendo assim, o questionamento do qual aqui busco participar é o da noção de que não há espaço para experiências e vivências na escrita acadêmica e de que essas coisas não seriam dotadas de suficiente rigor para a produção de conhecimento.

Dessa forma, a presente dissertação carrega o nome de Ritornelos da Clínica Musicada: paradoxos entre trabalho, pesquisa e música em tempos pandêmicos. O projeto de dissertação apresentado na qualificação de mestrado tinha o título Paradoxos entre trabalhar, pesquisar e tocar em tempos pandêmicos. A partir das contribuições da banca na ocasião, pensamos que o “tocar” remetia à execução instrumental da música e deixava de lado a parte da composição. Na época, não me sentia à vontade para colocar “compor”, pois não me sentia compositor, uma vez que minhas composições musicais são de certa forma tímidas. Mas pensando que o meu objetivo aqui é compor uma dissertação e não músicas, decidi abraçar a composição no título e na vida.

Aí surgiu outra questão, pois também gostava do “tocar”, uma vez que, para mim, remete a uma atividade musical leve, algo que faço de certa forma despreocupadamente lendo as cifras porque às vezes tenho preguiça de decorar os acordes ou ficar pensando nas funções harmônicas que exercem na música. Além disso, há composição no “tocar”. Tocar é evocar um território juntando sons estranhamente familiares e contemplar o efeito da diferença na repetição. Se não, por que diabos se iria a um show de um artista se a música já está gravada? O universo é uma música em constante composição, já dizia o compositor canadense R. Murray Schafer (2011). Para não deixar de fora nem a potência do compor nem do tocar, decidi trocar a ação pelo território. O trabalhar e o pesquisar tiveram que se adequar à música. Pelo menos aqui foi possível fazer o trabalho se adequar a algo e não o contrário.

Ainda, acrescentei ao título Ritornelos da Clínica Musicada. Tal movimento se deu porque em algum ponto da pesquisa resolvi recorrer a uma ferramenta que no trabalho do conclusão de curso de psicologia, formação anterior ao mestrado em curso, vinha ensaiando que é a Clínica Musicada. Afirmando então a continuidade nos estudos acerca dessa ferramenta que me ajudou a transformar as travas da escrita em pausas da música e assim retomar os ritmos, melodias e harmonias de escrever. O ritornelo, entretanto, é uma novidade à Clínica Musicada e essa atualização ocorre nesta pesquisa, que achei coerente com a questão de pensar o trabalho, a pesquisa e a música como territórios de referência ou de existência. Ao perceber que, tanto em minhas narrativas quanto nas narrativas de encontro com um grupo de compartilhamentos produziram-se fragmentos multirreferenciais que senti que poderia chamar de ritornelos, optei por essa inclusão no título.

A imagem disponível na capa da dissertação foi produzida por mim em um software de desenho vetorial enquanto tentava pensar como se dava a relação entre os territórios do trabalho, da pesquisa e da música. Parecem três centros ao redor dos quais giram vários elementos que se compartilham e se entrecruzam entre si. É assim que eu vejo atualmente que se dá a relação entre esses territórios? Não. A imagem é simétrica demais, apesar de parecer um pouco caótica. Apesar disso, eu a achei bonita. Uma vez disse a Luciano, meu orientador, que a relação entre as pessoas me lembrava as órbitas dos planetas pois a passagem por certos campos gravitacionais poderiam nos ativar alterações em nossas órbitas, e essa imagem me lembra um pouco desse movimento de órbitas.

Passando o momento das observações iniciais para a apresentação de um breve mapinha do que se encontrará nesta dissertação, na seção Palavra-Território, apresento narrativas das minhas inserções nos territórios da música, da pesquisa e do trabalho. Essa seção se produziu a partir de um convite de meu orientador, Luciano, a pensar a minha relação com essas palavras quando declarei estar com dificuldades de escrever (trava). A ideia, que de certa forma acredito que funcionou, era usar essas narrativas como um dispositivo para pensar o encontro entre os territórios mencionados. A pergunta que me fiz para produzi-los foi: “como se deu a minha relação com o/a (x)? (trabalho/pesquisa/música)” para pensar os sentidos que essas palavras têm ou

tinham para mim no momento na escrita. Posteriormente, percebendo que conforme agrupava esses fragmentos, criava-se uma espécie de campo, as chamei de territórios, ou territórios de existência, ou também poderia chama-las de territórios de sentidos. A partir da produção das narrativas, surge uma certa suspeita acerca da capacidade da linguagem de dar conta das experiências vivenciadas, uma vez que alguns fragmentos geravam dúvida quanto a que território deveriam ser atribuídos remetendo à ideia de paradoxo, como se essas dificuldades fossem paradoxos encontrados ou produzidos na fricção entre esses territórios.

Na seção A Pausa como Parte da Música trago um panorama mais atualizado acerca da experiência de habitar os territórios elencados para falar nessa dissertação em tempos da pandemia de Covid-19 no Brasil governado por uma gestão antidemocrática, negligente e criminoso no que tange, entre tantos aspectos, o cuidado com as vidas da população.

Na seção Paradoxo foi feita uma busca quanto aos sentidos já atribuídos a esse conceito. Assim como na seção Palavra-Território isso foi feito com as palavras “música”, “pesquisa” e “trabalho”, o conceito de paradoxo foi colocado aqui em suspenso em uma espécie de decomposição. Boa parte do material encontrado (principalmente entre artigos) que carregava esse conceito em seu título ou resumo apenas mencionava o paradoxo como se fosse uma expressão já dada, sem tratar ao longo do texto quanto ao que se estava entendendo por paradoxo naquele contexto. Dessa forma, foi sentida a necessidade de buscar desde a filosofia antiga grega, verificando-se que o conceito faz parte da discussão acerca das tensões entre conhecimento e opinião.

Na seção Roteiro de Inspirações Metodológicas, em um primeiro momento, trago a cartografia como um ponto de partida, que era algo que já estava previsto talvez antes de começar a escrita. As inspirações metodológicas estão, na verdade, ao longo de toda a dissertação, pois as possíveis estratégias de desenvolvimento da escrita iam aparecendo conforme surgiam as dificuldades. Em certo ponto da escrita/pesquisa, fez sentido poder contar com uma proposta em cujo desenvolvimento vinha trabalhando no trabalho de conclusão de curso de psicologia, a Clínica Musicada, buscando dispor desse ferramental para escutar o encontro com o grupo. Em um terceiro momento, faço uma retomada e avaliação das ferramentas utilizadas.

Na seção Ritornelos de uma Existência Paradoxal, trato do encontro com outros supostos habitantes dos territórios da música, pesquisa e trabalho. Como as narrativas da seção Palavra-Território produziram um certo cansaço de si, senti a necessidade de produzir um campo de compartilhamento com outras pessoas e escutar os efeitos que daí se produziriam. Formou-se então um grupo com cinco pessoas que tinham como principal critério de participação a inserção no território da música. Como a semana é uma unidade de referência nas nossas vidas, fizemos o compartilhamento de registros de inserções nos territórios da vida através dos dias “úteis” da semana. A partir dos encontros e dos compartilhamentos de registros, produziram-se ritornelos que busquei escutar ao som da Clínica Musicada.

Na seção Sob A Lâmina da Última Hora, brinco com objetos perigosos e cortantes. Não sei se os processos de pensamento possuem um fim, tendo em vista que ainda penso coisas da infância como aqui se registra, mas os processos de escrita, em específico a escrita institucional (como é o caso de uma dissertação) precisam de um; seja movido por um sentimento de conclusão, de finalização; seja por cansaço ou esgotamento; ou seja pela operação de um corte, que aqui é o principal caso. Normalmente se esperaria ao final de um trabalho acadêmico conclusões, mas aqui o que tenho são desconclusões. Um sentimento de que poderia pegar várias pontas soltas que ficaram nesse texto e ir desenrolando-as ao infinito, mas a última hora é uma lâmina e o corte é inevitável.

2. PALAVRA-TERRITÓRIO

2.1 MÚSICA

2.1.1 Primeiras notas

Muita coisa do meu gosto musical foi apresentada a mim através dos meus irmãos. Escutávamos música ora em fita cassete, ora em CD, ora em disco, ora rádio. A fita era a forma de editar as próprias playlists, organizar a ordem das músicas ou salvar uma música que ouviu no rádio, sempre faltando uma parte que corresponde ao tempo de você identificar que a música que estava tocando era uma das músicas que queria gravar e apertar o botão de gravar, caso a mídia de gravação já estivesse preparada. De vez em quando, escutava os discos de meus pais, mas eles eram artefatos do passado. Nosso toca-discos tinha um botão que aumentava a velocidade de rotação do disco, e isso fazia que as músicas ficassem mais rápidas e mais agudas. Músicas que me lembro que gostava: YMCA do Village People e Rios da Babilônia, de Perla. Uma coisa que hoje não gosto muito de admitir, mas eu adorava um disco de músicas infantis do Padre Zezinho. Músicas como “lá na terra do contrário” e “o trenzinho comilão” me levavam para bem longe.

Depois o CD virou a principal mídia. Às vezes meus irmãos encomendavam CD's através de algum catálogo, que nunca entendi direito como funcionava, na verdade. Eles desenvolveram uma coleção respeitável de CD's. Meu primeiro CD eu ganhei de aniversário. Era um do Raul Seixas; uma coletânea de músicas dele. O primeiro CD que pude escolher era de uma banda chamada *Gorillaz*, que minha irmã comprou para mim em um aniversário. Ademais, os CD's dos meus irmãos me bastavam. Tinha *Creedence Clearwater Revival*, que eu tentava cantar junto imitando as palavras mesmo sem entendê-las; *Dire Straits*; Barão Vermelho; *The Doors*; Nei Lisboa; *Led Zeppelin*; *U2*; *Elvis*; Marisa Monte; Engenheiros do Hawaii. A primeira música que aprendi quando bebê, segundo minha mãe, foi “Era um garoto que como eu amava os *Beatles* e os *Rolling Stones*”, porque tentava imitar os “ratatata. Tinha também *The Beatles* e uma coletânea de bandas de rock com TNT, Maria do Relento, Wander Wildner, Garotos da Rua, etc.

Em minha família, minha mãe e irmã tocam violão; meu irmão toca violão e teclado; eu toco violão e guitarra, todos nós cantamos. Em 2019, meus pais fizeram uma festa de aniversário de 50 anos de casados e tocamos algumas músicas como uma forma de homenagem a eles. Foi a primeira vez que os três irmãos tocaram juntos. Próximo à nossa casa, havia uma escola municipal de arte-educação, na qual eram oferecidas oficinas de diversos campos artísticos. Ao longo de dez anos, dos meus seis aos dezesseis, participei de oficinas como: artes plásticas; ginástica olímpica; desenho; elaboração de histórias em quadrinhos; teatro; dança do folclore alemão (por mais perdido que estivesse nesta); coral; flauta; conjunto instrumental orff; violão e prática de conjunto instrumental. Quando eu entrei, meus irmãos, que são em média dez anos mais velhos que eu, estavam em seus últimos anos lá; ela cursando violão clássico e ele piano.

Eu comecei mais interessando mais pelas artes plásticas, ginástica olímpica e coral; até tentei tocar violão com seis anos, mas achava muito chato ter que ensaiar as músicas (coelhinho da páscoa; cai-cai balão, marcha soldado, etc.) além do que o violão era muito grande e machucava minhas mãos; e o coral era na hora em que passava Chaves na TV, então também desenvolvi um certo ranço por essa. Depois tive uma fase mais teatro, desenho e instrumental orff. Mais perto dos treze anos, comecei a me interessar pelo violão. A primeira música que aprendi foi a melodia de introdução de *Dance of Death* do *Iron Maiden*, que um amigo me ensinou na escadaria de uma igreja da cidade, onde esperávamos o início do encontro do grupo de jovens.

Em casa, eu ficava brincando aleatoriamente no violão da minha mãe, até que decidi que queria participar das oficinas de violão na escola de arte. Pouco tempo depois, estava em um grupo com esse amigo que me ensinou a primeira melodia, o Ricardo, e mais um, o Esmael. A diretora e os professores da escola tiveram a sensibilidade de nos colocar na mesma turma. Eu só queria saber de aprender melodias. O Ricardo fazia a base, tocando os ritmos com acordes no violão e o Esmael tocava a parte grave da música, emulando um baixo no violão. Depois da aula, íamos para a minha casa ensaiar músicas de nossa preferência. Em algum momento, o nosso professor, Paulo, percebeu isso e abriu o tempo-espaço da aula para que pudéssemos ensaiar as nossas músicas sob a supervisão dele. Ele nos levou para tocar em alguns lugares fora da escola.

Tocamos na inauguração de uma padaria; em alguns eventos na praça e em alguns eventos de uma associação de poetas da cidade, que passaram a fazer contato direto conosco.

2.1.2 Primeiros acordes

O Ricardo e o Esmael faziam parte de um conjunto instrumental nessa escola, coordenado pelo professor Marcio. No ano seguinte, fui convidado a participar também. Esse conjunto instrumental fazia apresentações em eventos da cidade e alguns fora também. Nesse ano, adquiri a minha primeira guitarra, passando a tocá-la no conjunto. Tocávamos um repertório bastante variado, alguma coisa de música clássica adaptada para nossos instrumentos como Mozart; alguma coisa de pop rock gaúcho como Nenhum de Nós, alguma coisa de pop rock internacional como Bee Gees. No final do ano, a escola se mudou para uma nova estrutura, num local bem distante. Recebemos o convite para participar do conjunto instrumental no ano seguinte, mas ninguém foi, acredito que por causa da distância.



Figura 1 Apresentação do conjunto instrumental em 2007 no Natal da Integração de Campo Bom

No ano seguinte, começamos nossa própria banda ensaiando em nossas garagens. Era uma banda de Heavy Metal Melódico / Power Metal chamada *Midnight Sunset*. Tocávamos principalmente covers de bandas estrangeiras como *Rhapsody*, *Helloween*, *Sonata Arctica*, *Angra*, *Blind Guardian*, *Avantasia*

etc., cujas música possuem em comum uma atmosfera fantasiosa inspirada na mitologia nórdica e uma valorização das melodias, principalmente de guitarra e teclado. Havia várias bandas assim na cidade; e algumas pessoas participavam de duas, três e até quatro bandas ao mesmo tempo, de modo que existia uma certa rede de jovens músicos. Quando tinha festivais ou shows de alguma banda grande a gente se juntava para ir junto.

O foco da nossa banda, em um primeiro momento, era mais o de tocar músicas de bandas grandes, as chamadas covers, mas de vez em quando a gente tentava compor. Na verdade, eu tentava compor quase sempre. Entretanto, como compor através da experimentação em grupo, ainda mais quando você não tem um certo domínio do instrumento, exige um certo tempo; e o lugar que a gente tinha para tocar era um estúdio que alugávamos a R\$ 15,00 por duas horas, tínhamos que “aproveitar muito bem o tempo” em ensaios focados. Sendo assim, nos utilizávamos de um programa de computador chamado Guitar Pro para praticar em casa, compor e compartilhar ideias de músicas com a banda. Esse programa permite escrever a partitura e tablatura dos instrumentos e simular eles tocando juntos, então você podia ter uma ideia de como ficaria a música com a banda inteira tocando.

Tivemos três apresentações para um público maior. A primeira em um festival de bandas da União dos Estudantes de Campo Bom (UECB), a outra em um festival de bandas de metal em um antigo bar chamado Pop Cult em Novo Hamburgo e em um bar de São Leopoldo chamado Jockey Club, na festa de aniversário de um sujeito que nunca chegamos a conhecer (pois não compareceu para a festa em sua homenagem). A melhor de todas foi a no Pop Cult. Tivemos uma interação muito bonita com o público e a nossa música própria foi a mais aplaudida.



Figura 2 Apresentação da banda Midnight Sunset no antigo bar Pop Cult, em Novo Hamburgo, 2009

Em algum ponto, a banda *Midnight Sunset* chegou ao seu fim. Acredito que cada um deve ter uma visão sobre isso, mas a meu ver foi por um certo desgaste frente às frustrações de não conseguirmos uma dedicação equilibrada por parte de todos os membros da banda e também por causa de dificuldades financeiras como a questão de ter instrumentos e equipamentos de som de qualidade. Também por ser um gênero que se apoia muito na virtuosidade dos instrumentistas, a técnica necessária para tocar as músicas exigia muitas horas de prática por dia; e foi ficando cada vez mais difícil dispor desse tempo.

Para mim, o momento de tocar sempre foi bastante libertador. Em geral, me considero uma pessoa mais contida e autoconsciente, e o momento que antecede a apresentação eleva essas ansiedades a um ponto extremo, uma certa vertigem. Mas a partir do momento em que o salto é dado, é como se pudesse ser livre por alguns minutos; como se não houvesse uma diferença entre mim e as notas que toco. Nem sempre é assim. Rodas de violão com amigos às vezes me angustiam, porque as pessoas começam a pedir uma porção de músicas que não sei tocar, e em geral não gosto de expor muito o meu processo de aprender a tocar uma música. Ao mesmo tempo, é muito bonito de se presenciar quando há uma união das pessoas em torno de tocar e cantar uma música. Em função disso, comecei a investir mais em aprender músicas que poderiam ser apreciadas de forma mais compartilhadas nesses encontros.

2.1.3 Isso é meio

Em 2012 formou-se um novo grupo de amigos a partir de uma van organizada para ir a um festival de aniversário de 8 anos do antigo bar Tio Remi, em Igrejinha. Tínhamos em comum o fato de termos quase todos estudado na mesma escola técnica e no mesmo curso. No final de 2013, começamos a nos reunir em jantãs musicadas, tocando artistas e bandas como Raul Seixas e Engenheiros do Hawaii, Beatles etc. A partir desses encontros, formou-se uma nova meio-que-banda chamada Isso é Meio. O nome se deve ao ato deveras irritante, muito praticado entre nós, inclusive, de atribuir a semelhança de uma música em processo de criação a uma música já existente de algum artista famoso, dizendo algo como: “isso é meio Johnny Cash”. O foco da Isso é Meio era mais nas músicas autorais. Caio, um de nossos integrantes, é muito profícuo na arte de fazer poemas, várias de nossas músicas são sonorizações de seus escritos.



Figura 3 Isso é Meio tocando em frente a uma cachoeira em 2014. Na bateria, à esquerda, Thomaz; atrás, nos violões, Ricardo (Corvo) e eu; na frente, no ukulele da esquerda, Aline (Bibi); Richard no violão do meio e Caio no ukulele da direita.

Em algum momento, tivemos o desejo de tentar nos profissionalizar como banda. Entretanto, devido às questões da vida de cada um e devido ao nosso distanciamento geográfico, percebemos que seria muito difícil conciliar a rotina que exige uma dedicação profissional com as nossas rotinas que já estavam instaladas em nossas vidas. A existência da Isso é Meio confunde-se com nossa

amizade, que assim como a música, aprendeu a brincar com o tempo. Portanto, somos ainda uma meio-que-banda, que existe não para vender suas músicas, mas para torná-las objeto de encontros. Logo, não temos a pressa e a pressão de que as coisas aconteçam em uma certa velocidade, como costuma acontecer em bandas profissionais. Ao final de 2019, Ricardo, que me ensinou a primeira melodia no violão; que foi meu parceiro de grupo de violão; de conjunto instrumental; de Midnight Sunset e de Isso é Meio, se formou no curso de licenciatura em música. Duas semanas antes houve um recital de formatura, que é prática comum do curso, e eu toquei com ele em um dueto de guitarras. No começo de 2020, nosso amigo e baterista, Thomaz se formou em arquitetura, e tocamos em sua formatura.



Figura 4 Isso é Meio na formatura do Thomaz em janeiro de 2020. Da esquerda para a direita, Corvo, Thomaz, Carlos (CEM), eu e Bibi.

2.1.4 Tocar/cantar/compor

Para mim, tocar violão, cantar e compor são atividades bastante íntimas e que, em geral, demandam bastante tempo, saúde, energia, silêncio, e às vezes, solidão. É muito importante, para que eu consiga tocar com alguém, ter uma fluidez na relação, uma atmosfera de acolhimento e cumplicidade. Para compor, mais especificamente, não sei dizer muito bem como funciona. Na

Midnight Sunset, como já mencionei, eu utilizava o *Guitar Pro*. Na *Isso é Meio*, as coisas aconteciam de forma mais orgânica, várias ideias saíram na hora, em improvisações. Por vezes, passávamos tardes no pátio da casa do Caio tocando, de forma que podíamos fazer várias experimentações. Mas também, algumas músicas foram resultados de processos de introspecção em casa a partir de experimentações sonoras.

Durante o tempo de *Midnight Sunset*, permaneci bastante fechado em meu gosto musical, ouvindo bandas de metal que tocavam músicas complexas e que exibissem a habilidade dos instrumentistas em performances virtuosas, acreditando em uma certa superioridade musical em relação a esse tipo de música. Ainda gosto muito dessas bandas, mas com o tempo fui percebendo que essa crença na existência de um tipo de música melhor que outros não passava de arrogância. Voltei a ouvir as bandas que ouvia com meus irmãos e a buscar outros estilos para conhecer. A partir das trocas de referências musicais entre os amigos da *Isso é Meio*, passei a ouvir mais artistas brasileiros como *Novos Baianos*, *Belchior*, *Osvaldo Montenegro*, *Caetano Veloso*, *Nação Zumbi* etc.

Com a formatura de Thomaz, a *Isso é Meio* se empolgou para voltar a se reunir. Tivemos nosso primeiro ensaio em um estúdio, que deixava tudo muito mais práticos em termos de montagem e instalação dos equipamentos, e também nos dava um retorno de maior qualidade acerca de nosso som. Já estávamos calculando a questão de tempo e custos para tornar a prática de ensaio em estúdio algo regular; entretanto, com o advento da Pandemia de COVID-19, esses planos ficaram em suspenso.

2.2 TRABALHO

2.2.1 Ser inventor

Nas minhas memórias de infância, quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescer – isto é, com o que eu gostaria de trabalhar quando crescer – eu dizia que queria ser inventor. Por vezes, os adultos, achando engraçada a peculiaridade da resposta, contavam isso a outros adultos, mas usando o termo “cientista” ao invés de “inventor”, o que me fez acreditar que poderia haver alguma relação entre as palavras “inventor” e “cientista”. Depois descobri que não havia uma profissão chamada “inventor”, assim como existia “bombeiro”, “médico”, “advogado” etc.

Quando eu tinha treze anos, queria fazer um curso de inglês. Fui com minha mãe a uma dessas escolas especializadas e o valor da mensalidade era muito caro, mas nos ofereceram uma bolsa de 40% em troca de eu entregar alguns panfletos para eles. Consegui fazer três semestres, mas mesmo com a bolsa, o valor ainda ficava pesado. Na época, existia um certo ranço entre crianças de escola pública com crianças que estudavam em escola particular. Não sei se existia o ranço inverso, eu era o único da turma que estudava em escola pública. De qualquer forma as outras crianças eram legais. Eu achava um pouco diferente a relação dos professores com os alunos. Os alunos se sentiam um pouco mais livres para fazer ou falar certas coisas. Hoje penso que como os alunos eram clientes, os professores ficavam meio receosos de intervir em certas coisas. Em algum momento, os donos dessa escola perguntaram se eu não queria trocar de turma porque não me viam bem adaptado àquela. Perguntaram se eu não queria ir para uma turma mais “pé no chão”. Até hoje não entendi muito bem o que aquilo queria dizer. No mesmo ano, o pai de um amigo tinha uma revista que era distribuída nos estabelecimentos de algumas cidades da região metropolitana no final do mês e me convidou para ajudar. Participei por três meses. Lembro da sensação boa que era chegar em casa e poder comprar uma Coca-Cola gelada depois do dia andando pelas ruas das cidades. Considero essas as minhas primeiras experiências de aproximação com o trabalho.

Realizei o Ensino Médio integrado a um curso técnico em eletrotécnica e o estágio para conclusão desse curso em uma microempresa de automação industrial na qual a maior parte da força de trabalho provinha dos estagiários. Foi

meu primeiro trabalho em tempo integral. Instalávamos os componentes elétricos das máquinas. Alguns dias passávamos praticamente dentro das máquinas, e, no calor de um pavilhão com telhado de zinco em um dia de 40°C, eu olhava com um certo olhar ressentido para a cabine onde estava a equipe administrativa, que trabalhava com ar-condicionado, que não voltava para casa em um ônibus lotado, encharcada de suor, suja de graxa ou com os braços cheios de arranhões e machucados por 500 reais/mês. Mas era legal ver as máquinas funcionando depois de semanas trabalhando nelas.

2.2.2 Trabalhar e estudar

Nesse período, estava ocorrendo a segunda chamada para o pleito de bolsas de estudo do Programa Universidade para Todos (PROUNI). Eu havia prestado a prova no ano anterior, mas não tinha conferido a minha nota na primeira chamada. Em um dia em que uma colega de estágio estava conferindo a nota dela, pedi sua ajuda para conferir a minha e ver se tinha alguma possibilidade de conseguir uma vaga em algum curso. Me inscrevi em psicologia. Na época me soou meio aleatório, mas hoje eu imagino que pode ter alguma relação com a busca por um “trabalho de ar-condicionado”, que achava que poderia ser mais leve. Uma motivação nada nobre como “ajudar as pessoas”, ou “sempre fui um bom ouvinte” etc. De qualquer forma, fui muito inocente ao pensar psicólogas e psicólogos teriam um tipo de trabalho mais leve. Até é possível exercer uma “psicologia de ar-condicionado”, mas o preço a se pagar por isso seria o de carregar o peso dos mais pesados, que é justamente o de ignorar o peso que se carrega.

Não estava no meu planejamento de vida realizar um curso superior. Até o momento da entrevista com a assistente social eu estava meio descrente de que conseguiria a bolsa e, portanto, não tinha nem os documentos todos providenciados no último dia. A assistente social me deu um choque na conversa que tivemos. Não lembro o que ela falou, mas me fez desejar estar ali e correr atrás dos documentos faltantes. Foi uma correria, mas no fim deu tudo certo. Fiquei por um tempo desempregado e contando com o apoio de meus pais, que estão aposentados. Ia à universidade de carona com o meu irmão, que também tinha conseguido uma bolsa de estudos, mas acabou trancando o seu curso.

Fez-se necessário arranjar um emprego para arcar com os custos da graduação como transporte, material, alimentação etc.

Nos classificados do jornal, vi o anúncio de uma metalúrgica da cidade, que fabricava acessórios para calçados, e que precisava de um electricista para fazer a manutenção das máquinas. Entrei em contato e fizemos uma entrevista. Me contrataram e, considerando que tinha pouca experiência, meu salário seria “proporcional”. A rotina era um tanto caótica. Como não existia documentação das máquinas, e como eu não tinha experiência, o procedimento de manutenção era meio na tentativa e erro. Era um ambiente bastante quente e todos usavam um uniforme de tecido grosso. Eu ainda tinha uma certa mobilidade entre as dependências da fábrica. A maioria das pessoas, que ficavam na produção, tinha que ficar o dia todo de pé na frente de uma prensa quente. Se as pessoas iam muitas vezes ao bebedouro tomar água, instalavam-se comentários de que a pessoa estava “matando serviço”.

Certa feita eu estava sentado em uma caixa de ferramentas e meus colegas da manutenção vieram me avisar que eu não podia parecer que não estava fazendo nada. Se não havia máquinas para consertar, eu deveria pegar uma vassoura e fingir que estava varrendo a nossa área. Em algum momento, começaram a se interessar pela minha vida pessoal e perguntaram se eu era casado. Com a negativa da resposta, disseram que “me arranjariam um corpo” ali na empresa, pois se eu não era casado e nem estava namorando, as pessoas na empresa “começariam a falar”. Ficava meio apertado trabalhar ali em relação ao tempo que eu tinha para voltar para casa de bicicleta, tomar banho, comer alguma coisa e a van que ia para a universidade chegar. Além de que estava sempre cansado de noite para conseguir aproveitar as aulas. Decidi sair de lá.

Alguns meses depois, fui contratado por uma eletrônica que fazia manutenções gerais em residências e empresas, além de instalações de sistemas de segurança e vigilância. A rotina era bem mais leve que a metalúrgica, mas sempre havia uma incerteza quanto ao horário que chegaríamos de volta na empresa. Se chegássemos meia hora antes de terminar o expediente e havia algum chamado pendente, eles nos enviavam mesmo que era certo de que não conseguiríamos resolver o problema a tempo de voltar. A estratégia da equipe para lidar com isso era de não correr muito para resolver todos os problemas. Mesmo assim, havia os problemas do horário apertado para

chegar a tempo de pegar a van para a aula e do cansaço. Também decidi sair de lá. Isso virou motivo de brincadeira entre meus amigos, pois não conseguia ficar muito tempo em um emprego.

O emprego seguinte foi em uma empresa que vendia e instalava equipamentos de home theater e automação residencial. Era bacana ver as casas funcionando com tudo automático, controlado pelo celular e tablet. Arquitetos planejavam a intensidade que cada lâmpada deveria ficar acesa em um ambiente definindo cenas de luz. Cortinas que abriam sozinhas, música que tocava em caixas de som instaladas pela casa inteira, até nos banheiros. Home theaters de alta definição, televisões gigantescas e finíssimas. Tudo isso por preços estratosféricos (a meu ver, é claro). Entretanto, o problema do cansaço e da instabilidade dos horários se mantinha. Nessa época estava pensando em desistir do curso de psicologia. Um amigo meu que tinha ido morar em Curitiba e veio me visitar, em seu diagnóstico me disse que eu estava muito distanciado do curso; que eu deveria viver uma imersão no curso antes de desistir. Aceitando sua sugestão, juntei um certo dinheiro e saí da empresa.

2.2.3 Estudar “apenas”

A universidade tinha um programa de auxílio aos bolsistas do PROUNI chamado Programa de Inclusão Educacional Acadêmica (PIEA), proporcionando auxílio no valor do transporte e alimentação. Reuni a documentação necessária e consegui o acesso ao auxílio. O semestre em que pude me dedicar de forma mais imersiva aos estudos foi muito produtivo. Passei a cursar as disciplinas principalmente durante o dia; as discussões que aconteciam nas diferentes disciplinas pareciam se relacionar mais; eu tinha tempo para realizar as leituras obrigatórias e complementares; podia ficar estudando na biblioteca ou em qualquer outro lugar do campus porque durante o dia tudo era mais calmo, enquanto de noite era sempre uma correria.

Foi assim por dois semestres, até que comecei um estágio extracurricular de psicologia em uma escola municipal de ensino fundamental, realizando uma função chamada de auxiliar de inclusão. A experiência de estar na escola foi muito rica em termos de vinculação com as crianças e com os trabalhadores. Foi a primeira experiência de trabalho que tive em que senti que as pessoas valorizavam as coisas que eu fazia. Nos outros lugares estávamos sempre

correndo contra o tempo, sempre em dívida, sempre em falta, nunca nada estava bom, e se estava não fazíamos mais que a nossa obrigação porque estávamos ganhando para isso. Nessa escola, a diretora me disse que no turno da tarde, que era o turno da criança que eu acompanharia, eu precisava estar lá com ela; mas nas outras horas, eu poderia me dedicar “às minhas invenções”.

A criança que eu acompanhava era uma menina de seis anos. Ela falava de um jeito que não dava para entendê-la muito bem, além de ter algumas dificuldades motoras e não se relacionar muito com os colegas. Tinha um diagnóstico, mas saber aquela palavra não me ajudou muito. Eu não sei o quanto minha presença fez alguma diferença para que isso acontecesse, mas eu testemunhei uma mudança no modo com ela passou a se relacionar com as outras crianças e no modo como as outras crianças passaram a se relacionar com ela e; no modo com ela se comunicava com as pessoas e expressava seus afetos e as coisas que ela queria. Foi algo muito bonito de se ver. E não só com ela. Nos quase dois anos que fiquei com essa turma, vi um pedacinho do crescimento de cada uma das crianças.

Nos anos seguintes continuei me relacionando com a escola: me convidaram para ser avaliador da feira de ciências e para tocar violão junto com a professora de música; o professor de educação física e as crianças da turma dela na reinauguração da escola, depois que recebeu uma reforma. Reforma tão esperada, que modernizou toda a estrutura e deixou tudo mais confortável e viável para o seu funcionamento, mas apagou espaços com os quais eu conservava uma afetividade, como por exemplo a porta da sala da informática que era superdifícil de abrir, mas que tinha sido instalada por pessoas da comunidade depois que a estrutura sofreu um incêndio, ou dos sustos que a gente levava quando retirávamos algum livro da estante da biblioteca e atrás havia alguma perereca, pois a escola era próxima a um banhado. Hoje quase todos os trabalhadores estão em outros locais; e as crianças já não estão mais lá, mas ficou as memórias as amizades.

2.2.4 Encontro com o acolhimento institucional

Depois do estágio extracurricular na escola, passei a realizar um estágio curricular em uma ONG de acolhimento institucional no sistema casas-lar para crianças e adolescentes. Era uma ONG que possui como uma das bases de

suas práticas a religião evangélica, então os profissionais compartilhavam isso entre eles. Minha família tem uma certa tradição católica; eu cheguei a fazer catequese, crisma e até a participar de um grupo de jovens, mas me distanciei e rompi com a religião. Na entrevista com a psicóloga que veio a ser minha supervisora, ficou nítido que esse seria um território de certo cuidado entre ambas as partes, no sentido de que eu tentaria ter um olhar mais aberto em relação a essa questão, e ao mesmo tempo, a instituição teria um cuidado em não colocar em mim certas demandas com as quais eu não me identificava. De fato, percebi a equipe técnica da ONG investia cada vez mais em critérios que eu diria “técnicos” de atuação. Particpei, junto às cuidadoras, de um curso de Educador Social em Porto Alegre, em que se discutia as principais legislações que embasavam a atuação no acolhimento institucional.

O estágio era de dois semestres. No primeiro semestre, o objetivo era que acompanhássemos a equipe e a supervisora em suas atividades e desenvolvêssemos um projeto de intervenção a partir das demandas identificadas. No segundo semestre, o objetivo era a execução do projeto e análise. Ocorre que, ao entrar no prédio da equipe técnica, passei por uma sala de música, com uma bateria montada, violões, um baixo, microfones e amplificadores, o que me gerou bastante curiosidade. Poucos minutos depois, estávamos entrando em um acordo de que eu conduziria uma oficina de música com adolescentes do espaço, o que gerou uma certa confusão em relação às propostas de observação/intervenção do estágio.

Em todo caso, a oficina foi muito produtiva. Como eu não tenho formação em ensino da música e instrumentos, a proposta era coordenar momentos em que se reuniam alguns adolescentes que já tinham algum contato com algum instrumento para que pudéssemos tocar junto algumas músicas de seu interesse. Tocamos em alguns eventos da instituição para mostrar as músicas que aprendíamos a tocar juntos. Ao final de um ano de estágio, era uma prática comum os estagiários das turmas da universidade organizarem um evento de comunicação das experiências de estágio. Em algum momento de algum encontro da oficina, os adolescentes ficaram curiosos quanto ao lugar em que eu estudava e sugeriram de tocar lá. Fizemos a proposta aos gestores da instituição e nos apoiaram, proporcionando transporte e uma verba para realizar um lanche. Foi um momento muito bacana. Continuei indo alguns anos depois

para fazer algumas visitas à instituição e eles sempre lembravam desse momento com muito carinho.

2.2.5 Serviço escola

Depois desse estágio, que era o estágio básico; realizei o estágio profissional, de três semestres, no serviço-escola interdisciplinar da universidade. Era um projeto composto por vários outros subprojetos nos quais poderíamos manifestar nosso interesse em participar, dividindo a nossa carga horária entre eles. Era obrigatório atender individualmente pelo menos por dois semestres. No primeiro semestre eu não me interessei por atender individualmente. Em vez disso, participei da coordenação de uma oficina de contos com crianças e de um grupo de adolescentes, além de um projeto de editoração de um caderno de reunião dos relatos das experiências das estagiárias e estagiários. No segundo semestre, comecei a atender individualmente e continuei no grupo de adolescentes; e no terceiro semestre, continuei atendendo individualmente e participei de um subprojeto de inserção em uma Unidade Básica de Saúde (UBS)/ Estratégia Saúde da Família (ESF), onde, em uma atividade conjunta dos cursos de enfermagem, fisioterapia, nutrição e psicologia, nos dividíamos em microequipes interdisciplinares referenciadas a usuários com dificuldade de mobilidade até a UBS/ESF e suas famílias em um bairro de São Leopoldo, fazendo-lhes visitas semanais.

O trabalho na UBS/ESF envolveu o desafio de trabalhar com diferentes formas de conhecimento e de atuação. Na família que o meu grupo visitava, o pessoal da fisioterapia chegou todo equipado, com planilhas e testes, e eu cheguei só com o corpo. Me perguntaram se eu não levaria nem ao menos nada para anotar e eu disse que não. Tinha a percepção de que, como visitaríamos semanalmente aquela família, poderia construir um olhar mais orgânico da forma de se relacionar com a família. Pode parecer algo bastante simplista, mas na verdade foi bem difícil sustentar e justificar a minha presença em meio aos profissionais da fisioterapia que chegaram já sabendo o que fazer, o que perguntar, onde olhar, etc. Fazia parte da inserção da psicologia nessa atividade construir um lugar de atendimento na atenção básica para esse campo de conhecimento. Também fazia parte da atividade a atualização do Plano Terapêutico Singular do paciente de referência em conjunto, que também foi algo

bastante desafiador para se construir em conjunto em função das diferentes linguagens em que estávamos acostumados a habitar.

2.2.6 CREAS

Junto ao terceiro semestre desse estágio, fui chamado, referente a um concurso que havia feito dois anos atrás, para assumir a vaga de assistente administrativo em um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Faz parte da equipe prevista para a Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social (NOB-RH/SUAS), que o CREAS do porte desse município possuía dois assistentes administrativos. Na verdade, de acordo com a norma, com o número de famílias referenciadas mensalmente nesse CREAS, a equipe deveria ser o dobro de tamanho, ou então deveria ter mais uma unidade. Isso posso falar tranquilamente pois são dados que estão dispostos ao público.

Antes de entrar no CREAS, eu até tinha uma ideia de que era um serviço que atendia pessoas que sofreram violações de direitos, mas nada muito além disso. No momento desta escrita, faz pouco mais de dois anos que estou lá e ainda estou constantemente aprendendo sobre seu funcionamento, que é extremamente complexo, e pelo meu entendimento até esse ponto, não existe uma forma de atuar que seja “a correta”. Existem leis, normas e diretrizes que orientam a atuação em diversas situações atendidas, mas a forma de atuar pode acontecer de muitas maneiras possíveis. Além disso, pressupõe-se deveria haver uma articulação entre a rede de serviços socioassistenciais e entre as redes de outros setores como educação, saúde, defensoria civil, segurança etc.; e não dá para dizer que não há, mas também não dá para dizer que é algo muito bem articulado.

Quando entrei no CREAS, o serviço não tinha uma coordenadora. Na verdade, tinha, mas ela coordenava todos os serviços da assistência social do município, então raramente estava no serviço e esse era um funcionamento que se mantinha assim por anos. Nessa configuração, eu sentia que havia uma maior interdependência e cooperação entre os profissionais como equipe. Na maior parte do tempo, não tinha alguém lá para mandar alguém fazer algo, de forma que tudo tinha que ser discutido com a equipe em reunião, ou feito em cooperação. Em contrapartida, nosso trabalho era menos reconhecido pela

gestão, depois ficamos sabendo que as pessoas tinham uma visão um tanto pejorativa do serviço; além de que era muito mais difícil obter recursos e coisas que o serviço necessitava. A pessoa com a qual tínhamos que tratar para fazer solicitações costumava ser bastante agressiva, provavelmente em função de sua rotina de trabalho bastante atarefada, então fazer algum tipo de solicitação envolvia uma preparação emocional e um filtro, limitando-se a pedir somente o imprescindível. Havia um rumor de que o serviço iria mudar de local, mas era meio estranho porque nunca nos deixaram visitar a estrutura, de forma que era difícil se planejar para a mudança sem ter noção da disposição dos espaços. O local antigo onde ficávamos era um imóvel de dois andares com bastante espaço e várias salas com grandes janelas, porém um pouco desgastado.

Quando ocorreu a mudança fomos para um imóvel que antes era uma loja de departamento. Dividiríamos a estrutura com um dos Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) da cidade; com uma divisão geográfica entre os serviços. A divisão ficou um espaço muito maior para o CRAS (que realmente necessitava desse espaço, pois possuía uma equipe maior e várias atividades em grupo); e um corredor de salas para o CREAS. Observamos de início que as salas eram insuficientes para tudo o que precisávamos, o que poderia ter sido prevenido se a equipe tivesse acesso à obra antes dela ficar pronta. Em todo caso, ficaram alguns ajustes e ganhamos mais uma sala e um pequeno depósito. As salas são divididas por divisórias de madeira e pequenas janelas no alto, o que acaba dando uma atmosfera de escritório ao ambiente. Ocorreram algumas mudanças na gestão e foi decidido que o CREAS teria uma coordenadora. A meu ver, tivemos algumas dificuldades em função das muitas mudanças que ocorriam; e ocorriam de forma abrupta, sem diálogo e sem ouvir à equipe; então acredito que essas dificuldades acabaram tendo um certo impacto na relação com a nova coordenadora. De qualquer forma, na minha percepção, houve muitas melhorias no cotidiano de trabalho com alguém que pudesse representar o serviço na relação com a gestão e com as redes.

Uma coisa muito importante no trabalho de um equipamento como o CREAS é o registro das ações realizadas, dos documentos recebidos e enviados, das reuniões, de tudo o que se faz. Primeiro porque é um serviço público, e por esse motivo está sob constante vigilância da comunidade, então é importante ter tudo registrado. Existem certos discursos e percepções acerca

dos funcionários públicos que valeriam análises mais aprofundadas. Minhas especulações aqui levantam rapidamente três questões: a primeira é que os grupos interessados em assumir a gestão da administração municipal se utilizam das falhas da gestão de um partido como capital de sua campanha eleitoral. Nesse sentido, ocorre também que por vezes pessoas que exercem ou exerciam cargos eletivos do Poder Legislativo se fazem valer de suas posições para interferir no funcionamento do serviço por intimidação, e quando não conseguem diretamente no serviço, vão tentando em posições acima nas hierarquias até que alguém cede e chega uma ordem de cima.

A segunda é que existem forças políticas interessadas na privatização dos serviços públicos e que criticam essa modalidade com interesse em argumentar que empresas privadas entregariam um melhor serviço porque as pessoas trabalhariam melhor com medo de ser demitidas, ou porque as pessoas que não trabalham adequadamente seriam efetivamente demitidas. Quanto a isso penso o seguinte. Existe um conceito de competência que opera nas experiências de trabalho. Quando uma pessoa consegue fazer as coisas, e consegue fazer num tempo ágil, e fazer conforme as expectativas da organização, costuma-se atribuir competência a ela; ela se torna uma pessoa competente. Nas fábulas do trabalho neoliberal, quando a pessoa apresenta essa competência, ela vai sendo premiada por isso com maiores remunerações e melhores posições na organização. Mas quando a pessoa não se apresenta competente, espera-se que as organizações a descartem. Mas para onde vão as “pessoas incompetentes”?

Uma vez ouvi uma psicóloga organizacional falando sobre “perfil” nas entrevistas de emprego. É importante avaliar o perfil do candidato à vaga de emprego, porque se não for compatível, o resultado seria que “o pobre trabalhador iria permanecer infeliz naquela vaga”, e a empresa, preocupadíssima com a sua felicidade, não poderia permitir isso. Mas será que tem vaga para todo perfil? Se alguns cargos ganham mais dinheiro, quais são os perfis adequados a esses cargos? O perfil que estudou, e estudou em certos lugares, o perfil que fala outras línguas, que visitou certos lugares, o perfil que tem um certo gênero, e que possui uma certa relação específica com o seu gênero e com os seus

órgãos genitais, o perfil que tem uma certa cor, o perfil que tem urbanidade¹ nas suas relações etc., enfim o perfil que teve uma série de acessos, o homem branco hétero cisgênero de classe média/alta como modelo de perfil. Sendo assim, questiono essa visão acerca de admissibilidade/demissibilidade de pessoas no trabalho. Se o trabalho está posto como condição para que possamos viver, então todo mundo deveria poder trabalhar, se assumimos o pressuposto de que todo mundo deveria poder viver.

A terceira, acredito que seria da ordem de um ressentimento, seria quanto a uma percepção de que o trabalhador público conserva privilégios em relação ao trabalhador do setor privado. O serviço público costuma ser marcado por algo que chamamos de “estabilidade”, que é uma burocracia maior na hora de demitir os trabalhadores, dificultando a possibilidade usar a demissibilidade como forma de coagi-lo a atender às exigências das organizações e dos gestores. Também serve de proteção quando ocorre uma troca dos gestores para que não façam “uma limpa” no quadro de funcionários, colocando só os trabalhadores mais alinhados com suas propostas e mais propensos a atender suas solicitações. E mesmo assim isso ocorre com os trabalhadores dos cargos de vínculo mais frágil, os chamados Cargos em Comissão (CC). Essas três questões nas quais me alonguei um pouco, e, portanto, aqui retomo, são questões pelas quais eu percebo estar o serviço público sob uma constante vigilância. Ressalto que realmente é importante ter um olhar sobre os equipamentos, pois oferecem serviços essenciais à comunidade e o olhar também atua no sentido de prevenir e denunciar abusos de poder, que sim ocorrem. É uma questão bastante complexa, portanto. E para tanto, o registro atua como uma ferramenta mediadora nas relações que se estabelecem.

Quanto poder percorre a tinta de uma caneta! Assim eu vejo a responsabilidade em registrar uma ata de reunião, por exemplo, que é uma de minhas atribuições. Há muita coisa em jogo. Não acredito na neutralidade. Não acho que é possível ser neutro e imparcial frente às forças políticas que nos percorrem e nos constituem, mas o trabalho de produzir um registro coloca aquele que pretende realizá-lo em meio a essas forças, mesmo que por vezes não perceba. O que registrar? Registrar tudo é inviável. Em que sentido será que

¹ Aprendi essa palavra lendo o estatuto dos servidores públicos do meu município.

aquela pessoa quis dizer aquelas palavras? Que verbo utilizar para tentar descrever? Será que ela pontuou, comentou, ressaltou, explicou? Será que isso que essa pessoa falou agora ela gostaria que ficasse registrado em ata?

Outra de minhas atribuições envolve os números. A quantidade de que pessoas foram atendidas mensalmente no CREAS através de um formulário chamado Registro Mensal de Atendimentos (RMA), quantos atendimentos foram realizados, quais as demandas referentes aos atendimentos etc. Aprendi a gostar de planilhas, especialmente aquelas que fazem tudo automaticamente. Gosto de aprender os comandos e fórmulas do editor de planilhas. Algumas vezes, fiquei por horas pensando em como fazer a fórmula fazer um tipo de cálculo específico.

Nesse CREAS, os atendimentos são divididos em segmentos, de forma que a equipe se divide em subequipes. Uma subequipe atende os casos de mulheres que sofreram violência doméstica; outra subequipe atende casos de crianças e adolescentes e adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas; outra atende os casos de violência doméstica e população em situação de rua; outra atende os casos de idosos e pessoas com deficiência. Ainda enquanto assistente administrativo, passei a integrar a equipe das Medidas Socioeducativas (MSE), visitando os locais de cumprimento de Prestação de Serviço à Comunidade (PSC) e conversando com os supervisores sobre a proposta das MSE. A questão da relação dos locais com os adolescentes envolve uma complexidade importante para o trabalho do CREAS. Alguns locais apresentavam uma visão mais punitiva acerca da passagem do adolescente pelo processo de cumprimento de medida, percebendo o seu papel como algozes de uma punição, quando na verdade a proposta era de que outras redes tentassem capturar o adolescente pela via da afetividade e do investimento nele.

Tem um ar um tanto moralista mesmo na proposta das medidas porque, no conflito que a lei, presume-se que a lei sempre está certa, sempre detém a razão sobre as coisas. Então o adolescente que teve algum conflito com a lei deve ser educado e ressocializado na sociedade porque enquanto indivíduo cometeu um ato ilícito. Ocorre que muitas vezes não se pergunta sobre as condições de vida do adolescente para agir de outro modo, para agir dentro da lei. E mesmo perguntando-se isso, estou pressupondo que o modo de vida dentro da lei é o modelo sobre o qual o adolescente deve se submeter. E se o

território das leis é injusto? E se está mais fácil viver dentro da lei para uns do que para outros?

Em dois mil e dezesseis assistimos a um episódio de golpe de Estado no qual a ex-presidenta Dilma Rousseff foi deposta por um processo com roupagens de legalidades. Algumas pessoas dizem que foi legal. Em todo caso, legal ou não, a votação pela admissibilidade do processo de impeachment causou um grande mal-estar na população: obviamente nas pessoas que, assim como eu, achavam aquilo tudo uma grande palhaçada, mas também nas pessoas que queriam que ela fosse deposta. Isso porque todos vimos quem são as pessoas que votam as nossas leis no Congresso. Por essas pessoas que várias dessas leis são feitas. Então cabe uma desconfiança da lei em favor da pessoa que com ela entra em conflito.

Depois de um semestre no CREAS, concluí o estágio profissional, defendi o trabalho de conclusão de curso e me formei. Minha rotina passou a contar com muito mais tempo livre no semestre seguinte. Entretanto, depois desse último semestre em que estava conciliando os horários entre o trabalho no CREAS em uma cidade; o estágio profissional em outra; as aulas de noite e a escrita do trabalho de conclusão de curso; parar abruptamente gerou em mim um efeito de vazio. As horas, antes tão preenchidas e tão movimentadas, passaram a ficar espaçadas, vagarosas.

Em um dos semestres do curso, logo depois que larguei o emprego, havia um dia da semana em que eu tinha aula de manhã, de tarde e de noite, e eu pensava que gostaria de trabalhar na universidade. Gostava de estar lá e passar o dia lá; de ver as pessoas em seus fluxos de noite. Tantas pessoas andando para lá e para cá, cheias de planos e projetos de vida e tendo esperança de que andar para lá e para cá naqueles corredores traria melhoras para suas vidas. Durante o dia tinha vários bancos disponíveis nas diversas paisagens. Dava para ler alguma coisa, ou simplesmente ficar parado esperando o tempo das aulas. Durante a noite era difícil achar um lugar para sentar-se. Tinha sempre alguém comendo um lanche correndo entre o tempo do trabalho e o tempo das aulas; ou nos quinze minutos de intervalo, com ainda mais pressa. Isso começou a me fazer falta no semestre depois de formado. Eu reclamava dessa correria, mas ela deixou uma marca em mim.

Soube da seleção de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPG) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e entrei raspando. Consegui negociar com a gestão da Divisão de Assistência Social a conciliação dos horários. Faria mais horas na segunda, terça e quarta-feira e não trabalharia na quinta-feira, que era o dia em que ocorriam as disciplinas obrigatórias, de manhã e de tarde, e na sexta-feira sairia ao meio dia para dar tempo de pegar o ônibus a Porto Alegre e comparecer à reuniões do grupo de orientação. O semestre foi um andar para lá e para cá diferente, passos mais longos, mas não menos velozes. Voltei à correria, mas também voltei a sentir saudade da lentidão novamente.

2.2.7 Unidade de acolhimento emergencial para pessoas adultas em situação de rua

Em 2020, com a pandemia de Covid-19, passei a integrar uma unidade de acolhimento instaurada emergencialmente para atendimento da população em situação de rua no município, que não possuía um serviço dessa natureza voltado para adultos. Antes o CREAS tinha um espaço de convivência para a população em situação de rua em que era disponibilizado alimentação e acesso à espaço de higiene. Entretanto, com a pandemia, o funcionamento do espaço foi modificado. O acesso à alimentação realizado através da entrega de viandas e o acesso ao espaço para realização de higiene é limitado a um usuário por vez. O trabalho ocorria no formato 12/36, que são doze horas de trabalho para trinta e seis horas de descanso, das dezenove horas da noite às sete horas da manhã. Hoje, depois de ter passado por essa experiência, eu não gostaria de trabalhar nessa configuração novamente. Na prática, trabalha-se todos os dias ininterruptamente, por mais que se costuma dizer que há um dia de folga entre as jornadas de trabalho, por ter mais de vinte e quatro horas de intervalo. O que ocorre é que um dia o trabalho era das dezenove à meia-noite, passava-se a um novo dia em que se trabalhava da meia-noite às sete. Não existia feriados e finais de semana, e por meses trabalhamos sem folgas, até que a Secretaria conseguiu alguém para nos substituir e implantou-se as folgas.

Meu cargo, originalmente era o de assistente administrativo, que foi o cargo para o qual eu fui nomeado através de concurso público. Entretanto, em termos de atribuições, não seria possível trabalhar nesse espaço. Então me

propuseram uma alteração temporária de cargo, como se faz quando alguém de cargo efetivo passa a exercer um cargo de coordenação, por exemplo, em que eu receberia um valor extra por exercer cargo de direção, chefia ou assessoramento (DCA), além de um valor adicional por trabalho noturno e ainda uma gratificação que seria equivalente à insalubridade. Eu aceitei a proposta sem pesquisar muito na legislação e sem perguntar qual seria o valor final que eu receberia. Uma coisa que sempre aconteceu comigo nas entrevistas de emprego foi um certo constrangimento ao perguntar sobre os direitos trabalhistas e valores exatos que eu receberia. E é interessante pensar como os empregadores nunca fizeram muita questão de abrir isso também. Talvez exista aí um certo tabu, como se existisse uma narrativa implícita de que o empregador está fazendo um favor ao trabalhador e sendo muito generoso ao deixá-lo trabalhar em sua empresa, e se o trabalhador pergunta muito estaria sendo ingrato ou algo do tipo.

Enfim, esse caso não era exatamente uma entrevista de emprego, mas acredito que estiveram envolvidos afetos aproximados. Além disso, também, considerando o contexto de pandemia em que todos os dias morrem centenas de pessoas e que a população em situação de rua tem menos condições de se proteger em uma quarentena, o contexto parecia exigir uma certa solidariedade e perguntar acerca das condições nas quais eu trabalharia parecia um ato um tanto mesquinho. Ocorre que a remuneração do novo cargo foi desproporcional ao aumento de trabalho, tanto em termos de carga horária, responsabilidades, condições de trabalho, riscos e impacto que o novo trabalho teve na minha vida. Conversando com a gestão, as opções disponíveis eram o meu retorno ao CREAS, dada a incompatibilidade da remuneração com o trabalho desempenhado ou então alguma outra proposta a ser realizada pela secretaria.

A nova proposta, que na verdade não foi uma proposta, foi uma alteração; implicou em um aumento, mas em um valor ainda consideravelmente inferior ao que receberia se trabalhasse nessa carga horária e nesse horário como assistente administrativo, e ainda que as atribuições que estava exercendo eram de educador social. Às vezes, é um pouco difícil escrever sobre isso. Me pergunto se não estou me queixando de detalhes, se não estou trazendo uma crítica ressentida e vazia, sabendo que a subvalorização salarial é sentida por quase todo mundo, e especialmente sentida no trabalho em seus marcadores

sociais de gênero e cor. Eu aqui reclamando de algo que aconteceu comigo, que é o que muitas pessoas sentem no osso o tempo todo. Sinto a dimensão de privilégio à medida em que para mim, homem branco cisgênero, esse acontecimento soa como uma exceção e não uma regra. Mulheres brancas, homens negros, mulheres negras e pessoas trans e ainda outros grupos sociais tendo que lidar com a subvalorização nos seus trabalhos ou com a dificuldade em conseguir trabalhos por razões discriminatórias e eu aqui reclamando. Ao mesmo tempo, as coisas que trago aqui foram sentidas no meu corpo, que é o corpo que tenho e (a partir) do qual posso falar, de homem branco. São rastros de como os acontecimentos me afetaram.

Meu intuito com esse relato é mais de pensar sobre as forças e a organização das forças do que as pessoas. Também esse relato não deseja ser uma espécie de vingança contra algo que considere uma injustiça. Admito que escrevi muitas cartas que nunca foram enviadas com o intuito de elaborar o que estava acontecendo comigo. Quando falei com a gestão, as representantes se mostraram sensíveis ao que eu trazia, e me pareceu que realmente fizeram o máximo que puderam para resolver a disparidade. Elas mesmas estavam trabalhando em uma configuração muito difícil, tendo que resolver um zilhão de questões da assistência social. Isso já era assim antes, e agora com o agravante da pandemia. Mesmo assim, é de se pensar se a força de trabalho alocada para coordenar uma secretaria de assistência social de um município está recebendo suficiente atenção.

Nesse período em que me encontro imerso nas questões da assistência social, que é relativamente curto comparado a colegas profissionais que estão há décadas, mas em que já é possível observar algumas coisas, questiono o quanto as práticas aqui operadas recebem suficiente atenção. Percebo uma certa desvalorização dos conhecimentos articulados, que pode ser observada no fato de que, dos 12 municípios que compõem o Vale do Rio dos Sinos, apenas uma assistente social ocupa o cargo de Secretária na secretaria referente aos assuntos da assistência social/desenvolvimento social segundo os dados de recursos humanos cadastrados no CadSUAS.

Grande parte dos e das profissionais que ocupam esse cargo não possuem formação em ensino superior, e a maioria possui vínculo empregatício na modalidade de cargo comissionado, o que talvez poderia sustentar a

afirmação de que são profissionais estrategicamente alocados para suportar a gestão eleita, e não necessariamente para gerir as políticas públicas com um certo grau de competência. Isso não quer dizer necessariamente que não se possa desempenhar um bom trabalho, mas apenas para apontar que em relação a outros campos como saúde e educação, que costumam ser geridas por profissionais da saúde e professoras/es, respectivamente, o campo da assistência social é marcado por essa diferenciação de não haver uma preocupação de que o gestor esteja previamente alinhado com as tecnologias daquele campo.

O trabalho na unidade de acolhimento nos colocava o tempo todo em questionamento quanto a se estávamos procedendo da melhor forma possível nas situações que apareciam. Por vezes, tínhamos que intervir em situações de conflito entre os usuários, mas por vezes também tínhamos que mediar a relação com os outros funcionários. Existiam algumas regras ou combinações de convivência que variavam em termos de dureza e flexibilidade. Houve casos em que se praticou a suspensão temporária do acesso de usuários devido a atitudes desrespeitosas ou violentas. Entretanto, entendo que através do vínculo desenvolvido foi possível contornar a maior parte das ocorrências. Em geral, os usuários colaboravam com a rotina do serviço e entendiam a construção de algumas possibilidades e impossibilidades no nosso trabalho. Inclusive, a principal forma de intervir nas situações em que havia algum conflito era justamente compartilhando com os usuários sobre o funcionamento dos equipamentos do município e sobre os fluxos e recursos que (não) tínhamos.

A maioria dos usuários eram homens. Muitos deles foram trabalhadores do setor calçadista aqui na região do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, que era um setor bastante aquecido e que, com uma crise no setor próximo à virada do milênio, perderam os seus empregos. Essa pode ser uma afirmação apressada demais, talvez valeria a pena fazer investigações mais aprofundadas; mas muitos contavam com orgulho dos tempos em que trabalhavam em um emprego formal e estável. Atualmente, muitos lidam com uma situação de instabilidade em relação à sua vida financeira e laboral. Para obter algum dinheiro, realiza-se trabalhos esporádicos como em obras ou a venda de balas em sinais. Também, nesse período, alguns conseguiram acesso ao Auxílio

Emergencial e alguns também já eram beneficiários do Programa Bolsa Família. A maioria consome algum tipo de substância psicoativa, lícita ou ilícita.

Depois de cinco meses e meio trabalhando no abrigo, voltei ao CREAS. No começo, estava um tanto difícil retomar a rotina. Um pouco por causa do contexto de pandemia, já que muitas de minhas atividades envolviam saídas externas e conexões com outras entidades. Também porque meu fluxo de trabalho foi se desenvolvendo nas relações com a equipe técnica e a maior parte da equipe foi modificada, então existe um fluxo de trabalho ainda a se construir.

2.3 PESQUISA

2.3.1 Margem de régua

A primeira pesquisa que lembro ter feito foi na quinta série do Ensino Fundamental. Se me lembro bem, o tema era livre e eu fiz sobre alguma coisa relacionada à pré-história. Na época, ainda não tinha acesso à internet, então fui com alguns amigos e amigas, pela primeira vez, à Biblioteca Pública Municipal. Tinha algumas pessoas mais velhas na biblioteca e eu achei estranho pessoas daquela idade estudando (deviam ter aproximadamente vinte anos). Nos fizeram sinal para falarmos mais baixo quando conversamos muito alto. O trabalho foi todo feito à mão, com margens de 1 cm nas páginas e capa. Devia ter umas seis páginas.

Depois, a escola que frequentei no Ensino Médio tinha um forte investimento em pesquisa. Trata-se da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, em Novo Hamburgo. Foi a primeira escola que estudei em outra cidade. A escola fazia uma avaliação socioeconômica das famílias dos alunos e determinava a mensalidade de acordo com as suas condições. No primeiro ano, existia um forte trabalho em torno da construção de um projeto de pesquisa, que era trabalho em várias disciplinas. Eu reprovei o primeiro ano. Desisti logo no começo. Achei que não conseguiria dar conta do nível de exigência da escola. Ia para as aulas. Às vezes faltava às aulas e ficava andando pela escola. Desenhava gatos nas provas de matemática. Uma vez a professora na reunião com os pais falou que um aluno entregou uma prova cheia de desenhos de gatos e nenhum exercício resolvido. Era a minha prova. Mas eu não era o único. No primeiro ano, de trinta alunos, reprovaram dezesseis. Em todo caso, no ano seguinte e nos próximos, consegui passar raspando.

Existe uma feira de ciência e tecnologia muito importante chamada Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia (MOSTRATEC) que é organizada por essa escola. Várias escolas de várias partes do mundo apresentam pesquisas de alunos nessa feira. Alguns colegas eram super geniais e recebiam convites para apresentar seus trabalhos em outros países. Nessa época, eu não estava muito interessado em pesquisa. Queria ser músico. Todo mundo me falava sobre as dificuldades de viver da música, mas eu tinha uma visão talvez romantizada de que tudo daria certo. Ao final do curso, sucumbi. Cortei meu cabelo porque

achava que não conseguiria arranjar um estágio e, posteriormente um emprego. Também cortei porque tinha curiosidade de me ver de cabelo curto depois de quase quatro anos deixando crescer. Foi engraçado as pessoas não me reconhecendo na escola ou na vizinhança. Mas hoje ele já está comprido de novo, e eu me sinto eu mesmo de novo. Quando cortei, depois de um tempo, passei a não me sentir muito eu mesmo, senti que estava tentando ser algo por pressão de outras pessoas. Na verdade, é o tempo todo um jogo constante. Fiz um trabalho de conclusão de curso bem mais ou menos. Fiquei revoltado porque eu queria fazer um medidor de consumo de água e energia que ficava exposto no banheiro na hora do banho, mas um professor disse que não era uma ideia muito comercial.

2.3.2 Entrada na psicologia

Depois de concluir o estágio, entrar para o curso de psicologia e largar o emprego para me dedicar mais aos estudos, como mencionei na seção acerca do trabalho, tive um semestre muito intenso em contato com os territórios da universidade. Às vezes eu ficava sentado em um banco próximo a um lago vendo os gansos. Eu tive aula de metodologia de pesquisa e comecei a me deparar com os vocabulários acerca desse tema. Em uma aula, vieram alunos bolsistas de iniciação científica (IC) falar sobre essa forma de inserção em uma pesquisa. Na seção anterior, também mencionei sobre o auxílio que consegui nessa época, o PIEA. A assistente social com a qual fiz a entrevista para verificar se eu era apto a receber o auxílio, também havia me recomendado que buscasse uma pesquisa para me inserir.

Um dia eu estava assistindo a uma banca de conclusão de curso e, conversando com as pessoas que estavam apresentando, soube de uma vaga em uma pesquisa e me inscrevi. Estava super empolgado, entretanto, não durei mais do que algumas semanas porque não me identifiquei muito com a temática. Nessa etapa do curso, eu tinha uma visão que hoje acho meio fechada sobre ciência. Estava bastante alinhado com os argumentos que hoje não concordo muito. Primeiro, uma ideia de que a ciência traria algum tipo de conhecimento verdadeiro sobre os fenômenos que se propõe a observar; depois, que observando um grande número de pessoas e verificando o que há em comum entre elas, se poderia obter algum tipo de informação acerca de uma essência

do ser humano e que a ciência psicológica seria uma carga de conhecimentos sobre essa essência.

Uma amiga e colega de curso estava fazendo a disciplina de psicologia social e disse que achava que eu iria gostar. No semestre seguinte, me matriculei nessa disciplina e de fato gostei. Em geral, outros colegas na disciplina de psicologia social I tiveram contato com autores como Foucault. O professor que ministrou essa disciplina no semestre que eu fiz nos apresentou autores como Silvia Lane, Ignacio Martin-Baró e Paulo Freire e foi lindo. Ele tinha um grupo de pesquisa no qual ele pesquisava um coletivo de teatro de rua por um viés marxista e laciano. Eu tentei participar do grupo, mas por alguma razão que não me lembro, fiquei apenas poucas semanas também. Entretanto, fiquei com vontade de conhecer o tal do Foucault de que muitas pessoas falavam.

As aulas de psicologia social tinham um procedimento que hoje eu penso que me deixaram marcas muito importantes. O professor dedicava, no começo de todas as aulas, um tempo a perguntar sobre as notícias da conjuntura política do país, e todos nós tínhamos dificuldades em articular uma leitura que eu diria crítica. Ficávamos um certo tempo tentando debater os acontecimentos com a ajuda do professor. Uma dificuldade que tive, que até hoje não se resolveu muito bem, foi com a noção de conscientização. Em alguma medida, parecia fácil identificar pessoas que não estavam muito preocupadas com a realidade política do país, às quais poderia se chamar de alienadas. Mas, em algum momento poderia eu me dizer consciente? Estava sempre estudando e lendo e nunca me sentia capaz de dizer que estava consciente da realidade em que vivo. Parece que essa consciência pressupõe uma certa noção de verdade que está sempre fora do alcance.

Quando estava realizando o estágio básico na instituição de acolhimento institucional, pesquisando autores cujas contribuições pudessem servir de base para pensar as práticas, encontrei Winnicott. O conceito de espaço potencial e o quanto os momentos de descontinuidade podem proporcionar experiências de construção de si, além do objeto transicional em sua relação com a cultura foram fundamentais para ensaiar minhas primeiras interlocuções entre música e psicologia. Alguém me falou de um evento sobre música e psicanálise que aconteceria em um instituto de psicologia na cidade vizinha, que também era um lugar em que poderia pleitear uma vaga de estágio profissional. No dia do evento,

quando desci no ônibus, começou um temporal tão forte que meu guarda-chuva foi destruído e eu cheguei no local completamente ensopado. Me senti super mal de estar molhando o local, que estava todo chique e bem-organizado. O evento foi bom. Através dele conheci um pouco da produção de Alfredo Naffah Neto, que foi citado na apresentação.

2.3.3 Encontro com a psicologia institucional

Realizando, mais próximo ao final do curso, as disciplinas de Psicologia Institucional e Clínica Analítico Institucional comecei a desenvolver um importante interesse na filosofia de Nietzsche. Eu achei muito interessante o movimento de ruptura com a tradição filosófica desde Platão e de valorização das diferenças em relação aos modelos; à concepção do mundo como algo impossível de se conhecer por completo, dada a sua mutabilidade o tempo todo; da inexistência de verdades absolutas e eternas e da arte como uma atividade vital. Pudemos propor assim experiências de outras formas de encontro entre colegas de curso, como quando nos dispusemos em quatro pessoas com jalecos brancos em uma sala, iluminados por um projetor ao som de Pink Floyd, e distribuímos pincéis e tinta aos colegas, que neles fizeram bonitas produções.

O meu eu tenho até hoje. Teve também a disciplina optativa de Cinema e Literatura como Práticas Sociais, que em um momento foram criadas aberturas e bolsos no jaleco, depositadas frutas e realizada uma releitura da obra Canibalismo, de Lygia Clark. Nessa obra, as pessoas vendadas se ajoelhavam em volta da pessoa que estava deitada vestindo-o, e comiam as frutas que estavam nos bolsos. Pode parecer meio besta, mas para mim foram experiências muito intensas no sentido de pesquisar outras formas de se relacionar com as pessoas que habitavam aquele espaço, que costumava ser muito formal e distante. O jaleco, todo pintado e cheio de entranhas expostas, eu passei a chamar de Jaleco Antropofágico. Para mim, ele simboliza o quanto a arte e a clínica podem ser um caminho de produção de deslocamento nos encontros estabelecidos.



Figura 5 Foto do jaleco antropofágico (frente)



Figura 6 Foto do jaleco antropofágico (verso)

2.3.4 Iniciação Científica

Mais ou menos nesse tempo, uma amiga que havia conseguido uma bolsa de Iniciação Científica (IC) em um grupo de pesquisa no PPG de Educação da universidade me avisou que o grupo de pesquisa da Professora Betina Schuler estava abrindo processo seletivo para bolsista de IC, e que o grupo trabalhava aproximado de uma perspectiva foucaultiana. Entrei em contato, bastante interessado em poder conhecer e estudar mais sobre esses autores. Em meio ao processo seletivo, descobri que não me aplicaria à vaga pois a bolsa era oferecida na modalidade de desconto na mensalidade da universidade, e eu já era bolsista do PROUNI com desconto integral na mensalidade. Mesmo assim, manifestei o desejo em integrar o grupo como bolsista na modalidade que recebe a compensação em horas complementares. Dias depois, recebi o convite para integrar o grupo.

O grupo e Professora Betina me acolheram muito bem. Graduandas e graduandos, mestrandas e mestrandos, e doutorandas e doutorandos juntos estudando algo em comum; lendo e contribuindo uns para as pesquisas dos outros. A proposta era que eu contribuísse para a pesquisa do grupo e, ao mesmo tempo, desenvolvesse uma pesquisa própria. A partir do desejo de se aproximar mais de um pensamento da música, e de estudar mais a fundo a obra

de Nietzsche, junto com a Professora Betina, desenhamos o plano de pesquisar algo em torno dos usos da música nas escolas. Apresentei um resumo na Mostra de Iniciação Científica e em um evento chamado Conexão Pesquisa. Nesse grupo, tínhamos a prática de que em cada semana alguém trouxesse seus escritos em andamento. Em mim, a leitura desses escritos despertava o desejo de poder citá-los antes mesmo de estarem “prontos”. Até hoje, na verdade, tenho a dúvida de como citar escritas vivas. Como citar uma frase que deixou de existir no trabalho final?

Também tivemos atividades na extensão, frequentando uma escola de ensino fundamental e discutindo práticas de escrita e leitura com professores de uma escola pública de ensino fundamental em São Leopoldo. Foi uma experiência muito rica de encontro com a pesquisa na universidade com os professores que atuavam nas escolas com os alunos, enriquecendo ambas as partes do encontro. Nós, enquanto grupo de pesquisa, à medida em que ouvimos as preocupações no cotidiano dos professores quanto às práticas de escrita e leitura (bem como dos modos de subjetivação operados), e acredito que pudemos propor discussões presentes no grupo pesquisa para pensarmos juntos. Embora poderia se pensar que se tratou de um encontro entre teoria e prática, não entendo dessa forma, pois no grupo de pesquisa a maioria dos integrantes tinham vinculação com a prática da educação, e as discussões despertadas nos encontros na verdade nos ajudavam a pensar nas pesquisas. A proposta do encontro na verdade foi um deslocamento em relação a essa dicotomia.

Minha participação no grupo de pesquisa estava sendo muito produtiva, entretanto, ao ser chamado para assumir o cargo de assistente administrativo, para o qual havia prestado concurso anos antes, não pude recusar, pois estava vivendo no aperto. Em função de que estava realizando ainda o estágio profissional, as disciplinas durante a noite e o trabalho de conclusão de curso, não vi outra saída a não ser “deixar o grupo”, apesar de que nunca me senti completamente desligado dele.

2.3.5 Trabalho de conclusão de curso

Com a chegada do final do curso de psicologia, chega também o momento de elaboração do trabalho de conclusão de curso. No serviço-escola onde fazia

o estágio profissional, por vezes conversava com colegas estagiárias/os sobre seus TCCs e percebia um misto de sofrimento com alegria no percorrer esse processo. O estágio profissional, dividido em três semestres, previa a elaboração de um relatório para cada semestre, ao qual chamávamos de módulo de estágio. O primeiro módulo tinha a proposta de contar sobre o processo de inserção na organização; o segundo módulo tinha a proposta de focar em uma intervenção específica de estágio; e o terceiro tinha uma proposta de levantar uma questão da organização e de trazer um fechamento ao processo de estágio. Essas escritas foram, para mim, muito prazerosas. Tanto pelo processo escrever e montar quanto pela possibilidade de ser lido e receber um retorno cuidadoso sobre a minha escrita. Gostava de experimentar coisas novas para mim nas escritas, arriscar afirmações e conexões entre os conceitos que eu lia.

Para o meu trabalho de conclusão de curso, um ano antes de chegar no efetivo momento de realiza-lo, já havia combinado com o Professor Daniel que ele me orientaria, mesmo sem saber a temática. Alguns semestres antes, ao final de uma aula, Professor Daniel havia me dito que achava que eu tinha potencial para ser um bom psicólogo e que só faltava eu me mostrar mais no curso. Nos semestres seguintes, coloquei esse conselho em prática e tive experiências muito significativas. Portanto, ter o Professor Daniel como orientador e parceiro de composição era muito importante. Eu não sabia nem se faria algo relacionado à música. O acolhimento de sua orientação que tornou isso possível. Disse que meus critérios para convite à orientador foram sobretudo afetivos, e ele me disse que esse era um dos critérios mais importantes. Eis que se desenvolveu o trabalho Partitura de uma Clínica Musicada: composições a partir do *The Dark Side of the Moon*.

Partitura por se tratar de um projeto, algo do universo musical que se coloca em um plano; um rascunho, afinal a partitura não é a música executada, é um guia para lidar com todas as forças da diferença do corpo, dos afetos e do universo em um certo alinhamento. Clínica em uma concepção de Clínica Ampliada. Um tipo de prática ou um conjunto de práticas que visam uma produção de saúde, mas buscando outras linguagens que não o saber biomédico, que apresenta a saúde como algo que se contrapõe o adoecimento e o sintoma em uma dicotomia. Musicada porque as linguagens pela qual se pretendia esse desvio seriam as da música, mais especificamente em três

elementos constitutivos: o ritmo, a melodia e a harmonia. E o The Dark Side of the Moon porque Pink Floyd é uma das minhas bandas favoritas. O exercício feito nessa pesquisa foi o de pensar uma clínica a partir da escuta de um disco com o qual eu estava afetivamente envolvido. Escutar músicas como se escutam vidas, para aprender a escutar vidas como se escutam músicas.

Os três elementos, Ritmo, Melodia e Harmonia, são inseparáveis entre si tanto na música quanto na Clínica Musicada. Assim como o som se apresenta em uma relação de presença e ausência, continuidade e descontinuidade, o elemento Ritmo envolve um jogo direto com essa relação. Portanto, relacionando com as experiências que estava vivenciando no período de Estágio Profissional no Serviço Escola, as continuidades e descontinuidades falavam sobre a adesão ou não dos usuários às propostas e intervenções terapêuticas. As presenças e ausências dos usuários e dos terapeutas no processo, tanto físicas quanto afetivas, discursivas etc. Tudo isso se observa em uma dimensão clinicamente rítmica.

A Melodia se constitui da mesma coisa que o Ritmo, pulsos. Um objeto duro que cai no chão duro produz um som de estalo seco e curto. Entretanto, quando se toca um instrumento mais suscetível a continuar vibrando depois de um ataque, seja uma corda de violão ou uma pele de tambor, por exemplo, as vibrações à medida em que continuam vibrando em uma determinada velocidade, produzem sons mais agudos quanto mais rápidas (mais alta a frequência) forem as vibrações e mais graves quanto mais lentas (mais baixa a frequência). As notas musicais são frequências específicas de som. A Melodia observa esse parâmetro do contínuo grave/agudo, das notas musicais. Ao nome de melodia geralmente se dá a uma nota ou um grupo de notas distribuídos ritmicamente, de forma que a sua sequencialidade produz uma relação de continuidade como a formação de frases em um discurso, as frases melódicas. Na Clínica Musicada, a Melodia é pensada como a dimensão de singularidade de uma existência, que é marcada por repetições e diferenciações.

Já quanto à Harmonia, há uma incorporação do ritmo e da melodia. Um som nunca é um som puro, uma única frequência. São sempre múltiplas frequências simultâneas que se combinam, de forma que, no caso de uma nota musical, a frequência que vibra com maior intensidade é a que dá nome à nota. A relação entre os múltiplos sons contidos em um som constitui um fenômeno

conhecido como série harmônica. Nas histórias da música, em várias culturas, a série harmônica serviu para construir grupos de relações (relações chamadas de intervalos) entre notas, chamados de escalas. Cada grupo, ou cada escala, cada combinação de intervalos, possui uma sonoridade diferente, que confere à música diferentes atmosferas. Sendo assim, uma única nota já é composta por uma multiplicidade de outras notas, que também podem se dividir em múltiplas outras notas e assim por diante. Acontece que uma nota também pode se encontrar com outras notas, o que pode dar origem a um dueto, quando duas notas são tocadas juntas, ou acordes, quando três ou mais notas são tocadas ao mesmo tempo. No contexto da Clínica Musicada, a Harmonia denota uma dimensão política à medida em que tudo se constitui de relações. Somos constituídos de relações, de vibrações em diferentes intensidades, e nos relacionamos o tempo todo com outras relações de relações. Achei importante trazer uma ideia da temática de meu TCC pois ainda não há uma publicação decorrente desse trabalho, mas está em andamento.

Conforme já mencionado, o período de construção do TCC foi concomitante ao momento em que passo a trabalhar em um CREAS como assistente administrativo. Depois de ter passado um semestre como servidor público no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em um município do Vale do Rio dos Sinos, me deparei com uma realidade bastante nova em relação ao que eu prospectava como possibilidade de trabalho. Percebi que os servidores públicos têm de lidar com muita dureza e alguns acabam se endurecendo no processo. Alguns processos se constituem duros e constituem a dureza do serviço público. A escassez de recursos costuma ser uma justificativa ou uma desculpa para que tais processos se constituam de tal forma. Não necessariamente há uma escassez de recursos; mas percebe-se uma escassez nos recursos destinados à Assistência Social/Desenvolvimento Social, mais especificamente.

Para ser um pouco mais específico, exemplifico com a questão do atendimento à população em situação de rua. O atendimento especializado para pessoas em situação de rua envolve o acesso à alimentação e higiene; entretanto, com a limitação de recursos, fica necessário definir critérios de acesso para que o maior número de pessoas possíveis possam acessar esses serviços. Entretanto, tal definição de critérios implica que em algum momento

alguém terá o acesso recusado; seja porque já acessou o serviço na quantidade estipulada por um determinado período, ou por efetivamente não se encaixar nos critérios. Mesmo assim, o tempo todo aparecem situações que desafiam os critérios estabelecidos. Se a decisão é por conceder o acesso, abre-se uma margem para toda uma nova demanda que implicará em um novo cálculo da utilização dos recursos; se a decisão é por recusar a concessão, pode-se estar incorrendo em uma violência ao deixar de prestar amparo a alguém que pode estar realmente precisando. A grande questão é que, em geral, os serviços do SUAS fazem a gestão de migalhas. Isso pude constatar em diálogo com profissionais de outros serviços da região, percebendo que essa é uma realidade um tanto compartilhada.

2.3.6 Novas questões

Pensando que, enquanto funcionários de um equipamento público, ocupamos a posição de agentes do Estado e que, as circunstâncias das organizações de forças do Estado por vezes nos leva a reproduzir essas violências, participei do processo seletivo para ingresso no mestrado no PPG de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Faz parte do processo seletivo a apresentação de um anteprojeto de dissertação, e o meu teve o nome de “Por uma Clínica Transmusicada: a ética musical como intercessor em práticas clínicas”. Em continuidade ao conceito de Clínica Musicada desenvolvido no TCC, imaginei o que chamei de ética musical como uma mediadora dos saberes dos profissionais e usuários de forma a fomentar a busca por rupturas com esses funcionamentos endurecidos nos equipamentos do estado. A ética musical nos elementos identificados como constitutivos da música, o ritmo, melodia e harmonia. Clínica Transmusicada para demarcar um caráter transdisciplinar, algo que não é de apenas um campo de saber – nem mesmo da música – mas que se constrói no transpassar das fronteiras, em um espaço entre, e em conjunto.

O ingresso no mestrado me colocou de encontro a todo um novo universo a se conhecer. Senti que estavam bastante fortalecidas as discussões raciais, de gênero e acerca das relações colonizadas que estabelecemos com determinados autores na pesquisa e na vida, reproduzindo atitudes que atuam no sentido da manutenção de grupos na posição de dominação, o homem branco

européu cisgênero, enquanto as produções das pessoas que não participam desses grupos são desconsideradas, desvalorizadas e até hostilizadas sob a justificativa de critérios montados estruturalmente para favorecer o grupo dominante. Um exemplo, que apreendi da pesquisa de Bruna, colega de grupo de pesquisa, seria quanto aos corpos das citações na “escrita acadêmica”. Quando, em um texto acadêmico, encontramos uma citação em cuja referência está apenas o sobrenome da pessoa que escreveu o texto citado, presumimos se tratar de uma autora ou um autor? Tal exemplo dá pistas de como a língua já determina ou pelo menos pressiona condições para que algumas relações se estabeleçam de determinada forma.

O grupo de pesquisa do qual passei a fazer parte, denominado Políticas do Texto, bem como o apoio sensível de nosso orientador, Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa, foi de importância crucial para que essa escrita se mantivesse viva, sem que suas partes mortas tomassem conta do todo, mas ao contrário, executasse a morte programada de algumas células para que o corpo permanecesse em transformação, processo que aprendi com uma amiga e colega de grupo bióloga ter o nome de apoptose. O grupo é certamente múltiplo e heterogêneo de sentidos quanto à sua existência, mas acredito que entre os sentidos que vibram com maior intensidade está a busca por experiências de cuidado mútuo das escritas e das escritoras/es como estratégia de fortalecimento e resistência frente aos significantes capitalísticos da vida produtiva e dos reguladores meritocráticos do gozo, pensando nas relações eu estabelecemos com a linguagem escrita e buscando construir dispositivos próprios de recusa e acolhimento (COSTA, 2017).

O encontro com essas discussões, um tanto novas para mim até então, exigiu uma certa suspensão da escrita para o início de um processo de reavaliação de si. A grande maioria dos autores que citei em meu anteprojeto eram homens brancos europeus. Um olhar para essa proporção não se trata de apenas se ater na quantidade; mas de questionar a si em relação às experiências com as quais busco conectar em minhas escritas. O considerável desequilíbrio percebido serviu como uma pista para observar que eu estava/estou nesse funcionamento de ouvir mais o que os homens falam, de ouvir mais o que os brancos falam, de ouvir mais o que os europeus falam. O mesmo também pude observar nas bandas e artistas que escuto, em grande maioria homens brancos

que cantam em inglês. Meu trabalho de conclusão de curso envolveu a escuta de músicas da banda inglesa de rock Pink Floyd.

Em setembro de 2019 ocorreu um evento na Unisinos chamado Conversações Cartográficas: Clínica e Pesquisa. Nesse evento, fui convidado junto a alguns colegas para falar sobre as nossas experiências com a pesquisa cartográfica, seguidos por professores que, em um ato cartográfico, faziam uma fala sobre cartografia a partir do que trouxemos. O evento ocorreu em dois dias, e no primeiro dia, no Campus de São Leopoldo, contamos com a presença da Professora Betina Schuler (PPG Educação Unisinos) como cartógrafa em ato; e no segundo dia, no campus de Porto Alegre, o Professor Luciano Bedin da Costa (PPG Psicologia Social e Institucional da UFRGS), meu orientador. Também teve uma fala e experimentação musical do Professor Eduardo Guedes Pacheco, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e uma fala da Psicóloga Maria Célia Detoni. Na experimentação musical, pela primeira vez toquei um instrumento de percussão chamado agogô, mas mesmo sendo bem simples, percebi um estranhamento entre o meu corpo e esse instrumento.

Em novembro de 2019 ocorreu o vigésimo Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (XX enABRAPSO) no qual pude ir com o apoio de um recurso da CAPES para a participação em eventos. A abertura do evento ocorreu no saguão de entrada do Teatro TUCA, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Estávamos próximo às portas de entrada, quando se instalou uma intervenção de tal forma que ficamos na primeira fila. Geralmente em situações de intervenções eu costumo me esgueirar para algum lugar onde eu não precise interagir, porque sou péssimo com reações espontâneas, mas dessa vez não tinha para onde fugir. Iniciou-se uma roda de Jongo, uma dança de origem africana ritmada por tambores, cantada e dançada. As musicistas e músicos convidaram o público a participar da dança de uma forma bem aberta, e várias pessoas foram. Eu senti meu corpo sendo convidado a participar, mas não consegui. Algo em mim me freou nesse momento e até hoje fico me perguntando o quê. Outro dia, nesse evento, apresentando sobre as minhas intenções de pesquisa no grupo de trabalho do qual fazia parte, conheci uma professora que me disse que em sua tese, que envolvia uma aproximação com o samba, sentiu a necessidade de praticar a dança com o

intuito de vive-lo com maior intensidade. Não é nenhuma novidade que a música que marca o corpo.

2.3.7 Pandemia

Em 2020, com o advento da pandemia de Covid-19 e a minha transferência do CREAS para o abrigo, meus movimentos de pesquisa, assim como de muitas outras pessoas, sofreram várias interrupções. Uma pandemia que vinha apresentando quantidades assustadoras de pessoas infectadas e mortas, e ainda está, no tempo dessa escrita. Em um primeiro momento, as pessoas se assustaram bastante e tentaram acolher as orientações de ficar em casa, em quarentena, até que se pudesse pensar em estratégias de cuidado em relação àquilo tudo que era muito novo, mesmo com outros países tendo apresentado experiências recentes antes de chegar efetivamente aqui. Mas a pressão do modo de vida no qual estamos organizados, de que se consuma tudo em fluxo contínuo para que as pessoas possam ter condições mínimas de subsistência para ter o que comer e onde morar, não queria saber de esperar. As vidas das trabalhadoras e trabalhadores eram um risco necessário a se correr para que os grandes empresários não parassem de lucrar.

Isso me fez lembrar uma vez, no estágio do curso técnico, em que estávamos em uma empresa que fabricava pneus e precisávamos fazer uma modificação no painel de uma máquina, mas os representantes da empresa queriam que fizéssemos a modificação com a máquina energizada porque “perdiam um carro a cada minuto em que a máquina estivesse desligada”. Primeiro, um estagiário tentou, sentiu um choque e desistiu; depois fui eu, senti o choque e desisti; depois o terceiro estagiário também sentiu o choque e desistiu, até que o supervisor que estava conosco decidiu negociar algo com o representante da empresa e resolveram desligaram a máquina. Espero que tenham perdido muitos carros naquele dia.

Frente a esse estado de perplexidade em que me encontrava, busquei saídas para continuar o processo de escrita/pesquisa. Uma delas foi justamente a de falar sobre essa dificuldade que se colocou a partir dos novos contextos. Primeiro entendi, junto ao meu orientador, que poderia se tratar de uma questão de atenção, iniciando assim uma escrita que foi marcada por várias feridas ruminativas que nele eram expostas, sinalizadas pela palavra “(travei)” nos

momentos em que esses travamentos ocorriam. Apresentando alguns primeiros ensaios ao grupo de pesquisa, obtive importantes retornos no sentido de considerar a importância dos travamentos para um processo de pesquisa para além de uma perspectiva moral. O travamento é uma fissura no fluxo do tempo capturado pela lógica do produtivismo. Para acessá-lo de alguma forma, faz-se necessária a construção de dispositivos sensíveis de atenção. A discussão acerca da atenção possui uma maior intensidade no campo escolar, na preocupação moderna de como fazer as crianças “prestarem mais atenção” nas aulas, otimizando suas capacidades atencionais e tornando-as mais eficientes.

Considerando a relação tempo/energia/desejo, entrei em um novo processo de travamento. Nessa época, o trabalho no abrigo ficou bastante intenso de forma que eu não conseguia pensar em outras coisas. Sendo assim, em uma nova conversa com o orientador depois de umas semanas sem escrever, mudamos a direção da pesquisa para uma aproximação com a temática do trabalho, ainda (e sempre) com a temática da música presente. A partir de uma escrita sobre a situação na qual me encontrava, percebemos uma relação de certa forma paradoxal entre as atividades com as quais me encontrava implicado: trabalhar, pesquisar e compor/tocar.

3. A PAUSA COMO PARTE DA MÚSICA

As dificuldades e travamentos que tive ao longo do processo de desenho dessa pesquisa não foram exclusividade da pandemia, apesar de sentir que a pandemia amplificou esses efeitos. Conforme já mencionado, foi elaborado um anteprojeto para ingresso no curso de mestrado sobre o qual havia algumas expectativas iniciais em relação à pesquisa que desenvolveria. Entretanto, diante das discussões presenciadas nas disciplinas, nos eventos e nos encontros, o anteprojeto acabou ficando em suspenso para abrir espaço às novas inspirações que viriam. Eu havia, há pouco, saído de um processo de fluxo de escrita no trabalho de conclusão de curso e tinha a expectativa de iniciar um novo fluxo com uma certa facilidade.

Os anos mais recentes do curto período dito democrático no país foram marcados pela visibilidade dada a uma série de ataques às instituições públicas e à população como o golpe de 2016², a aprovação da emenda constitucional que limita os gastos públicos por 20 anos³; a reforma trabalhista⁴; a reforma da previdência⁵; ataques às universidades em forma de cortes orçamentários, desidratação das agências de fomento à pesquisa e declarações públicas por parte dos ministros da educação⁶; ataques aos povos indígenas⁷; à população negra⁸; à comunidade LGBTQ+; às mulheres⁹, crimes ambientais de diversas ordens¹⁰ e uma intenso esforço pela flexibilização das medidas de proteção ao meio-ambiente; o flerte com simbologias autoritárias e genocidas e a performance efetiva de ações autoritárias e genocidas. A eleição do governo em

² Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>

³ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/15/promulgada-emenda-constitucional-do-teto-de-gastos>>

⁴ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/02/aprovada-em-2017-reforma-trabalhista-alterou-regras-para-flexibilizar-o-mercado-de-trabalho>>

⁵ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/11/08/congresso-promulga-reforma-da-previdencia-nesta-terca-feira>>

⁶ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia,c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html>>

⁷ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884>>

⁸ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-11/movimentos-negros-apresentam-56-pedido-de-impeachment-de-bolsonaro-por-negligencia-com-a-pandemia.html>>

⁹ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/ataque-de-bolsonaro-a-mulheres-enfraquece-luta-por-igualdade,e781a5b260f47f3e8e1aa5a106a7043b33m3h55i.htm>>

¹⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/blog/andre-trigueiro/post/2019/06/03/15-pontos-para-entender-os-rumos-da-desastrosa-politica-ambiental-no-governo-bolsonaro.ghtml>>

curso pesou como um grande dificultador, considerando o constante estado de perplexidade que causa com suas ações, com as atitudes do presidente e seus próximos de deboche, ignorância e escárnio para com a população, e também as ações efetivas tomadas pelo governo para desmontar os esforços na existência de uma mínima seguridade social pública e acessível.

A partir de 2020, o mundo é acometido por uma pandemia do vírus Sars-Cov2 cuja infecção desenvolve a enfermidade do Covid-19. O governo federal em voga, que até então vinha negando a importância da ciência - mesmo os discursos científicos mais tradicionais - apresenta uma forte incapacidade de gerenciar essa crise em favor das vidas, ou apresenta uma forte capacidade de gerenciar essa crise em favor da morte, intensificando os seus ataques e explicitando ainda mais a sua indiferença; subestimando os riscos; ignorando as recomendações dos trabalhadores implicados no campo, das entidades internacionais, das universidades e do seu próprio ministério da saúde. Tudo em nome de uma voraz máquina que não pode parar a que chamam de Economia. Aqui não se trata de desconsiderar a importância de se pensar nas condições materiais e de produção e nos recursos necessários para a nossa subsistência, mas ao contrário, de questionar acerca do modo como vivemos na Economia Capitalista. As decisões da atual gestão do governo federal de ignorar os riscos da pandemia e de não tomar medidas cabíveis para a minimização desses riscos custaram à população danos incalculáveis que se somam às mais de duas centenas de milhares de mortes relacionadas à infecção de Covid-19 desde o seu início até o momento dessa escrita, no começo de 2021, e sabe-se lá quantas perdas e danos ainda ocorrerão.

Diante das recomendações de distanciamento social de órgãos como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o próprio Ministério da Saúde antes de ser sufocado, as reuniões, aulas e eventos da universidade passaram a ocorrer no formato EAD (ensino à distância). O que a princípio seria algo facilitador, pois moro numa cidade cuja viagem à Porto Alegre costuma durar 1h30 a 2h, acabou trazendo também uma certa dificuldade, pois as atividades do mestrado passaram a ocorrer no local onde moro, onde durmo, onde descanso, onde toco meu violão, em uma certa invasividade; uma permeabilidade entre diferentes territórios que agora se chocam, se cruzam e se misturam. Na verdade, agora tenho percebido o quanto me era importante esse momento de deslocamento

intermunicipal para decantar os afetos num processo de ruminação maquínica/maquinística. Muita coisa foi lida e escrita em movimento. Agora, o tempo de deslocamento do local onde moro até a sala de aula é de 0h0m0s; instantâneo como uma mensagem no Whatsapp.

Mediante à intensificação do trabalho nos grupos de aplicativos de mensagens - a permeabilidade entre o trabalho e outras esferas da vida – criei dois grupos para conversar consigo mesmo; um grupo que chamo “Diário de Narrativas”, onde registro movimentos, pensamentos e ideias em relação à dissertação e um chamado “Diário de Composições”, que é onde registro movimentos em relação ao meu desejo de compor. Seria sintomática a separação do desejo de compor e da escrita da dissertação?

Em sua pesquisa com cadernos escolares dos anos iniciais do ensino fundamental de 1926 a 2016, a Prof^a Dra. Betina Schuler (2019) investiga a relação que se constitui com o tempo através das práticas de escrita e leitura. Observa um aumento expressivo na quantidade de exercícios diários desenvolvidos pelas crianças ao longo dos anos, em relação com os enunciados “do desempenho, das competências, do excesso de estímulos e de informações”. (ibid, p. 5). Apesar de o exercício desta escrita se realizar em um contexto um tanto diferente dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pretende-se tomar o convite de Schuler de ler e escrever como uma possibilidade de estabelecer uma relação infantil com o tempo, criando para si outros valores, outras possibilidades de se relacionar com o tempo, como a criança da terceira metamorfose anunciada por Zaratustra, “uma roda a girar por si mesma” (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

Com esses acontecimentos, parece quase impossível imaginar que os processos de criação e escrita não tenham sido afetados de alguma forma. No meu caso, tais afecções se apresentaram na forma de uma intensa dificuldade de escrever e de pensar caminhos possíveis para esta escrita, ao que chamei de “travamentos da escrita”. Os travamentos da escrita conservam em si algo de paradoxal. Se colocam como obstáculos a um processo que se supõe que deveria seguir o seu curso, mas que ao mesmo tempo fazem parte do processo. Podemos ignorá-los, trata-los como erros ou como algo indesejado, mas não estaríamos ignorando algo se o nosso objetivo for acompanhar/cartografar algum processo?

A atividade laboral realizada para fins de sustento do pesquisador que vos escreve também sempre esteve presente no processo desta escrita, apesar de que, no início, eu não tinha a intenção de abordar o trabalho como um dos focos desta pesquisa. Mesmo assim, a dimensão do trabalho nela se fez presente. Na minha situação, a atividade de pesquisa e o trabalho que ela envolve está. De certa forma, separada da atividade de trabalho para sustento e a pesquisa que ela envolve. No Brasil, muitos estudantes dos diversos níveis de ensino precisam realizar essa conciliação para conseguir estudar. Em geral, a conciliação do trabalho com a atividade acadêmica se mostra um desafio para o estudante-trabalhador¹¹. O próprio conceito de estudante-trabalhador carrega em si uma diferenciação entre o trabalho e estudo. A educação é tomada como uma mercadoria para qualificar a mão de obra do trabalhador para a atividade laboral, de forma que se coloca como um critério para poder exercer determinadas atividades. Sendo assim, no discurso neoliberal, o trabalhador é responsabilizado pela sua educação de forma que as atividades desempenhadas e a renda alcançada são resultados do mérito de seu próprio esforço.

Vemos, portanto, nos cursos de graduação, muitos trabalhadores conciliando uma vida laboral diurna com a realização de um curso noturno, obrigando-se a exercer as importantes leituras exigidas e atividades em momentos em que poderia ter não só para descansar (no sentido de recuperar as energias para voltar a trabalhar, como se a vida estivesse que estar toda em função do trabalho), mas para qualquer outra coisa, inclusive para cuidar de si. Foucault (2010, p. 34–35) aponta em suas investigações sobre o percurso do conceito de cuidado de si através dos tempos que os espartanos deixavam o trabalho aos servos para que pudessem ocupar consigo mesmos. Apesar de obviamente estarmos em um contexto milenarmente diferente, pode-se observar de um certo ponto de vista, que o trabalho e o cuidado de si nem sempre andam juntos, e por vezes estabelecem relações de exclusão, como entendo acontecer no nosso atual contexto capitalista.

¹¹ Conceito encontrado em uma legislação portuguesa denominada Código do Trabalho (7/2009). Na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) brasileira, a menção que se faz à conciliação entre trabalho e estudo é no caso do estudante com menos de 18 anos, diferente da lei portuguesa que abrange também a pós-graduação. Em todo caso, observa-se em ambas a separação que se faz entre estudo e trabalho.

Sendo assim, como estabelecer com o trabalho outras relações que não a de captura da potência de vida, de criação? Aqui penso ser um ponto de conexão possível com as contribuições da Professora Dra. Jaqueline TITTONI, em suas aproximações do trabalho com a arte. Em um artigo, TITTONI, DIAS e PRUDENTE (2017) trabalham a noção de trabalho como arte, buscando nessa atividade a possibilidade de dar visibilidade ao conhecimento tácito na produção de sensibilidades do cotidiano. Há aí uma pista para o que se pretende com esse empreendimento de escrita, a busca por uma configuração de forças do cotidiano que permita a criação e o deslocamento das possibilidades de modos de vida.

Na unidade de acolhimento, o trabalho me exigiu tanto tempo e energia que se tornou uma pedra no meio do caminho da escrita do projeto de dissertação, e tomando de ensinamento o que fez DRUMMOND DE ANDRADE, senti que precisava fazer algo com ela. É possível pensar com CHARLES COUSTILLE (2017), em seu artigo “O que seria uma tese barthesiana” que sofremos até aqui uma série de panes, levando-nos a abandonar de algum modo várias tentativas de escrita de projetos, muitas vezes desestimuladas pela realidade institucional acadêmica (e pandêmica). Entretanto, os cadáveres dos projetos ainda se fazem aqui presentes, com o intuito de servir de matéria de escrita-composição autofágica para fabricar um objeto de pesquisa.

Aos poucos, fui tentando buscar saídas para os estados de perplexidade que se instalaram. Ocorre que, em função da pandemia, as atividades da universidade foram suspensas por quase um semestre inteiro como medida de prevenção à disseminação da doença. Os encontros presenciais então não estavam mais ocorrendo, e isso me fez perceber o quanto esses encontros impulsionavam o processo de pensamento. Deparar-se com outras pessoas imersas em outras questões por vezes gerava importantes interferências no meu próprio processo de escrita/pensamento/composição.

Talvez parar/travar tenha sido um gesto político do inconsciente em meio a esse fluxo coercitivo. Realizei algumas tentativas de buscar outras direções para a pesquisa e me deparei com processos de travamento, como um corpo que usa a dor para sinalizar a necessidade de parar para que possa se recuperar. Esses travamentos encontram-se presentes neste trabalho expondo as feridas ruminativas do texto. Em um primeiro momento, tinha a intenção de explicitar os momentos de travamento com um marcador (travei); entretanto, a escrita não

permitiu. Acredito que pela necessidade de seguir adiante e de fechar as feridas que o corpo tem, assim o fez o corpo dessa pesquisa.

Mesmo assim, talvez paradoxalmente, cabe pontuar que esses travamentos tiveram um papel muito importante para os próprios processos de escrita que eles interromperam. Sobre a escrita, Elisandro Rodrigues (2020) nos fala sobre o jogo entre continuidade e descontinuidade que movimenta sua produção, um gesto de interrupção entre a palavra pensada e a palavra escrita, “uma suspensão de sentidos antes da nova palavra marcar a folha” (ibid., p.278). Lembro-me, a partir de José Miguel Wisnik (2017), que de forma semelhante, o som carrega consigo os seus silêncios em uma relação de oscilação. Assim como com o som, seria a escrita capaz de produzir ritmos, melodias e harmonias?

Entre as forças que movem essa escrita está um apelo a um direito de demorar, de parar, de interromper, contra o que nos coage o inconsciente colonial-capitalístico conforme afirma Suely Rolnik (2018). Segundo Rodrigues (2020), “a passividade do capitalismo contemporâneo está em não parar de fazer, em não se demorar em pequenos aspectos da vida”. A coerção da obrigatoriedade de produção nos torna passivos ao produzir, pois se trata de uma produção desinvestida de desejo, resultando na reprodução e manutenção desse modo de vida expropriado.

Ao traçar uma história política da velocidade, Vivian Abenshushan (2020) fala dos diferentes tempos associados às diferentes formas de produção. Enquanto o agricultor trabalhava de acordo com o tempo da terra; o artesão com o tempo do corpo; os operários trabalhavam de acordo com o tempo da indústria, sob os pressupostos da eficiência, vigiados por precisos relógios. “O que é um relógio? Uma forma de parcelar a existência em fragmentos definidos e atividades regulamentadas. Um adorno com funções policiais”. (ibid., p.4).

A velocidade foi aprimorada e celebrada conforme as máquinas possibilitavam, até chegar ao ponto (hoje) de que ela já não nos soa mais tão interessante, “talvez porque deixou de ser um meio a nosso serviço para nos transformar em seus servos” (ABENSHUSHAN, 2020, p.15). Fala-se em novos males, “time sickness”, a percepção constante de que o tempo se esvai e que é preciso acelerar o ritmo (ibid., p. 15) ao qual Abenshushan sugere um nome alternativo, “Síndrome do Coelho Branco”. “A minha alucinação é suportar o dia

a dia / E o meu delírio é a experiência com coisas reais” (Alucinação, Belchior, 1976).

Diante da possibilidade de se pensar a velocidade como doença, fico pensando que a pandemia de Covid-19 soou tão aterrorizante apenas porque demanda a interrupção ou desaceleração do fluxo produtivo capitalista, esse foi o grande pânico, a grande comoção das corporações midiáticas e não as vidas das pessoas. Sabia-se que perder trabalhadores seria muito mais custoso (custoso para o lucro que se deixa de obter) do que lidar com o impacto econômico da interrupção. Na verdade, não sei o resultado dessa fórmula, mas o cálculo foi feito. Essa desconfiança se dá considerando que pandemias como a dos mal-estares da velocidade se alastram e passam despercebidas, ignoradas e muito pouca gente sequer cogita em repensar o trabalho.

O tempo ganho com inovações tecnológicas em automatismos quase sempre pende para o lado de se obter mais lucros e mais produção e quase nunca para que possamos ter mais tempo livre e para fazer as coisas com mais calma. Abenshushan (2020, p.20) propõe em sonho a construção de uma Máquina de Lentidão capaz de “desacelerar o tempo e de reconquistar as horas de ócio”. Tal construção seria impossível a não ser pelo recurso da escrita, conforme aponta a autora, que permite-nos estabelecer com o tempo outras relações.

4. PARADOXO

A missão autoimposta de compartilhar aqui algo acerca do paradoxo talvez seja precedida em si por um paradoxo. Por algum motivo, lembro-me de uma cena vivenciada na infância em sala de aula, quando uma professora perguntou à turma se alguém sabia o significado de uma palavra específica e quando uma colega levantou a mão, foi questionada pela professora respondendo: “eu sei o que é, mas não sei explicar”. Na ocasião, parecia que conhecer o significado da palavra estava condicionado ao saber comunica-lo à turma. Mas diante da impossibilidade de comunicar, poder-se-ia concluir, por fim, que ela não sabia o significado da palavra? Se considerarmos o saber a partir de uma perspectiva binária, sabe ou não sabe, verdadeiro ou falso, talvez sim. Entretanto, acredito hoje que alguma aproximação ela tinha com a palavra. Alguma experiência, algum sentido, mesmo que não verbal, havia sido construído no encontro com essa palavra previamente de forma a leva-la a se manifestar na turma, acreditando que seu saber intensivo poderia ser considerado pela professora como de alguma contribuição aos colegas, que não foi o caso. No meu caso atual, sinto que só posso falar do paradoxo se forem consideradas as intensidades da experiência desse encontro.

A palavra “paradoxo” provém etimologicamente do grego onde “*para*” corresponde a uma oposição e “*doxa*” corresponderia a opinião. O paradoxo, portanto, seria uma negação da “*doxa*”, da opinião ou do senso comum, ou uma proposição que se oporia à opinião mais aceita sobre algo. (SANTANA; FIGUEIREDO, 2015). Verifica-se que a “*doxa*” assume diferentes sentidos na obra de diversos pensadores. Consequentemente o paradoxo, por constituir-se em sua negação. De modo geral, a “*doxa*” foi tida como um tipo de conhecimento proveniente da experiência empírica e de acesso imediato, sendo muitas vezes valorado como de mais baixo valor em relação a um tipo conhecimento proveniente da razão, de acesso mais restrito, que hoje corresponde ao conhecimento científico.

O entendimento da existência de uma oposição entre “*doxa*” como opinião e “*episteme*” ou “*aletheia*” como conhecimento verdadeiro era comum entre os filósofos gregos. O conhecimento verdadeiro da “*episteme*” era acessível apenas aos deuses, enquanto aos homens cabia a sabedoria mais frágil e perecível da “*doxa*”. Protágoras, no entanto, divergia ao afirmar a impossibilidade humana de

acessar a sabedoria dos deuses bem como de saber da sua existência, de forma que o conhecimento humano deveria ser a medida que o orienta. (SCHORN, 2011). Platão relacionou a oposição entre “*doxa*” e “*episteme*” aos planos do real a saber, o sensível e o inteligível, conhecidos em seu pensamento. Nesse dualismo, o conhecimento acerca do plano sensível estaria relacionado à “*doxa*”, à opinião, enquanto o conhecimento do plano inteligível estaria associado à “*episteme*”, o conhecimento científico, conhecimento sobre a verdade das ideias e das formas eternas. (SILVA, 2016). Entretanto, diante da natureza sensível do humano, Platão reconhece também a impossibilidade de se fornecer explicações plenamente verdadeiras e inteligíveis, de forma que através da linguagem (que faria uma interface entre os planos), se alcançaria o discurso verossímil, buscando aproximação com o plano inteligível, mas sem ultrapassar os limites do sensível (SCHORN, 2011).

Em Sócrates e Platão, identifica-se uma oposição entre as estratégias argumentativas dialética e retórica, sendo eles mais simpáticos à primeira, que se caracterizaria por uma argumentação supostamente mais direta, objetiva, interessada na pureza dos argumentos, enquanto a retórica, própria dos Sofistas, recorreria a recursos de convencimento no discurso. Sócrates, com o seu método “*elenchus*” (refutação), interpelava as pessoas nas ruas de Atenas com perguntas para verificar a consistência de suas opiniões e demonstrar que as opiniões não constituem conhecimento verdadeiro (SILVA, 2016). Lembro novamente da cena em sala de aula descrita no parágrafo anterior em que a professora interpelou a colega acerca do assunto que ela afirmou conhecer.

Para Aristóteles, que foi discípulo de Platão, dialética e retórica não se oporiam, mas, ao contrário, se complementariam para o alcance do que é plausível ou provável quando não se tem condições de acesso à verdade. Tradicionalmente, entendeu-se, na filosofia, que Aristóteles opôs a lógica à dialética e à retórica enquanto a única disciplina capaz de alcançar a verdade. Entretanto, Lilian Bermejo-Luque (2021) argumenta a possibilidade de entendimento de que as três disciplinas (lógica, dialética e retórica) seriam complementares no fenômeno argumentativo, sendo a lógica responsável por verificar a correção de juízos para julgar um argumento; a retórica em verificar a persuasibilidade de tais juízos e a dialética por “[...]determinar a aceitabilidade dos princípios e evidências dos quais partimos no momento de elaborar tais juízos”

(BERMEJO-LUQUE, 2021), pois, enquanto instrumento para o conhecimento, sua função seria a de “ver quais das nossas opiniões (*endoxa*) são capazes de resistir ao exame cuidadoso” (ibid.).

Dito isso, parece possível o entendimento de que Aristóteles, de forma diferente a Sócrates e Platão, considerava a importância da opinião e do senso comum nas discussões como “*endoxa*”, que seria uma opinião de certa forma consagrada. (SILVA, 2016). Aristóteles rompe com o dualismo de Platão ao afirmar que conhecemos o mundo através dos sentidos e da experiência, sendo o senso comum um saber prático, utilitário, que se diferencia do conhecimento teórico. (BENINCÁ, 2002). De acordo com Kate Crehan (2016), o senso comum em Aristóteles (*koinè aisthèsis*) constituir-se-ia em um extra-sentido, além dos já conhecidos (audição, tato, paladar, olfato e visão), que teria uma função integradora entre os cinco. Seria no começo do século XVIII que o termo adquiriu o seu sentido moderno, como um tipo de conhecimento convencional que dispensaria a sofisticação, em um campo do óbvio.

Argumentos que vinham a contradizer a opinião consagrada eram tidos como paradoxais. As opiniões de filósofos, por exemplo, eram paradoxais por não serem compartilhadas pela maioria e ser em geral motivo de controvérsias (SILVA, 2016). No sexto livro de *Organon*, *Refutações Sofísticas*, Aristóteles (2010) fala sobre o paradoxo como algo para o qual os sofistas buscam conduzir, em debates, seus opositores. Um tipo de opinião extraordinária que se oporia à opinião mais aceita acerca das coisas, confundindo o argumentador como uma armadilha.

A linguagem, condição para a política segundo Aristóteles, é o que media a relação do humano com a essência das coisas através do conhecimento, que pode ser prático, conhecimento acerca dos particulares, quanto teórico, conhecimento acerca dos universais. Para Aristóteles (2010, p. 81),

Os sons emitidos pela fala são símbolos das paixões da alma, [ao passo que] os caracteres escritos [formando palavras] são os símbolos dos sons emitidos pela fala. Como a escrita, também a fala não é a mesma em toda parte [para todas as raças humanas]. Entretanto, as paixões da alma, elas mesmas, das quais esses sons falados e caracteres escritos (palavras) são originalmente signos, são as mesmas em toda parte [para toda a humanidade], como o são

também os objetos dos quais essas paixões são representações ou imagens.

Parece haver em Aristóteles, nas duas formas de conhecimento, uma relação de complementaridade, pois o conhecimento prático, obtido a partir da experiência, pode operar com a realidade à medida em que conhece as suas particularidades, mas desconhece as causas de seus fenômenos, enquanto o conhecimento teórico permite saber acerca das causas à medida em que compreenderia os universais, mas não seria tão efetivo em operar a realidade pelo desconhecimento das particularidades (ARISTÓTELES, 2002, p. 5–6). O filósofo teria sido considerado “filósofo do senso comum” ao valorizar as observações providas da experiência. (GERMANO, 2011).

Apesar de reconhecer a existência e o valor dos saberes prático e teórico, Aristóteles estabelece uma hierarquia entre esses saberes, reconhecendo o teórico (ou teorético) como mais importante e ainda atribuindo à Filosofia Primeira o grau máximo de importância. Resumidamente, a Filosofia Primeira se ocuparia do estudo acerca do Ser e das essências das coisas. Posteriormente, a Filosofia Primeira de Aristóteles foi chamada de Metafísica por Andrônico de Rodes ao sistematizar sua obra no ano 50 a.C. No século XVII, Jacobus Thomasius, um filósofo alemão, propôs a palavra ontologia para designar os estudos da metafísica, mas a palavra metafísica acabou sendo mais disseminada na tradição filosófica. (CHAUI, 2000).

A metafísica de Aristóteles provém de uma esteira Parmenidiana-Platônica, na qual o filósofo Parmênides de Eléia afirmava que a percepção dos sentidos nos proporciona ilusões, não possuindo realidade em si, e contrapondo assim a ideia de Ser como uma referência de algo que é verdadeiro e imutável. Marilena Chauí (2000) afirma que Parmênides participou da transição da cosmologia para a ontologia como objeto de foco na filosofia, uma vez que antes de Parmênides, o objeto de discussão principal dos filósofos era acerca do cosmos e do devir, enquanto movimento do mundo. Após Parmênides, Platão contrapõe-se à ideia de que a percepção do sensível não contém realidade, mas afirma a existência de dois mundos, o mundo sensível e mundo inteligível também conhecido como mundo das ideias. O mundo sensível seria real para Platão, mas se constituiria em uma cópia errante do mundo inteligível, no qual

as ideias e formas seriam perfeitas e imutáveis. Aristóteles discorda de Platão quanto à verdade acerca do Ser encontrar-se no mundo inteligível, afirmando que, através da linguagem e da Filosofia Primeira, era possível conhecê-la (CHAUI, 2000).

Ainda outro aspecto que aqui destaco acerca da filosofia aristotélica é o seu princípio de não-contradição como medida de todas as coisas, como contraposição ao relativismo de Protágoras (LIPPMANN, 2009) quando afirma que “o homem é a medida de todas as coisas, que são que elas são, das coisas não são que elas não são” (LAËRTIOS apud ALVES, 2016). Tal afirmação implica na não existência de um critério absoluto e universal de verdadeiro e falso, ficando a encargo da experiência sensível tal avaliação, podendo haver para cada assunto, ao menos duas afirmações contraditórias (ALVES, 2016). Ora, o princípio da não-contradição é afirmado por Aristóteles justamente para sustentar a essência e a identidade do Ser. Uma coisa não poderia ser e ao mesmo tempo não ser algo.

As filosofias de Aristóteles e Platão foram, de certa forma, incorporadas no cristianismo séculos mais tarde, no medievo. Segundo Chauí (2000), a religião que trazia em si a novidade, em relação às outras religiões antigas, da ideia de evangelização e de tornar-se universal, incorporou elementos da filosofia e da metafísica para converter os intelectuais gregos e imperadores e chefes romanos, uma vez que de acordo com a autora, o cristianismo não precisava de uma filosofia, pois interessava-se mais pela prática da moral e dos preceitos virtuosos do que por uma teoria da realidade; já possuía a ideia de que o Ser era Deus; interessava-se na fé e não na razão teórica, na crença e não no conhecimento, ao contrário do que se apresentava na filosofia até então.

A defesa de uma moral, a oposição entre o bem e o mal, atribuindo o mal à experiência sensível e o bem e a perfeição a uma ideia de Deus, que é por si o Ser modelo da existência são alguns elementos dos elementos característicos desse pensamento, que tiveram como base as postulações dos dois filósofos gregos. Segundo Germano (2011), o cristianismo, sendo uma religião de origem popular e ligada ao apelo comum dos oprimidos, foi transformada pela Igreja Católica Romana em um “credo dogmático e corrompido que negará o acesso direto ao sagrado e condicionará a fé e salvação dos homens à necessária mediação dos líderes da igreja” (p. 117). O autor ainda ressalta a negação

praticada pela Igreja aos textos sagrados, estabelecendo-se ainda essa barreira política na hierarquização de saberes. Acho interessante verificar essa separação e hierarquização de planos também na música da época. Ao traçar uma trajetória das práticas musicais, José Miguel Wisnik (2017) nos traz que a esse período também está associada uma hierarquização no campo das artes tocante à música. De acordo com o autor, enquanto a música praticada pela Igreja com o canto gregoriano, objetivava ao máximo uma sonoridade celestial, incorpórea, a música praticada pelo povo era condenada pelos religiosos, por ser uma música de apelo ao corpo.

De acordo com Germano (2011), com o movimento pela alfabetização impulsionado pela Reforma Protestante, aliado ao nascimento da imprensa, observou-se uma “melhor qualificação” do senso comum. Ainda segundo o autor, “paradoxalmente, a revolução copernicana inaugura um processo contrário em que o conhecimento científico deveria superar os obstáculos dessa forma de saber” (p. 117). A ciência moderna teria nascido “declarando guerra” ao senso comum, hierarquizando os saberes provenientes da razão como superiores aos saberes provenientes dos sentidos. (GERMANO, 2011). Observa-se ainda que as constatações astronômicas de Copérnico, Galileu e Kepler não foram aceitas pelo senso comum, tomado pelo discurso teológico, atribuindo-as a uma ofensa divina que ocasionou na peste e na guerra ocorrente na região da Florença como forma de punição. (BENINCÁ, 2002).

Cabe ressaltar que nos séculos XVI – XVII na Europa, a Igreja Católica ainda detinha importante influência sobre o Estado, vindo a censurar obras, perseguir, julgar, condenar e executar opositores que contrariassem as teses de seus postulados teológicos e cosmológicos de herança aristotélica e ptolomaica acerca da imutabilidade e incorruptibilidade do espaço celeste, bem como da centralidade da Terra em relação ao cosmos. A título de exemplo, cita-se a condenação e execução de Giordano Bruno, queimado vivo em 1600; a censura e proibição a obras e ao pensamento de Nicolau Copérnico, em 1616, o conflito entre Galileu Galilei e as autoridades religiosas, que culminaria na proibição de obras suas e na obrigação a recitar publicamente a renúncia às suas postulações (após aprisionamento e tortura) em 1633. (MARICONDA, 2000). É interessante pensar na relação entre conhecimento e senso comum a partir dessa tensão, pois evidencia a dimensão política da atribuição da posição de conhecimento

válido a um dos sistemas em detrimento de outro. O que se tinha por conhecimento era sustentado institucionalmente pelas autoridades religiosas, que possuía seus representantes nas universidades designados a sustentar as postulações já estabelecidas. (ibid.).

Entretanto, tais tensões encontram-se em um contexto histórico que posteriormente veio a ser classificado como modernidade, tendo seu início no final do século XV, na Renascença e indo até a industrialização inglesa no século XIX (GERMANO, 2011) que se caracterizaria justamente pela ruptura com a fé e com a autoridade da igreja sobre as relações sociais, econômicas e políticas. Observa-se ainda que, entre tantas coisas, o advento da modernidade estaria associado à transição do modelo econômico feudalista, um sistema fechado baseado na agricultura, para o modelo capitalista, baseado na mercadoria e no dinheiro, caracterizando-se “pelo cálculo econômico e pela exploração de todo recurso: natural, humano e técnico”. (ibid., p. 110).

O senso comum como conceito filosófico, segundo Boaventura de Souza Santos (1989), surge no século XVIII como recurso da burguesia em seu projeto de ascensão política, pretendendo-se um senso prudente, razoável, universal. Ressalta ainda que uma vez percebido o êxito de tal uso, o conceito passa a ser desvalorizado como significado de um conhecimento superficial e ilusório. De acordo com Ortiz (1992) em paralelo ao avanço das ciências biológicas e médicas, floresce nesse contexto um distanciamento entre uma cultura popular e uma cultura de elite, na qual o Iluminismo tem um papel fundamental na afirmação de valores como a universalidade, e a racionalidade, de forma a se desvalorizar e reprimir as práticas populares.

René Descartes inicia o Discurso do Método tratando acerca do bom senso (1996, p. 5):

O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual pensa estar tão bem provido dele, que mesmo os que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm. E não é verossímil que todos se enganem a tal respeito; mas isso antes testemunha que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens; e, destarte, que a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais do que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não considerarmos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios, tanto quanto das maiores virtudes, e os que só andam muito lentamente podem avançar muito mais, se seguirem sempre o caminho reto, do

que aqueles que correm e dele se distanciam. (DESCARTES, 1996, p. 5).

Observamos assim acerca do bom senso, que para Descartes, o mesmo se constitui na razão e na capacidade de distinguir o verdadeiro do falso. Enquanto algo é verdadeiro, não pode, ao mesmo tempo ser falso. Parece ser possível entender, a partir de Descartes, que o bom senso se constitui em um critério de acesso ao conhecimento.

Frequentemente observamos, nos escritos acerca da filosofia grega, o filósofo Heráclito de Êfeso sendo colocado como opositor a Parmênides de Eléia. Enquanto o segundo afirmava que o mundo permanece imutável e que a nossa percepção acerca do movimento do mundo consiste em uma ilusão, o primeiro considerava o mundo um fluxo perpétuo em constante mudança. Para Heráclito, a realidade consistiria na “harmonia dos contrários, que não cessam de se transformar uns dos nos outros” (CHAUI, 2000, p. 138). Ambos concordavam em uma diferença entre perceber e pensar; entretanto, enquanto, para Parmênides, perceber seria apreender o mutável do mundo e pensar seria apreender o imutável; para Heráclito o contrário, ou seja, perceber seria apreender o imutável e pensar seria apreender o mutável. De acordo com Rogério Miranda de Almeida (2007), Heráclito aparece como o primeiro cosmologista a afirmar a tensão criativa entre forças “opostas”, como vida e morte, sombra e luz, construção e destruição. A partir da existência de forças diferenciadas, é possível a harmonia ou o paradoxo¹² dos contrários no pensamento do filósofo.

As contribuições heraclitianas vão no sentido de afirmar que o mundo, logo os entes, estão sempre em devir a partir de tensões opostas que se movimentam e modificam os entes, conferindo-lhes uma identidade paradoxal à medida em que comporta a sua afirmação e negação. (NAFFAH NETO, 2010). Um exemplo é o conhecido aforismo de Heráclito: “Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos” (Heráclito apud NAFFAH NETO, 2010). Quando entramos no rio, o rio já não é mais o mesmo e nem nós, seja porque as águas correram, ou seja, porque foram afetadas com a nossa entrada e/ou saída, e nós também não somos mais os mesmos pois, assim como no rio, as

¹² Quis destacar aqui que um dos subcapítulos do livro Eros e Tânatos de Rogério Miranda de Almeida (2007) tem o nome de “a harmonia ou o paradoxo dos ‘contrários’”. Achei interessante essa relação entre harmonia e paradoxo.

tensões em jogo que nos constituem também se movimentaram de tal forma a nos modificar, sendo que assim sustentamos “o rio” por uma operação de referência (inerente à linguagem), da mesma forma que o “eu”. Segundo Naffah Neto (ibid.), a razão paradoxal heraclitiana foi rejeitada pelo racionalismo Socrático-Platônico-Aristotélico, especialmente, pela incompatibilidade com o princípio da não contradição.

Para Gilles Deleuze (2018), o paradoxo é a paixão da Filosofia. O senso comum e o bom senso, manifestações da *doxa*, consistem em uma ortodoxia à qual o paradoxo se opõe. “Subjetivamente, o paradoxo quebra o exercício comum e leva cada faculdade diante de seu próprio limite” (p. 214). Enquanto o senso comum designa identidades fixas e o bom senso afirma um sentido determinável nas coisas, o paradoxo afirma os dois sentidos ao mesmo tempo, destruindo-os. (DELEUZE, 2015). Forças complementares entre si, enquanto o bom senso diz da atribuição de sentidos e direções na linguagem, o senso comum trata-se uma função que atribui à diversidade a forma do Mesmo. Para além do bom senso e do senso comum, a linguagem atinge a sua mais alta potência com a paixão do paradoxo afirmando todos os sentidos ao mesmo tempo e recusando-se a identificação. (ibid.)

Dessa forma, entendo os paradoxos como fenômenos que envolvem a linguagem na sua tentativa de dar sentido aos acontecimentos, à experiência. Se tomarmos a distinção que Deleuze (2015) faz a partir dos Estoicos, da existência em duas dimensões, a dos corpos no presente e dos acontecimentos incorporais, podemos pensar o campo da experiência como da ordem dos acontecimentos, que não possuem sentido em si. O acontecimento é passível de uma heterogeneidade de linguagens e sentidos, de forma que, quando se efetua uma tentativa de acessá-lo, referenciá-lo, traduzi-lo, sempre se faz de maneira parcial; não sendo possível esgotá-lo em sua completude. A linguagem dá corpo aos acontecimentos, ou seja, está envolvida com uma certa transição de uma dimensão dos incorporais para a dimensão dos corporais e, portanto, dos limites. Eis que Deleuze afirma que é a linguagem que fixa esses limites, mas ao mesmo tempo, que tem a potência para ultrapassá-los na direção de um puro devir. (ibid.).

O que está em jogo são políticas de lidações com a linguagem e com a experiência. Não se trata de advogar por um ou outro conjunto de palavras ou

de evitar palavras específicas; falar ou escrever de um jeito ou de outro, mas de pensar as linguagens existentes e inexistentes como associadas a certos impulsos ético-estéticos. Impulsos de conservar; de percorrer circuitos já existentes; de manter estruturas já consolidadas ou impulsos de criar; de buscar a transgressão de fronteiras. O paradoxo maior é a observação da necessidade de que esses dois impulsos de naturezas tão distintas se choquem para que a existência se faça possível. Tais impulsos são ilustrados por Nietzsche em sua obra, já desde o seu primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia* (NIETZSCHE, 2007b) pelo par dos deuses gregos Apolo e Dionísio. Enquanto Apolo estaria associado aos impulsos estéticos de conservação, de delimitação de fronteiras, das formas; Dionísio estaria associado aos impulsos de difusão das barreiras, de embriaguez, de dissolução de si e de uma confusão de si com o mundo. Ambos os impulsos são importantes, mas o impulso de criação aparece como o mais urgente.

Como pensar a relação entre senso comum, bom senso, conhecimento e paradoxo nessas configurações aqui descritas? Como vimos até agora, o paradoxo surge como uma negação do senso comum e do bom senso, mas como a noção de senso comum varia ao longo dos tempos, conseqüentemente a sua negação. Vimos também que o senso comum está envolvido em uma tensão entre diferentes estratégias cognitivas e tentativas de ora desqualificá-lo, ora considerá-lo. O que me parece é que o senso comum é mais um campo de embate entre diferentes discursos e o discurso científico toma parte nesse conflito do que uma atitude específica e predefinida.

O período da pandemia de Covid-19 iniciado em 2020 aquece o debate acerca da tensão entre ciência e do senso comum, uma vez que órgãos como a Organização Mundial da Saúde (OMS), que em tese se baseiam em pesquisas científicas para orientar suas ações, recomendaram o distanciamento social como primeira medida para conter a disseminação do vírus pelo mundo. No Brasil, o Ministério da Saúde, que tinha em um primeiro momento como ministro, o médico ortopedista Luiz Henrique Mandetta, sinalizou intenções de acatar as orientações do órgão internacional até que houve uma ruptura no Governo Federal e Mandetta foi substituído por Nelson Teich, médico oncologista, que permaneceu no cargo por menos de um mês, vindo a ser substituído pelo militar Eduardo Pazuello, que permaneceu no Ministério por aproximadamente 10

meses, sendo substituído após pelo médico cardiologista Marcelo Queiroga, que permanece no cargo até a data da escrita deste parágrafo.

Tal tensionamento no Governo Federal aparentemente se deu devido à explícita posição negacionista em relação à ciência adotada pela cúpula do Governo, frequentemente buscando minimizar os riscos e possíveis impactos da pandemia em declarações do presidente e de outras lideranças, tanto oficiais quanto extraoficiais. A justificativa a que recorreu o Governo para a adoção de tal postura seria a preocupação com a Economia Nacional, colocando assim em oposição a saúde e a vida da população contra as necessidades econômicas do país. Depois, quando a iminência de vacinas assumia maior materialidade, ainda se constatou a postura vacilante por parte do Governo, iniciando a disponibilização de vacinas com importante atraso em relação ao que podia ter ocorrido, enquanto milhares de pessoas se contaminavam e morriam todos os dias.

Um filme recentemente lançado, em 2021, Não Olhe para Cima, dirigido por Adam McKay, retrata a situação em que cientistas descobrem a iminente colisão de um cometa com o Planeta Terra e acabam perdendo a disputa pela conscientização da população a tempo de salvar a humanidade da extinção. É notável a analogia que se estabelece entre a narrativa do filme e a situação atual no planeta. Pudemos observar no contexto da pandemia que, diante da iminente extinção da humanidade, muitos agiram efetivamente no sentido de acelerá-la por interesses econômicos e/ou políticos. Não que ações no sentido de buscar evitar a extinção da humanidade e do planeta não sejam movimentadas também por interesses econômicos e políticos.

Sendo assim, cabe a avaliar se o discurso negacionista da ciência no contexto da pandemia constituir-se-ia em senso comum, e o meu entendimento aqui é que não; mas sim um conjunto de ações visando capturar o senso comum para atingir efeitos políticos específicos. Entretanto, a não correspondência do discurso negacionista com o senso comum não estabelece entre ambos, necessariamente, uma relação paradoxal, uma vez que o discurso negacionista se utiliza de elementos do senso comum na sua retórica. O discurso negacionista não advoga a dúvida, não questiona o que está estabelecido para pensar possíveis alternativas; mas pleiteia para si a chancela de bom senso, de único sentido possível de ser afirmado. Seria o negacionismo mais um aspecto a

constar como manifestação da *doxa*? A questão é que pensar em direção ao paradoxo significa sustentar a complexidade da realidade na qual vivemos. Não pode haver um fim porque não há como prever resultados desse encontro, uma vez que o paradoxo é a indeterminação da linguagem.

Alfredo Naffah Neto (2010) ressalta na obra do psicanalista Donald Winnicott a afirmação de dois tipos de razão: a razão paradoxal e a razão utilitária. A razão paradoxal, simpática à razão heraclitiana, enquanto uma razão subjetiva e afetiva e a razão utilitária, de raiz aristotélica, que é a razão de tipo lógico-formal, voltada às questões práticas da vida, aos códigos sociais e culturais. O autor destaca no pensamento de Winnicott o conceito de espaço potencial como um campo de tradutibilidade bilateral entre essas duas razões. Winnicott (1971) define o espaço potencial como um espaço que se instaura entre o bebê e sua figura cuidadora, no qual a ausência da figura cuidadora obriga o bebê a criar estratégias subjetivas de suportar essa ausência, os chamados objetos transicionais, de forma a construir para si um eu. O espaço potencial é, portanto, um espaço de criatividade de si, se essa ausência não se constituir em abandono.

A atividade criativa de construção de si é, por excelência, para Winnicott (1971), tanto para a criança para o adulto, o brincar: “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem da sua liberdade de criação” (p. 88). Observa que nessa atividade há um elemento paradoxal: o objeto com o qual se brinca é um objeto encontrado, mas ao mesmo tempo criado. Esse paradoxo, para Winnicott, não deve ser solucionado, mas aceito, sustentado. A sustentação do paradoxo tem, portanto, esse potencial de criação, mas uma criação não metafísica, como a cristã em que Deus criou o mundo do nada; uma criação imanente que se dá a partir daquilo que se encontra no mundo.

Em um momento da escrita da dissertação, fui contatado por uma amiga e colega do grupo de pesquisa, Tatiele. Ela perguntou como estava a minha escrita e me contou de uma estratégia que vinha adotando para lidar com as travas da sua escrita, transformando-as em pausa, que era a de brincar de escritora. Preparava toda a ambiência (território) propícia para essa atividade e um drink (que na verdade era suco de melão) e brincava de escrever. Achei genial. Me pergunto se seria o brincar um ritornelo potencial onde se faz esse jogo entre caos e código, caódigo. Ser algo é meio pesado. Precisa de um tremendo

esforço para sustentar, enquanto ao brincar de ser algo se sustenta o paradoxo entre o ser e o não ser (eis a questão). Tatiele (CORRÊA, 2021) produziu uma carta convite ao grupo convidando-nos a brincar no que chamei de manifesto brincante, do qual me declaro aliado.

5. ROTEIRO DE INSPIRAÇÕES METODOLÓGICAS

5.4 CARTOGRAFIA

Conforme já foi mencionado, o percurso de pesquisa que se materializa através deste projeto de dissertação já sofreu várias rupturas, alterações, redesenhos, reinvenções. Ao mesmo tempo, me pergunto se a cada nova tentativa se inicia um percurso novo ou se todas as tentativas foram movimentos de tentar dar forma a um mesmo emaranhado de afetos. Algo que ainda não consegui ou não consigo dizer com os recursos semióticos que tenho à disposição no momento, o que demandaria a criação de tais artifícios.

Entre tantas turbulências, se o meu objetivo fosse traçar um percurso linear, de um começo a um fim, declararia ter fracassado miseravelmente. Contudo, a partir de uma perspectiva cartográfica, entendo que é possível estar sensível a essas flutuações e toma-las como analisadores, pistas de processos que ocorrem e que não sabemos bem quais são e nem como ocorrem. O não-saber é fundamental, pois permite a construção de algo, se não novo, diferente, autoral, tal como uma obra de arte. Eis a importância do paradoxo para a pesquisa cartográfica, pois contrapõe-se ao bom-senso e o senso-comum (DELEUZE, 2015), ou seja, contrapõe-se à determinação de identidades fixas e únicas do discurso.

O não-saber acompanha sempre o saber. A alegria de descobrir algo é acompanhada de uma angústia trágica diante do vasto abismo do desconhecido. Aqueles que creem saber algo, apenas fecham os olhos por vertigem. Trata-se, portanto, de mapear paisagens afetivas fazendo uso de todas as linguagens que se entende por necessárias ou desejáveis, como diz Suely Rolnik (2011). O mapa mostra caminhos traçados e registrados, mas não necessariamente indica um caminho certo a ser seguido. “Eu fui por aqui”. Constroem-se referências e não verdades absolutas.

Em nossa cultura, observamos que, muitas vezes, o que se chama de conhecimento está associado a uma imagem estática. Os verbos que a gente usa para chegar nas palavras revelam muito sobre a política de linguagem em questão. Por exemplo, quando dizemos que o conhecimento é algo que se adquire, em uma relação de posse, propriedade; ou quando se diz que a ciência

descobriu algo, ou seja, desvelou algo que estava coberto pelo manto do desconhecimento, pelo não-saber. Mesmo quando uso a palavra “conhecimento” no singular, como se o que se apreende das experiências fosse algo compartilhável, unificável, universalizável em uma grande massa chamada “o conhecimento”. Não se trata de menosprezar tais políticas de linguagem, mas de ensaiar a ideia de que as palavras e os sentidos operam imagens do pensamento.

Jorge Larrosa (2002) já dizia que as palavras operam o pensamento, ou seja, que pensamos com as palavras. Ao propor o saber pensado a partir do par experiência/sentido, a experiência é tomada como aquilo que nos acontece, como sendo da ordem do acontecimento, algo que não tem sentido por si próprio, ou carrega todos os sentidos possíveis até que se faça um corte através da linguagem. Próximo ao que disse Deleuze (2015) ao mesmo tempo que a linguagem estabelece os limites do pensamento, ela contém em si a potência para transgredi-lo.

Sendo assim, entendo a cartografia como um método que é um campo possibilidades de experimentações epistemológicas à medida em que se busca desviar dos pressupostos metodológicos tradicionais de ciência, orientados por uma tradição filosófica que, dentre diversas referências, tem o pensamento platônico como forte impulsionador delimitando um plano ideal, suprassensível, metafísico como referência de conhecimento válido e verdadeiro, e portanto, como um modelo ante ao qual os simulacros devem ser aniquilados, segundo Deleuze (2015). A própria noção de verdade entra em discussão. Nietzsche, como uma forte referência em termos de oposição ao platonismo, já afirmou que a verdade é um valor que foi inventado e que esqueceu esse estatuto. (NIETZSCHE, 2007c).

A renúncia ao pesado esforço em se aproximar de uma verdade pré-existente e universal é um dos pilares da cartografia enquanto experimentação. Através de um romance filosófico, Nietzsche, em Assim Falou Zaratustra, realiza operações de pensamento que se apresentam de uma forma que pode passar despercebida ao leitor que busca a verdade, pois tais operações se apresentam por metáforas, de modo que se permite vislumbrar o potencial na arte em sua relação com o pensamento. Mas para nós, contemporâneos do início da terceira década do século XXI, Assim Falou Zaratustra é uma referência quase óbvia

como uma obra do pensamento. Me pergunto quanto a outras obras e expressões artísticas que são ignoradas como possíveis faíscas de pensamento e quantas obras filosóficas são ignoradas enquanto possíveis obras de arte. Essa relação entre pensamento e arte mostra que a busca pela verdade é um fardo tão pesado que por vezes nos impede de estar sensíveis ao mundo à vida em suas criações cotidianas. Nos privamos de ver operações de pensamento em coisas que não se apresentam sob essa roupagem de tamanho A4, fonte Arial 12, espaçamento 1,5, possível armadura da besta da escrita acadêmica de Luciano Bedin da Costa:

[13/i] a besta da escrita acadêmica / Na universidade ouve-se sistematicamente o rumor de uma besta cujo rosto ninguém conhece. Evocada à meia voz nos corredores, salas de aula, gabinetes e laboratórios, essa estranha criatura que atende por escrita acadêmica agiganta-se a cada gesto de receio diante do que se lê ou do que se escreve. (COSTA, 2017, p. 35).

Ou escamas do dragão Não-farás nietzschiano:

Qual é o grande dragão, que o espírito não deseja chamar de senhor e deus? “Não-farás” chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz “Eu quero”. / “Não-farás” está no seu caminho, reluzindo em ouro, um animal de escamas, e em cada escama brilha um dourado “Não-farás!”. / Valores milenares brilham nessas escamas, e assim fala o mais poderoso dos dragões: “Todo o valor das coisas brilha em mim”. “Todo o valor já foi criado, e todo o valor criado – sou eu. Em verdade, não deve mais haver ‘Eu quero!’” Assim fala o dragão. (NIETZSCHE, 2018, p. 26)

Talvez como Regina Benevides de Barros e Eduardo Passos (2015) nos falam sobre a cartografia como uma reversão da metodologia tradicional de pesquisa, onde ao invés de se traçar um percurso pré-determinado, permeado por regras já definidas e prescritivas, se opta por traçar um percurso que constantemente se reatualiza e renegocia suas próprias condições de existência; de forma similar seja possível reverter as relações entre arte e pesquisa. Não uma pesquisa da arte, mas a arte da pesquisa, ou pelo menos um ensaio, tentativa. Não a busca da arte para a produção de um conhecimento através da pesquisa, mas a produção de uma pesquisa para expandir a arte da existência. A existência enquanto um fenômeno estético, artístico, conforme propunha Nietzsche em seu pensamento, segundo Rosa Maria Dias (2015). Como diz Luciano (COSTA, 2014, p. 76) “só se faz cartografia artistando-se”.

Assim como Deleuze e Guattari (1995) afirmam ao discutir sobre o rizoma, não basta afirmar a multiplicidade, é preciso construí-la. Observa-se que as metáforas discutidas pelo filósofo podem ser pensadas como diferentes políticas do conhecer. O sistema-rizoma possibilita a produção do conhecimento que se toma por invenção, porque não está comprometido com uma unidade, ou uma verdade metafísica, eterna, absoluta. Entende-se o conhecimento como descoberta da verdade como uma construção, assim como a própria ideia de verdade, que assim o esqueceu (NIETZSCHE, 2007a). O compromisso do conhecimento se dá, portanto, para com a vida como multiplicidade. Como não dispomos de condições tipográficas, lexicais ou sintáticas para ouvir o grito de “viva à multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1995), faz-se necessário construí-las, cartografá-las. O tipo de conhecimento que se busca produzir possui muito mais um caráter singular, transitório, que busque se inserir na complexidade (PAULON; ROMAGNOLI, 2010) do que um conhecimento totalizante e universalizante.

Adotar, portanto, a cartografia envolve estar aberto à multiplicidade, às afecções provocadas pelos encontros e às múltiplas conexões e acoplamentos que isso pode proporcionar, diferentemente do que acontece em pesquisas orientadas pela política de cognição realista, que toma o mundo como objeto dado a ser conhecido (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015), aos quais correspondem métodos de pesquisa rigidamente estruturados que se deve seguir à risca. Todavia, mais importante que afirmar a cartografia como um método aqui adotado é tomar as inspirações metodológicas ou pistas metodológicas fornecidas para agir tendo a expansão da vida como princípio. Ou seja, mais importante do que perguntar-se se essa pesquisa trata-se de uma cartografia ou não, é perguntar-se o que pode essa pesquisa afirmando-se enquanto cartografia.

O corpo é um elemento chave para essa investigação. Nos encontros entre os corpos se produzem os efeitos aos quais a cartógrafa ou o cartógrafo querem estar sensíveis. Oswaldo Giacoia Júnior (1995) aponta o corpo em Nietzsche como o resultado de um encontro entre forças de diversos sentidos formando uma estrutura. Nessa perspectiva, o corpo é em sua própria constituição conflitante, paradoxal. José Gil (2002) fala do corpo paradoxal, um corpo que se opõe à *doxa* dos corpos, os engendramentos pré-estabelecidos de

corpos possíveis, o corpo trabalhador, o corpo pesquisador, o corpo músico, tomando o paradoxo como potência para possibilitar a emergência de outros corpos em meio e nas fronteiras. Se ao cartógrafo interessa as formações do desejo no campo social como diz Rolnik (2011), o corpo é mais do que um instrumento para a realização desse mapeamento, pois delas é feito. É mais do que um instrumento pois além de produto é também produtor e tais formações, de forma que o saber que se produz a partir desse encontro jamais será neutro, desinteressado, catalogar, mas interventivo, implicado, transformador e paradoxal.

5.5 UM RETORNO À CLÍNICA MUSICADA

Em 2018, defendi o trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia chamado “Partitura de uma Clínica Musicada: Composições a partir do The Dark Side of the Moon”. A proposta do trabalho era a de mapear as intensidades produzidas no encontro do campo da clínica com a música, compondo assim o que viemos, meu orientador na ocasião, Prof. Dr. Daniel Viana Abs da Cruz e eu, a chamar de Clínica Musicada. A Clínica Musicada consiste na tentativa de escutar o encontro clínico como se escuta uma música, e as dimensões tomadas como elementos constituintes, tal qual na música, seriam o elementos musicais ritmo, melodia e harmonia. Na ocasião, tomei o álbum The Dark Side of the Moon, da banda inglesa Pink Floyd como material de escuta, como dispositivo de encontro clínico. A escolha de realizar uma escuta clínica de uma obra de arte partiu do desejo de afirmar a relação entre arte e vida a partir de uma perspectiva estética da existência inspirada pelo pensamento de Nietzsche.

Considerando o que foi exposto aqui acerca da linguagem e do paradoxo, a Clínica Musicada foi cogitada como uma ferramenta para pensar o encontro entre os territórios da música, do trabalho, da pesquisa e outros. Sendo assim, em uma certa continuidade com os estudos levantados em 2018, contando também com atualizações no que vinha pensando até então, decidi junto ao meu orientador Luciano contar com a Clínica Musicada na hora de pensar sobre o encontro com o grupo que abordarei na próxima seção. Algo que se mantém desde então, é a concepção da Clínica Musicada como uma possibilidade de

entendimento, uma possibilidade de dotação de sentido aos acontecimentos, que gera não uma interpretação, mas uma composição a partir daquilo que se toma por objeto de atenção a partir de uma máxima, um princípio ético que deriva do princípio nietzschiano de conceber a música como uma obra de arte: escutar a existência como se escuta uma música.

A questão da clínica na Clínica Musicada inspira-se em uma perspectiva de clínica ampliada, que não se trata de uma clínica da doença individual para a qual se busca uma cura. Para Simone Paulon (2004), ampliar a clínica tem a ver com a ampliação de territórios de existência e de modos de encontro com a clínica, onde inclusive a noção do especialista enquanto território de saber possa ser ampliada. Alfredo Naffah Neto (1994) propõe, a partir de Nietzsche, a prática da psicologia sob um olhar genealógico, buscando estar atento à existência em meio a seus jogos de forças, tensões e efeitos constitutivos.

A Clínica Musicada toma, principalmente, três elementos da música como categorias de análise, a saber: o ritmo, a melodia e a harmonia, que na Clínica Musicada são tomados como Ritmo Clínico, Melodia Clínica e Harmonia Clínica (MATTIELLO, 2018). Na música em ato, esses elementos são inseparáveis, pois um é condição de existência para o outro. Entretanto, a partir da semiótica de Charles Peirce e das matrizes da linguagem e do pensamento de Maria Lúcia Santaella, em especial a matriz sonora, concebe-se uma relação de primeiridade, secundidade e terceiridade entre esses elementos, de forma que o Ritmo se apresenta como o primeiro, como condição para a existência da melodia, que se apresenta como segunda e como condição para a existência da harmonia, que se apresenta como terceira.

O Ritmo Clínico, enquanto primeiro, caracteriza-se por uma atenção às continuidades e discontinuidades dos acontecimentos, bem como seus efeitos. Na música, o Ritmo traz uma primeira dimensão da possibilidade de encontro entre as vozes e instrumentos em questão. Embora esteja vinculado à repetição, o Ritmo se manifesta mais no que difere a cada repetição do que no que se assemelha. Assim também ocorre no Ritmo Clínico. O que nos despertam os encontros e desencontros, continuidades e discontinuidades dos acontecimentos?

A Melodia Clínica, enquanto segunda, caracteriza-se por uma atenção à singularidade dos acontecimentos. Enquanto na música, a melodia trata das

sequências de notas que formam as frases melódicas, de forma similar, a Melodia Clínica trata das sequências dos acontecimentos entendidos em sua dimensão singular. O Ritmo é condição para a melodia de diversas formas. Primeiro que a mudança de altura que difere as notas musicais, ocorre devido a uma variação na frequência em que o sinal sonoro vibra, ou seja, ao ritmo de vibração do sinal, em segundo que para que uma sequência de notas seja executada, ela inevitavelmente necessitará de um ritmo para materializá-la à medida em que o ritmo traz essa relação entre presença e ausência.

Por fim, a Harmonia Clínica, enquanto terceira, caracteriza-se pela atenção às relações entre as singularidades em questão, o que traz a dimensão política dessa leitura. Se na música, a harmonia estuda as relações e os efeitos das relações entre as notas musicais, na Harmonia Clínica estuda-se as relações e os entre os diferentes acontecimentos que permeiam o encontro clínico. Observa-se que de certa forma, a harmonia é condição para a existência da melodia e vice-versa, assim como o ritmo é condição para ambas e ambas são condições para o ritmo.

Uma atualização importante acerca da Clínica Musicada se dá quanto à incorporação do conceito de ritornelo em seu campo de preocupações. Na música, o ritornelo está relacionado ao movimento de repetir um trecho da peça, que é sinalizado na partitura tanto em seu início quanto no ponto em que deve retornar ao seu início. Cria-se assim na música um pequeno território de repetição. Deleuze e Guattari, de certa forma deformam esse conceito, conforme nos diz Luciano (COSTA, 2006), trazendo esse conceito da música e o apresentando como uma questão territorial, de forma a “devolver à terra a sonoridade necessária aos movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização” (p. 28).

Em Mil Platôs Volume 4 (2012), Deleuze e Guattari trazem que o ritornelo seria o que há de propriamente musical da música, o conteúdo da música em si, embora não se saiba exatamente quando começa a música e quando começa o ritornelo, mas um existe em decorrência do outro. Enquanto o ritornelo é territorializante, a música é o que o desterritorializa. Entendo o ritornelo como uma referência que se repete produzindo um território que vai se complexificando. Assim penso talvez o trabalho, a música e a pesquisa como referências que foram se repetidas, que foram associadas àquelas palavras

A questão de se o ritornelo apareceria nessa dissertação foi objeto de dúvida, minha e de Luciano. Apesar de ter sido um dos primeiros conceitos pensados, ele não foi ganhando necessariamente um “corpo” a ponto de demarcar justamente seu território, mas esteve a todo tempo latente. Tanto que eu não lembrava mais porque havia escolhido a palavra território para me referir à música, à pesquisa e ao trabalho, e agora, retornando ao ritornelo, lembro ou invento lembranças. Agora, mais ao final da escrita, o conceito foi ganhando um pouco de intensidade a ponto de ganhar espaço no título do trabalho.

Em algum ponto do percurso, imaginei que o livro póstumo de Felix Guattari chamado *Ritornelos* (2019), publicado pela editora N-1, traria recursos que me ajudariam a operá-lo enquanto conceito. De fato, foi o que aconteceu, mas não da forma como imaginei em um primeiro momento. Fiquei confuso ao me deparar com os fragmentos de fragmentos multirreferenciais. Depois, vendo a descrição do livro no site da editora, vi que era isso mesmo.

“Ritornelos” é uma obra inclassificável. Misto de poesia, relatos autobiográficos, frames do cotidiano, toda potência da escrita esquizo irrompe nessas páginas de alta voltagem poética e imagética. (N-1)

Diante disso, comecei a olhar para os fragmentos narrativos da seção Palavra-Território como ritornelos. Depois, percebi que também na seção Melodia os fragmentos acerca dos dias da semana também como dotados de uma estética ritornelística. Na verdade, existiria alguma coisa na existência que não seria um ritornelo? Eis uma dúvida que fica.

Tendo em vista essas observações, tratarei acerca da experiência de encontro com um grupo e do compartilhamento de registros acerca de suas inserções nos diferentes territórios de existência que convidam a vida na contemporaneidade. Tomarei como ferramenta a Clínica Musicada com a finalidade de, ao mesmo tempo que escutar o encontro clínico como se escuta uma música, tomar as observações e interpretações realizadas no encontro com o material coletado como conteúdo de composição.

5.6 O GRUPO

Diante das muitas “travas” sentidas no processo de escrever, e percebendo que as diversas tentativas ensaísticas até então produzidas traziam

como temáticas comuns a música, a escrita e o trabalho, e que parecia haver entre elas uma relação complexa, de indefinição e de entrecruzamentos, meu orientador propôs o exercício de me (in)escrever em cada um desses três campos. O exercício teve como efeito um intenso fluxo na minha escrita. Pensar e/ou fabular a minha constituição em meio a esses três campos foi uma experiência prazerosa e produziu uma extensão textual interessante. Entretanto, também gerou um voltar a si em tal nível de intensidade que me despertou um receio de soar chato à quem lê, conforme o ditado popular de autoria que desconheço, que afirma que o assunto do chato é a si próprio. A ideia de organizar encontros grupais se deu, portanto, através da percepção de um ensimesmamento na escrita e do receio de que isso tivesse o efeito de limitar o processo de pensamento. O efeito esperado de encontrar com outras pessoas era o de abrir novas perspectivas acerca do encontro entre esses três campos. Sendo assim, nos coube pensar quem comporia esse grupo e como seria esse encontro.

Talvez antes, cabe pensar a relação que se pretendeu estabelecer com essas pessoas que viriam a compor o grupo. Heliana de Barros Conde Rodrigues (2011) ressalta que “somos parte daquilo que supostamente constatamos” (p. 236) em nossas pesquisas, valendo ainda frisar que isso não se constitui em algo a evitar, mas “uma problematização a ser acolhida e debatida naqueles momentos em que nos dispomos, talvez, demasiado vaidosos, ao que se denomina ‘produção de conhecimento’” (ibid.). Sendo assim, não se pretende aqui estabelecer uma hierarquia, ou pretende-se tentar fugir da hierarquia entre sujeito-pesquisador e objeto-pesquisado. Na verdade, eu nem saberia mais se seria sou sujeito ou objeto; ou se os dois ou se nenhum.

A questão é que esse tipo de relação que costuma ser praticado em “investigações” no campo da psicologia pressupõe uma série de procedimentos tendo como objetivo a pureza do dado, a universalização das observações realizadas e o desaparecimento do agente pesquisador enquanto objeto de problematização, escondendo-se “atrás” do véu da neutralidade. A princípio, nenhum desses objetivos são compartilhados nessa escrita-pesquisa. Inclusive os termos pesquisa ou investigação têm me soado estranhos, uma vez que parece que há algo a ser descoberto e o que mais me interessa é a composição. Agora também pressupor que eu componho tudo aquilo que escrevo sem pegar

nada do mundo seria demasiado arrogante. Ou talvez a composição seja uma possibilidade de descobrir e criar ao mesmo tempo.

Não pretendo aqui a universalidade das observações ou observações universalizantes, mas também não pretendo escrever para ninguém. Talvez, tomando de inspiração nietzschiana, uma escrita-pesquisa para todos e para ninguém. Penso que uma alternativa para a universalidade seria o compartilhamento. Escrever coisas que podem ser compartilhadas, tanto no sentido de perceber que há um compartilhamento, que vivenciamos algumas coisas que se compartilham, que somos irmãos na miséria e iguais diante do inimigo¹³; quanto no sentido de que essas coisas podem ser passadas de um para outro, causando afetações e provocações. Busco aqui conexões, parcerias de composição. Interessa-me mais (tentar) criar valores do que carregar o peso da verdade.

Sendo assim, a relação que busquei estabelecer com os participantes do grupo foi relação parecida que busco estabelecer com quem me lê nesse momento: de compartilhamento. Para tanto, a escolha das pessoas que participariam foi pensada no sentido de facilitar esse processo. Portanto, o critério de escolha das pessoas convidadas a participar no grupo foi o de serem, pelo menos segundo o nosso conhecimento, também habitantes dos territórios da música, da pesquisa e do trabalho. A princípio seriam cinco pessoas. Duas sugeridas por meu orientador e três pessoas sugeridas por mim.

Apesar dessa preocupação relatada na relação entre sujeito e objeto do conhecimento. Me deparo com uma grande dificuldade de apresentar o grupo, de falar sobre as pessoas que aceitaram integrar o grupo sem sobrecodificá-las pelo meu ponto de vista, pois aquilo que falo acerca das pessoas vai ser conduzido por escolhas minhas quanto ao que destacar, a forma como registrei as informações compartilhadas. Sinto esse um dilema parecido com o qual me deparava ao registrar as atas das reuniões do CREAS conforme havia mencionado anteriormente. Minha preocupação aqui não é a de corresponder à verdade, de ser fiel aos dados, mas o de talvez fazer escolhas narrativas com a qual os participantes não se sentiriam confortáveis sendo atribuídos. Cheguei a cogitar a possibilidade de não mantermos o anonimato dos participantes e,

¹³ NIETZSCHE, Friedrich. *Heraclitismo*. A Gaia Ciência. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

embora a maioria tivesse aceitado, optei por não os associar aqui aos seus nomes reais, justamente por essa escrita muito mais assumir um caráter ficcional do que corresponder à realidade dos acontecimentos, mesmo eu tentando realizar o exercício de contar as coisas mais ou menos como eu me lembro.

6. RITORNELOS DE UMA EXISTÊNCIA PARADOXAL

6.7 APRESENTAÇÃO DO GRUPO

A primeira pessoa que convidei trata-se de uma amiga que é professora de música e que conheci no tempo em que fazia estágio extracurricular em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental. Acredito que os instrumentos aos quais ela mais se dedica é o violino e a flauta, mas já a vi tocando violão, teclado e diversos outros instrumentos de percussão também. Ela agradeceu o convite, mas disse se perceber um tanto distante dos territórios da música e da pesquisa, habitando mais atualmente os territórios do trabalho e da maternidade, de forma que sua disponibilidade de tempo não seria muito favorável à sua participação. Apesar de achar que uma diferente configuração em meio a diferentes territórios não desqualificaria a sua participação no grupo, não queria insistir e comprometer ainda mais a sua disponibilidade de tempo dado o fato de que havia me sinalizado tal escassez. Essa questão, inclusive, foi uma grande dificuldade em geral na interação com o grupo. Eu mesmo sentia a minha própria disponibilidade de tempo (e de energia) escassa e fui assombrado o tempo todo pelo receio de invadir o tempo (e energia) do outro, ainda mais preenchendo-o com algo que poderia ou não fazer sentido para a pessoa.

A sinalização de um novo território pela primeira convidada apontou para a questão de que o critério escolhido, de acharmos que as pessoas eram habitantes dos territórios da música, pesquisa e trabalho, poderia ser um critério inicial, mas deveria ser flexível, pois as configurações de vida de cada um provavelmente trariam outros territórios, e considerando que o objetivo ao formar o grupo era de expandir as conexões e sentidos possíveis e não de restringi-los, a complexidade das vidas de cada um só poderia contribuir com a pesquisa.

Antes de entrar em uma breve apresentação dos integrantes do grupo, é importante observar que como ainda não havia decidido se faria ou não referências individuais aos integrantes do grupo, combinamos que cada um teria um pseudônimo para o caso de ser necessário realizar referências individuais a falas e contribuições. A sugestão para a escolha desse pseudônimo foi a de cada um dos integrantes escolher uma banda que gosta para ser citado. Posteriormente eu decidi que tentaria evitar fazer referências individuais, mas realmente em certos momentos as senti inevitáveis, respeitando assim os

pseudônimos escolhidos. No total, são cinco pseudônimos: *Cólera*, *Heart*, *Gareta*, *Descendents* e *Pink Floyd*.

Sendo assim, prossegui com os convites, que foram realizados por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas no celular, atualmente bastante difundido no Brasil, que é o Whatsapp. O segundo convite foi feito a mais um amigo. Conheci ele na graduação, mas foi ao nos encontrarmos no mestrado que consolidamos a amizade. Sua prática musical principal é o canto. Ele também toca violão e guitarra e integra uma banda de um gênero musical conhecido como Hardcore. No momento em que eu o convidei, seu trabalho principal era o da pesquisa, sendo bolsista de dedicação exclusiva. Foi o convite mais fácil de fazer, tendo em vista ser uma pessoa com a qual já tinha uma proximidade e já sabíamos que compartilhávamos o interesse na música. O pseudônimo escolhido por ele foi *Cólera*.

O segundo convite foi feito a uma pessoa indicada por meu orientador, Luciano. Ela trabalha como psicóloga clínica e estava iniciando o mestrado no PPG de Psicologia Social e Institucional da UFRGS e cursando uma especialização em musicoterapia. Tem o ciclismo como prática esportiva. O instrumento ao qual ela vinha se dedicando mais no momento é o baixo elétrico, tendo iniciado, recentemente, aulas online de prática instrumental. Também faz parte de um coletivo musical independente que gere um estúdio de gravação. O seu pseudônimo escolhido foi *Gareta*.

O terceiro convite foi feito a uma pessoa indicada por mim, que conheci nos tempos de graduação em psicologia e depois a reencontrei no mestrado, eu iniciando e ela concluindo, no PPG de Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Inclusive quando eu estava terminando a graduação, ela realizou uma apresentação a convite da professora sobre sua pesquisa e sobre sua experiência no mestrado em geral em uma disciplina do curso. Na época, ela atuava como psicóloga na assistência social. Quando eu estava estudando a possibilidade de pleitear uma vaga no mestrado, perguntei a ela sobre o quão era possível conciliar o mestrado e um outro trabalho. Ela me advertiu acerca da dificuldade, mas disse que era possível. Seu instrumento principal é também o baixo elétrico. Ela é também baixista de uma banda de rock. Atualmente, trabalha como psicóloga na Saúde Mental, em um CAPS AD e como psicóloga clínica. O pseudônimo escolhido por ela foi *Heart*.

O quarto convite foi feito a uma pessoa indicada por Luciano. Ele trabalha como professor de filosofia em uma escola pública de ensino fundamental. É mestre e doutorando em Educação. Toca guitarra e violino e é vocalista/guitarrista em uma banda de Punk Rock. No dia do primeiro encontro, nos trouxe que logo após teria uma plenária dos professores de filosofia para discutir alternativas em relação à intenção do município no qual trabalha de remoção da disciplina de filosofia do currículo do ensino fundamental das escolas municipais. O pseudônimo escolhido por ele foi o de *Descendants*.

Após os convites terem sido realizados. Criei um grupo no Whatsapp chamado “Territórios Paradoxais” para combinarmos o que seria feito. A primeira dificuldade da realização desse encontro seria em relação às nossas disponibilidades de horários. O que pude observar é o nosso envolvimento com o trabalho foi determinante nas tentativas de encontrar um horário que pudessemos estar reunidos de forma síncrona. Depois de três tentativas, todas em horários noturnos, pois os horários diurnos estavam destinados ao trabalho, conseguimos agendar para uma sexta-feira de noite, que é um horário que geralmente se tenta reservar ao descanso da semana de trabalho. Na verdade, considerando que as duas mulheres do grupo exerciam o trabalho de psicólogas clínicas, alguns horários noturnos também estavam destinados ao trabalho, pois é um horário em que as pessoas que trabalham durante o dia tem disponível para dedicar a algum tipo de cuidado de si.

O encontro síncrono teve dois principais objetivos, o primeiro de nos conhecermos e o segundo de apresentação de uma proposta de compartilhamento ou de composição coletiva. Considerando o que havia exposto anteriormente quanto ao desejo de não focar tanto na dimensão do que foi dito, mas mais em uma dimensão mais da intensidade, em que os afetos de alguma forma se organizariam sem a necessidade de uma fidelidade ao que de fato aconteceu, optei por não gravar o encontro e nem anotar nada (pois no software utilizado para a reunião online tinha a opção de gravar). Entretanto, hoje percebo que foi uma péssima escolha, pois na época eu não imaginava que eu demoraria meses para voltar a escrever sobre essa experiência, de forma que os afetos movimentados no encontro soam um tanto distantes.

Em todo caso, a proposta de composição coletiva constituía em compartilharmos registros no grupo de Whatsapp de momentos das nossas

vidas durante cinco dias (úteis) que falassem algo acerca de algum território do qual nos percebêssemos habitantes, como, por exemplo, os que eu tanto nomeio nessa dissertação, mas podendo também ser registros de outros territórios. O compartilhamento iniciaria em uma segunda-feira e terminaria em uma sexta-feira. Os registros podiam ser de ordem a) sonora, como áudios, músicas, sons gravados, sons tocados etc.; b) visual, como fotos, imagens, desenhos, gifs, vídeos etc.; c) verbal, como palavras, trechos, textos, pensamentos, ideias, perguntas etc. Quanto ao tipo ou formato de registro, poderiam ser a) áudio; b) vídeo; c) texto e d) imagem. Ainda observo que não havia necessidade de que os registros fossem documentais sobre as rotinas. Eles poderiam ser criados, fabulados, falsificados, inventados ou alterados. Também importante observar que música, trabalho e pesquisa foram campos que eu escolhi, dentre todos os que habito, para falar sobre nessa dissertação, de forma que os participantes não precisavam se ater a eles, podendo registrar momentos de qualquer outra inserção sua em outros campos/territórios que vivenciam.

Ao reunir esses registros, a ideia era montar um tipo de dispositivo para dar visibilidade à semana de quem se constitui entre diferentes territórios de existência, considerando que a semana é uma unidade de medida na rotina contemporânea ocidental na relação com o trabalho. Conforme Tittoni, Dias e Prudente (2017, p. 118), “as práticas cotidianas e tácitas, ainda que fundamentais, são invisibilizadas e mesmo, desvalorizadas pela racionalidade técnica e administrativa que organiza os modos adequados de trabalhar”. Destacam na pesquisa com fotografia a possibilidade de problematizar as linhas de visibilidade trazidas pelos registros produzidos, de modo que aqui se toma por inspiração essa atenção à produção de registros.

Optei por deixar de fora o sábado e o domingo dos registros para respeitar um tempo de descanso do grupo. A ideia de lançar atenção aos “dias úteis” me pareceu também interessante, pois entendo também estar relacionado a questões do trabalho, uma vez diversos setores se organizam para focar sua força nos dias úteis, no horário comercial, enquanto outros fazem justamente o contrário, garantindo a continuidade na disponibilização de serviços e produtos.

Os registros enviados foram salvos no computador e organizados conforme o dia da semana e horário em que foram enviados e o formato de registro. A data exata e a autoria do registro foram omitidas com a finalidade de

tornar essa produção uma espécie de reflexo da experiência coletiva da semana em meio aos territórios diversos da vida. O objetivo por trás da coletânea de registros é mais estético do que documental.

6.8 COMPARTILHAMENTOS

Conforme a proposta da Clínica Musicada, os compartilhamentos dos registros do grupo no Whatsapp serão escutados a partir de três categorias a saber, o ritmo, a melodia e a harmonia que configurariam três distintos estados de atenção. Na seção Ritmo, buscarei estar atento à dimensão das continuidades e descontinuidades dos compartilhamentos. Na seção Melodia, estarei atento mais ao quê foi compartilhado. Na seção Harmonia, estarei atento a como se relaciona o que foi compartilhado e os efeitos desses compartilhamentos.

6.8.1 RITMO

Sugestão de música: The Grid – Phillip Glass (1983)

Foram contabilizados, no total, 87 registros entre segunda e sexta-feira. Desses registros, 25 foram do tipo áudio; 18 do tipo vídeo; 25 do tipo texto e 19 do tipo imagem. Referente aos territórios a que se referem, 19 registros eu identifiquei como sendo referentes ao trabalho, 6 à pesquisa, 37 à música e 25 registros eu não consegui atribuir a um território específico. Referente à ordem dos registros, considerando que alguns registros podiam se encaixar em mais de uma ordem (por exemplo um vídeo no qual se destaca a imagem e o áudio), verifiquei 38 registros de ordem sonora, 37 de ordem visual e 48 de ordem verbal.

Código identificador	Dia da semana	Horário	Tipo	Ordem	Território
R1	Segunda-feira	11:09	Áudio	Sonora	Trabalho
R2	Segunda-feira	19:41	Vídeo	Sonora Visual	Trabalho
R3	Segunda-feira	19:43	Áudio	Sonora	Indefinido
R4	Segunda-feira	19:43	Áudio	Sonora	Indefinido
R5	Segunda-feira	19:44	Vídeo	Visual Verbal	Pesquisa

Código identificador	Dia da semana	Horário	Tipo	Ordem	Território
R6	Segunda-feira	19:59	Vídeo	Sonora Visual	Indefinido
R7	Segunda-feira	22:04	Áudio	Sonora	Indefinido
R8	Segunda-feira	22:29	Áudio	Sonora Verbal	Música
R9	Segunda-feira	22:32	Texto	Verbal	Música
R10	Segunda-feira	22:32	Imagem	Visual Verbal	Música
R11	Segunda-feira	22:32	Texto	Verbal	Indefinido
R12	Terça-feira	7:06	Áudio	Sonora	Indefinido
R13	Terça-feira	7:06	Imagem	Visual Verbal	Trabalho
R14	Terça-feira	7:21	Imagem	Visual Verbal	Música
R15	Terça-feira	7:21	Texto	Verbal	Música
R16	Terça-feira	8:30	Imagem	Visual Verbal	Trabalho
R17	Terça-feira	8:38	Vídeo	Sonora Visual	Trabalho
R18	Terça-feira	8:47	Imagem	Visual Verbal	Pesquisa
R19	Terça-feira	8:48	Áudio	Sonora	Indefinido
R20	Terça-feira	8:56	Áudio	Sonora	Indefinido
R21	Terça-feira	11:14	Imagem	Visual	Trabalho
R22	Terça-feira	11:14	Texto	Verbal	Indefinido
R23	Terça-feira	11:37	Áudio	Sonora	Indefinido
R24	Terça-feira	12:11	Áudio	Sonora	Trabalho
R25	Terça-feira	12:18	Imagem	Visual Verbal	Música
R26	Terça-feira	19:39	Imagem	Visual	Pesquisa
R27	Terça-feira	19:40	Imagem	Visual	Indefinido
R28	Terça-feira	19:59	Áudio	Sonora	Pesquisa
R29	Terça-feira	20:16	Vídeo	Visual	Indefinido
R30	Terça-feira	22:45	Vídeo	Visual	Indefinido
R31	Quarta-feira	8:03	Áudio	Sonora	Trabalho
R32	Quarta-feira	8:15	Áudio	Sonora	Indefinido
R33	Quarta-feira	8:17	Texto	Verbal	Música
R34	Quarta-feira	9:11	Imagem	Visual	Trabalho
R35	Quarta-feira	9:43	Vídeo	Visual	Trabalho
R36	Quarta-feira	10:46	Vídeo	Visual Verbal	Pesquisa
R37	Quarta-feira	10:49	Áudio	Sonora Verbal	Indefinido
R38	Quarta-feira	13:26	Imagem	Visual	Trabalho
R39	Quarta-feira	13:26	Texto	Verbal	Trabalho
R40	Quarta-feira	14:24	Áudio	Sonora	Indefinido
R41	Quarta-feira	14:51	Vídeo	Sonora Visual	Indefinido
R42	Quarta-feira	17:26	Vídeo	Sonora Visual	Pesquisa
R43	Quarta-feira	20:27	Áudio	Sonora Verbal	Trabalho
R44	Quarta-feira	21:26	Áudio	Sonora	Indefinido
R45	Quarta-feira	21:32	Áudio	Sonora Verbal	Trabalho
R46	Quarta-feira	22:46	Vídeo	Sonora Visual	Trabalho
R47	Quinta-feira	9:18	Vídeo	Sonora Visual Verbal	Trabalho
R48	Quinta-feira	9:21	Áudio	Sonora	Trabalho

Código identificador	Dia da semana	Horário	Tipo	Ordem	Território
R49	Quinta-feira	9:21	Imagem	Visual	Trabalho
R50	Quinta-feira	12:54	Vídeo	Sonora Visual Verbal	Música
R51	Quinta-feira	13:06	Imagem	Visual	Indefinido
R52	Quinta-feira	15:27	Áudio	Sonora	Música
R53	Quinta-feira	15:48	Imagem	Visual Verbal	Indefinido
R54	Quinta-feira	19:19	Imagem	Visual Verbal	Música
R55	Quinta-feira	20:35	Vídeo	Sonora Visual Verbal	Indefinido
R56	Quinta-feira	21:12	Áudio	Sonora Verbal	Música
R57	Quinta-feira	22:06	Vídeo	Sonora Visual Verbal	Indefinido
R58	Sexta-feira	8:50	Imagem	Visual	Música
R59	Sexta-feira	9:56	Vídeo	Sonora Visual	Indefinido
R60	Sexta-feira	11:32	Imagem	Visual	Trabalho
R61	Sexta-feira	11:38	Áudio	Sonora	Indefinido
R62	Sexta-feira	13:12	Vídeo	Sonora Visual	Indefinido
R63	Sexta-feira	14:46	Texto	Verbal	Música
R64	Sexta-feira	14:48	Texto	Verbal	Música
R65	Sexta-feira	14:49	Texto	Verbal	Música
R66	Sexta-feira	14:51	Texto	Verbal	Música
R67	Sexta-feira	14:53	Imagem	Visual	Música
R68	Sexta-feira	14:56	Texto	Verbal	Música
R69	Sexta-feira	15:00	Vídeo	Sonora Visual Verbal	Música
R70	Sexta-feira	15:01	Texto	Verbal	Música
R71	Sexta-feira	15:37	Texto	Verbal	Música
R72	Sexta-feira	15:38	Texto	Verbal	Música
R73	Sexta-feira	15:40	Texto	Verbal	Música
R74	Sexta-feira	15:49	Áudio	Sonora Verbal	Música
R75	Sexta-feira	15:49	Texto	Verbal	Música
R76	Sexta-feira	17:22	Texto	Verbal	Música
R77	Sexta-feira	17:24	Texto	Verbal	Música
R78	Sexta-feira	17:28	Áudio	Sonora Verbal	Música
R79	Sexta-feira	17:28	Texto	Verbal	Música
R80	Sexta-feira	17:35	Texto	Verbal	Música
R81	Sexta-feira	19:03	Texto	Verbal	Música
R82	Sexta-feira	19:07	Áudio	Sonora Verbal	Música
R83	Sexta-feira	19:07	Texto	Verbal	Música
R84	Sexta-feira	19:21	Texto	Verbal	Música
R85	Sexta-feira	19:30	Texto	Verbal	Música
R86	Sexta-feira	19:44	Texto	Verbal	Música
R87	Sexta-feira	22:43	Imagem	Visual	Música

Tabela 1 Histórico de compartilhamento de registros do grupo

Na segunda-feira, o período de compartilhamento foi entre 11h09 e 22h32 (11 horas e 23 minutos), em que foram compartilhados 11 registros: 5 áudios, 3 vídeos, 1 imagem e 2 textos. Quanto aos territórios a que fazem referência, 2 foram categorizados como referentes ao trabalho, 1 à pesquisa, 3 à música e 5 indefinidos. Referente à ordem, 7 foram identificados como de ordem sonora, 4 de ordem visual e 5 de ordem verbal.

Na terça-feira, o período de compartilhamento foi de 15 horas e 39 minutos entre 7h06 e 22h45. Foram contabilizados 19 registros: 6 áudios, 3 vídeos, 2 textos e 9 imagens. Quanto aos territórios a que fazem referência, 5 registros foram identificados como referentes ao trabalho, 3 à pesquisa, 3 à música e 8 indefinidos. Quanto à ordem, 7 identificados como de ordem sonora, 11 de ordem visual e 7 de ordem verbal.

Na quarta-feira, o período de compartilhamento foi de 14 horas e 43 minutos entre 7h06 e 22h46. Foram contabilizados 16 registros: 7 áudios, 3 vídeos, 2 textos e 2 imagens. Quanto aos territórios a que se referem, 8 foram identificados como referentes ao trabalho, 2 referentes à pesquisa, 1 referente à música e 5 indefinidos. Quanto à ordem, 10 registros de ordem sonora, 7 de ordem visual e 6 de ordem verbal.

Na quinta-feira, o período de compartilhamento foi de 12 horas e 48 minutos entre 8h03 e 22h06. Foram contabilizados 11 registros: 3 áudios, 4 vídeos, 0 textos e 4 imagens. Quanto aos territórios a que fazem referência, 3 registros foram identificados como referentes ao trabalho, 0 à pesquisam 4 à música e 4 indefinidos. Quanto à ordem, 7 registros foram identificados como de ordem sonora, 8 de ordem visual e 7 de ordem verbal.

Na sexta-feira, O período de compartilhamento de 13 horas e 53 minutos entre 8h50 e 22h43. Foram contabilizados 30 registros: 4 áudios, 3 vídeos, 19 textos e 4 imagens. Quanto aos territórios a que fazem referência, 1 foi referente ao trabalho, 0 à pesquisa, 26 à música e 3 indefinidos. Quanto à ordem, 7 de ordem sonora, 7 de ordem visual e 23 de ordem verbal.

Mega ultra hiper micro baixas calorias

Kilowatts, gigabytes

E eu o que faço com esses números?

(ENGENHEIROS DO HAWAII, Números, 2000)

As informações levantadas a partir do compartilhamento de registros do grupo nos fornecem elementos para pensar algumas coisas acerca do ritmo do grupo. Primeiro, observando a variação da quantidade de registros ao longo dos dias, verifica-se a segunda-feira inicia com o número mínimo de compartilhamentos, 11; seguida de um pico na terça-feira, com 19 registros; decaindo um pouco na quarta-feira, com 16 registros, decaindo de volta à quantidade mínima de 11 registros na quinta-feira e ascendendo ao máximo de 30 registros na sexta-feira. Eu esperava que o primeiro dia seria um pouco mais contido, pois poderia haver dúvidas quanto ao que e como compartilhar, de forma que terça-feira, talvez mais confortável, o compartilhamento tomou um fôlego que fez respiro na quinta-feira, quando o ritmo da semana assim o exigiu, voltado a exaurir a máxima intensidade na sexta-feira, e observo que me refiro à intensidade de sexta-feira não apenas pela quantidade de registros, mas por questões que retomarei na seção acerca da Melodia.

Sobre a variação do compartilhamento de registros acerca do trabalho, na segunda-feira, foram compartilhados 2 registros, aumentando para 5 na terça-feira, atingindo o ápice na quarta-feira, com 8 registros, reduzindo para 3 na quinta-feira e atingindo o mínimo na sexta-feira, com 1 compartilhamento. Observo que quarta-feira foi o dia em que mais registros sobre trabalho foram compartilhados, antecedendo quinta-feira, dia em que o número de compartilhamentos totais obteve o seu mínimo, o que me faz pensar que talvez a quinta-feira talvez tenha atingido tal nível de intensidade na rotinas dos participantes que dificultou o compartilhamento, ou talvez que o grupo precisou de uma pausa após a intensidade compartilhada de quarta-feira. Na sexta-feira, o número de registros compartilhados sobre o trabalho atingiu o mínimo, talvez devido ao fato do final de semana estar se aproximando e o grupo estar saturado do trabalho.

Sobre a variação do compartilhamento de registros acerca da música, inicia-se na segunda-feira com 3 registros, mantendo 3 registros na terça-feira, atingindo a base na quarta-feira, com 1 registro, aumentando para 4 na quinta-feira e atingindo o máximo na sexta-feira, com 26 registros. Dentre os territórios, os registros da música foram os que obtiveram maior quantidade. Me chamou a atenção que a quarta-feira, o dia em que o trabalho obteve o maior número de

registros compartilhados foi o dia em que os registros acerca da música obtiveram o seu mínimo de compartilhamentos, com 1 registro. Curiosamente, de maneira oposta, na sexta-feira, o dia em que o trabalho atingiu o mínimo de registros compartilhados, a música atingiu o máximo, com um total de 26 nesse dia. Haveria aí uma relação inversa de proporcionalidade?

Sobre a variação do compartilhamento de registros acerca do território da pesquisa, verifica-se que na segunda-feira houve 1 compartilhamento, subindo para 3 na terça-feira, descendo para 2 na quarta-feira, indo a 0 na quinta-feira e na sexta-feira. Considerando que todos os registros são compartilhados em um contexto de pesquisa, uma outra forma de contabilizar os registros acerca da pesquisa seria considerando-se os totais (segunda-feira: 11, terça-feira: 19, quarta-feira: 16, quinta-feira: 11 e sexta-feira: 30). Entretanto, os registros identificados como referentes à pesquisa são registros em que os participantes compartilharam algo específico acerca de suas inserções nos territórios da pesquisa. Sendo assim, opto aqui pela primeira classificação como um certo filtro. Sendo assim, os registros acerca da pesquisa nesse entendimento foram os que menos foram compartilhados. O que me chamou a atenção em relação ao compartilhamento desses registros em termos de variação foi o fato de os três primeiros dias da semana contarem com compartilhamentos e os dois últimos dias não.

Quanto à categoria dos indefinidos, já era esperado que encontraria dificuldade em classificar os registros. Poderia dizer que o núcleo dessa dissertação consiste nas dificuldades da linguagem em dar conta da complexidade da existência. Não apenas os registros indefinidos, mas todos os registros foram difíceis de atribuir a um território específico. Não seria por acaso que os registros indefinidos obtiveram a segunda maior expressividade entre as categorias dos territórios. O sentimento que me percorria ao praticar esse exercício era o de estar cortando algo para se encaixar em uma fôrma. O som de um carimbo às 11h09 de segunda-feira me pareceu fácil atribuir a “trabalho”, mas a foto de um pôr-do-sol às 19h40 não me pareceu caber em alguma categorização dentre às quais propus inicialmente. Talvez esses registros sejam uma expressão mais emergente do aspecto paradoxal, não só da habitação simultânea dos territórios da música, pesquisa e trabalho, mas de todos os territórios e da existência de modo geral.

O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...

Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.
(BARROS, 2010, p. 303)

6.8.2 MELODIA

6.8.2.1 PLAYLIST DA SEMANA

https://www.youtube.com/watch?v=MqkJjMMX_Nk&list=PL6H6MRca5-iKR2sp-YjnYQ9q-OLeomzcc



14

Nesta seção, apresento um conjunto de vídeos expositivos produzidos a partir da reunião dos registros compartilhados pelo grupo. Os registros foram agrupados nos vídeos por dia de semana e ordenados por ordem cronológica baseada na hora em que foram enviados no Grupo de Whatsapp Territórios Paradoxais. Eles foram armazenados na plataforma de streaming e

¹⁴ Conforme as orientações para acessar os links dos vídeos dos dias da semana, esse primeiro link e QR CODE levam ao acesso da lista de reprodução (playlist) na qual os cinco vídeos estão agrupados em sequência cronológica, de forma que é possível acessá-los individualmente na subseção referente a cada dia da semana, ou acessá-los todos juntos em sequência nessa lista de reprodução.

compartilhamento chamada Youtube. O acesso a eles foi definido como “não listado”, de forma que não ficam disponíveis para a busca geral na base de dados da plataforma. Somente quem possui acesso aos links disponibilizados nesse texto conseguirá visualizá-los. Para acessá-los, destaco três possibilidades.

A primeira seria, caso você esteja lendo esse arquivo de forma digital, clicando com o mouse sobre o link disponível abaixo de cada dia da semana com o botão CTRL (Control) ou ⌘ (Command) pressionado.

A segunda, que pode ser tanto no arquivo digital quanto no texto impresso, é através desses símbolos quadriculados chamados QR CODE, disponíveis abaixo de cada link e é necessário dispor de um dispositivo móvel com câmera e tecnologia para interpretá-los (smartphone). Basta acionar a câmera do dispositivo e posicioná-lo de tal forma que o símbolo fique em sua área de captura. O símbolo aparecerá no aplicativo da câmera para ser acessado.

A terceira forma, que é a mais trabalhosa, caso você disponha de um computador e do arquivo impresso, de forma que não possa clicar no link, e não disponha de um smartphone para acessar por QR CODE, é abrindo um navegador de internet e digitando o link na barra de endereços.

SEGUNDA-FEIRA

https://youtu.be/MqkJjMMX_Nk



O início do compartilhamento de registros é oficializado com o som de um carimbo atacando repetidamente por algumas vezes às 11h09 (R1), categorizado como uma inserção no território do Trabalho. Um vazío se coloca por algumas horas. Os participantes devem estar ocupados em seus trabalhos. Às 19h41, é compartilhado um vídeo de um dos participantes caminhando na rua de noite (R2), também categorizado como pertencente ao território do Trabalho.

A partir daí começam a ser compartilhados registros que parecem estar relacionados a atividades de rotina, como áudios que parecem registrar a preparação e a ingestão de alimentos (R3 e R4), os quais obtive mais dificuldade de atribuir a um Território. Após, é compartilhado um vídeo que parece retratar uma estação caseira de trabalho ou estudos (R5) com elementos como cadernos e agendas dispostos em um organizador de papeis, estojo com canetas, canetas marca-texto, blocos autoadesivos, calendário, lixa de unhas, uma cartela de medicamentos (me pergunto se são analgésicos para dor de cabeça) e um livro que parece ser Crítica da Razão Negra de Achille Mbembe que categorizei como referente ao território da Pesquisa. Mais registros da rotina diária aparecem com um jantar sendo preparado com uma panela fritando alho e cebolinha (R6) às 19h19 e o som de uma máquina de lavar (R7) próximo às 22 horas.

Às 22h29, é compartilhado o áudio de estudo da prática do baixo elétrico (R8). Os registros R9 e R10 parecem estar associados também a esse momento, de forma que os atribuí ao território da Música. Aqui chama a atenção o horário do dia em que o instrumento está sendo praticado. Depois de um dia de trabalho e de estudos, cabe à prática musical algumas horas ao final do dia e ainda assim, na mensagem de R9, há o relato de uma melhora no humor do dia, possivelmente associada à prática do instrumento. Observa-se também, em R8, que o instrumento está sendo praticado sem estar conectado a um equipamento de amplificação, provavelmente em consideração aos vizinhos. A imagem de R10 mostra o baixo sobre a cama em meio a livros, mostrando o encontro entre os territórios da música e da pesquisa, e também diversos cabos e equipamentos aos quais temos que nos conectar diariamente. R11 traz, em uma mensagem, o relato de alguém que se sentiu mais atenta ao olhar para o seu entorno com uma atenção diferente a qual nos acostumamos na rotina. Atribuí esse registro também ao território Indefinido por achar que ele fala de todos os territórios, de nenhum e de outros ao mesmo tempo.

Código ident.	Dia da semana	Horário	Tipo	Território	Descrição
R1	Segunda-feira	11:09	Áudio	Trabalho	Som de um carimbo
R2	Segunda-feira	19:41	Vídeo	Trabalho	Caminhando na rua de noite
R3	Segunda-feira	19:43	Áudio	Indefinido	Parece som de fritura

R4	Segunda-feira	19:43	Áudio	Indefinido	Parece o som de alguém comendo
R5	Segunda-feira	19:44	Vídeo	Pesquisa	Leitura e estudos
R6	Segunda-feira	19:59	Vídeo	Indefinido	Fritando cebola
R7	Segunda-feira	22:04	Áudio	Indefinido	Som de máquina de lavar
R8	Segunda-feira	22:29	Áudio	Música	Estudando baixo elétrico
R9	Segunda-feira	22:32	Texto	Música	"Tu viu? Essas aula tô até me sentindo o jacão, me falta a baixinha no cabelo" (conversa com o companheiro [...] enquanto estudo as tríades no baixo num play along de jaco pastorious depois de um dia que começou trstinho e acabou bem mais alegre)
R10	Segunda-feira	22:32	Imagem	Música	Foto do baixo elétrico e livros na cama
R11	Segunda-feira	22:32	Texto	Indefinido	Percepção do dia 1: me senti mais atenta ao meu redor, até menos reclamona sobre a segunda feira heheh

Tabela 2 Registros compartilhados segunda-feira com descrição

TERÇA-FEIRA

<https://youtu.be/ACSnwZd64gQ>



Os compartilhamentos de terça-feira iniciam às 7h06 com um som grave que parece ser de veículos (R12) e ao mesmo tempo som agudo que parece ser do canto de pássaros, o que indica que quem enviou o registro estava fora do veículo naquele momento. Mesmo parecendo, pelo horário, se tratar de um deslocamento para o trabalho, não o quis atribuir a esse território. O registro seguinte (R13), enviado junto, mostra a foto da traseira de um ônibus de Porto Alegre tirada de dentro de um veículo, este sim atribuí ao trabalho.

Os registros R14 e R15 falam da distância e da saudade da prática instrumental em meio à rotina da semana, de forma que os atribuí ao território

da Música. R14 traz a foto de um suporte para instrumentos vazio com um amplificador ao fundo. R15 descreve a imagem: “um vazio de quatro cordas” e relata a vivência dessa distância não muito voluntária da música em função das obrigações laborais.

R16, enviada às 8h30 traz a imagem de uma mesa na sala dos professores de uma escola com atividades impressas de filosofia a serem avaliadas. R17 (8h38) trata-se de um vídeo mostrando a caminhada de dia na calçada com destino ao trabalho ao som de veículos passando na rua. R16 e R17 atribuí ao território do Trabalho. R18 mostra a foto uma folha de planejamento semanal sobre um notebook às 8h46 da manhã do que parece ser um grupo de pesquisa, de forma que atribuí esse registro ao território da Pesquisa. R19 traz o som do que parece ser páginas sendo folheadas. R20 produz um corte ao trazer um som ambiente preenchido com cantos de pássaros à distância. R21 traz uma imagem do que parece ser uma escola vazia. A grama alta traz uma impressão de que o local não tem sido ocupado por uma parte seus usuais frequentadores, os alunos, devido ao distanciamento social praticado frente à pandemia de Covid-19. Este registro atribuí ao território do Trabalho.

R22 traz o registro de uma mensagem de texto que foi enviada às 11h14, mas que foi apagada, deixando assim um certo silêncio textual. Um texto que se marca pela sua falta, ainda que não falte texto, atribuído ao território do Indefinido. R23 traz também um som que poderia ser chamado de “som ambiente”, também com pássaros ao fundo, porém com o acréscimo de um veículo que passa e se distancia, atribuído ao território Indefinido. R24 traz também rapidamente o som do canto de pássaros, mas logo é atropelado pelo som de um scanner que vai, volta e retorna um bipe, e depois o processo se repete, atribuído ao território do Trabalho.

No vídeo, R25 quebra abruptamente o silêncio às 12h18 trazendo a música *Play Hard* do artista David Guetta. Entretanto, o compartilhamento de R25 foi feito apenas da imagem da tela de um aparelho de celular executando a música na plataforma de streaming de música Spotify, de forma que ao olhar o registro, obtém-se a referência da música em silêncio. Optou-se aqui por colocar a música junto com o registro pois as referências a músicas e links foram pesquisados posteriormente. Observa-se que o aparelho está executando a música conectado por bluetooth a um fone de ouvido em seus 24 segundos

iniciais. R26 traz a imagem de uma praça com árvores ao fundo e um obelisco ao centro, no qual é possível ler, em pixo, “ZË”. Os bancos da praça estão vazios, enquanto a rua está cheia de carros estacionados. Esse registro foi atribuído ao Território da Pesquisa por um dos integrantes do grupo estar pesquisando a temática da cidade.

Código ident.	Dia da semana	Horário	Tipo	Território	Descrição
R12	Terça-feira	7:06	Áudio	Indefinido	Barulho de veículos
R13	Terça-feira	7:06	Imagem	Trabalho	Foto da traseira de um ônibus de [conteúdo omitido] tirada pela janela de um veículo
R14	Terça-feira	7:21	Imagem	Música	Foto do suporte de baixo sem o instrumento
R15	Terça-feira	7:21	Texto	Música	Um vazio de 4 cordas: enquanto a dimensão do trabalho impera, a música fica em standby. O baixo, instrumento do qual já fui inseparável, repousa no estúdio caseiro, a mais de 40 km da capital, à espera do próximo ensaio.
R16	Terça-feira	8:30	Imagem	Trabalho	Mesa da sala dos profs. Atividades impressas
R17	Terça-feira	8:38	Vídeo	Trabalho	Caminhando de dia: indo para o trabalho
R18	Terça-feira	8:47	Imagem	Pesquisa	Planejamento: grupo de pesquisa
R19	Terça-feira	8:48	Áudio	Indefinido	Folheando páginas
R20	Terça-feira	8:56	Áudio	Indefinido	Som ambiente
R21	Terça-feira	11:14	Imagem	Trabalho	Foto do pátio da escola vazio
R22	Terça-feira	11:14	Texto	Indefinido	Mensagem apagada
R23	Terça-feira	11:37	Áudio	Indefinido	Som ambiente
R24	Terça-feira	12:11	Áudio	Trabalho	Som de uma impressora imprimindo

R25	Terça-feira	12:18	Imagem	Música	Voltando para casa do escutando Play Hard do David Guetta
R26	Terça-feira	19:39	Imagem	Pesquisa	Foto de um obelisco na praça
R27	Terça-feira	19:40	Imagem	Indefinido	Pôr do sol
R28	Terça-feira	19:59	Áudio	Pesquisa	Som de digitar
R29	Terça-feira	20:16	Vídeo	Indefinido	Inseto andando em cima do notebook
R30	Terça-feira	22:45	Vídeo	Indefinido	Caminhando no corredor da [...]

Tabela 3 Registros compartilhados terça-feira com descrição

R27 traz a imagem do pôr do sol visto através de uma janela às 19h40, indicando que as casas voltam a ser ocupadas, atribuído ao território Indefinido. R28 traz o som de um digitar intenso em um teclado intercalado com o som de veículos passando, indicando que estar em casa não quer dizer o fim do tempo de “trabalho”. Ao imaginar que a pessoa estava digitando ferozmente sua pesquisa, atribuí esse registro ao território da Pesquisa. Em R29, é feita uma pausa na digitação para registrar o passar de um inseto que não conseguimos identificar sobre a tela do notebook. Observo que se faz presente o som de veículos passando no som do vídeo. Esse registro atribuí ao território Indefinido. O último registro de terça-feira (R30) parece ser um envio tardio de uma caminhada que ocorrera mais cedo em um longo corredor coberto, cercado por árvores, atribuído também ao território do Indefinido.

QUARTA-FEIRA

https://youtu.be/rUh0QLp04_Q



O compartilhamento de registros da Quarta-feira inicia com um som agudo e persistente que parece ser de chuva em R31, com várias vozes falando juntas a mesma coisa, parecendo ser seguidas por uma pessoa cuja voz se destaca, parece ser uma escola, atribuído, portanto, ao território do Trabalho. R32 traz o som grave que parece ser do vento, que se intensifica e produz rugidos, atribuído ao território do Indefinido. R33, às 8h17, traz a mensagem “Já é quarta-feira e do tocar só registro o desejo.”, indicando mais uma vez uma distância involuntária da prática musical provocada pela rotina, bem como uma percepção de velocidade acerca do andamento da semana. Registro atribuído ao território da Música. R34 mostra um dia nublado visto da janela de uma escola, atribuído ao território do Trabalho. R35 mostra o registro de um rápido giro por uma mesa cheia de papéis e materiais de expediente, dois telefones e um computador, atribuído ao território do Trabalho. R36 mostra o vídeo de com a tela de um computador em primeiro plano, em um ambiente interno com um violão pendurado na parede, e vai aproximando em zoom da janela que está molhada pela chuva. Atribuí esse registro à Pesquisa.

R37 traz o áudio de um rádio que acabara de transmitir a previsão do tempo, atribuído ao território do Trabalho. R38 traz a foto de um violão repousando sobre o encosto de um banco de madeira, e R39 descreve a imagem com texto: “Repouso da viola no CAPS”, mostrando a disponibilização do instrumento e da música em um equipamento público de atenção psicossocial. R38 e R39 foram associados ao território do Trabalho. R40 traz um novo registro do som do vento (território Indefinido e R41 traz um registro visual do vento com o céu nublado e as árvores balançando. Ao fundo, carros e ônibus também seguem seu fluxo, carregando as pessoas através de suas quartas-feiras. R42 traz o vídeo de uma caminhada sobre o chão molhado desse dia, com as folhas que caíram das árvores com o vento, este atribuído à Pesquisa. R43 o som de um blues tocando no trabalho enviado às 20h27, a música é interrompida por alguém possivelmente atendendo a alguma solicitação que lhe foi feita “Oi? Tá!”, atribuído ao Trabalho”. R44, às 21h26 novamente o som do vento mesclado ao som do trânsito dos carros (território Indefinido). Curiosamente, o próximo registro (R45) traz o som de algum dispositivo tocando a música *Drive* (“dirija” em tradução livre), da banda *The Cars* (“os carros”) (território Trabalho). R46 conclui o compartilhamento de quarta-feira às 22h46 com um vídeo em que a

câmera se movimenta junto com os passos de quem está filmando, andando em um estacionamento vazio à noite, em direção ao que parece ser a rua. Registro atribuído ao território do Trabalho.

Código ident.	Dia da semana	Horário	Tipo	Território	Descrição
R31	Quarta-feira	8:03	Áudio	Trabalho	Som de chuva e escola
R32	Quarta-feira	8:15	Áudio	Indefinido	Barulho do vento
R33	Quarta-feira	8:17	Texto	Música	Já é quarta feira, e do tocar só registro o desejo
R34	Quarta-feira	9:11	Imagem	Trabalho	Foto da janela da escola, dia nublado ou chuvoso
R35	Quarta-feira	9:43	Vídeo	Trabalho	Vídeo mostrando a escrivanhinha bagunçada
R36	Quarta-feira	10:46	Vídeo	Pesquisa	Lendo um livro no computador e chovendo lá fora
R37	Quarta-feira	10:49	Áudio	Indefinido	Rádio: previsão do tempo. UNIÃO FM.
R38	Quarta-feira	13:26	Imagem	Trabalho	Foto de um violão sobre um sofá.
R39	Quarta-feira	13:26	Texto	Trabalho	Repouso da viola no CAPS.
R40	Quarta-feira	14:24	Áudio	Indefinido	Som do vento
R41	Quarta-feira	14:51	Vídeo	Indefinido	Dia nublado e ventando
R42	Quarta-feira	17:26	Vídeo	Pesquisa	Caminhando: chão molhado da chuva e folhas caídas no chão.
R43	Quarta-feira	20:27	Áudio	Trabalho	Rádio: tocando um blues no trabalho.
R44	Quarta-feira	21:26	Áudio	Indefinido	Barulho da rua
R45	Quarta-feira	21:32	Áudio	Trabalho	Rádio no trabalho
R46	Quarta-feira	22:46	Vídeo	Trabalho	Caminhando de noite no estacionamento do trabalho

Tabela 4 Registros compartilhados quarta-feira com descrição

QUINTA-FEIRA

<https://youtu.be/PguWasjqOA0>



Código ident.	Dia da semana	Horário	Tipo	Território	Descrição
R47	Quinta-feira	9:18	Vídeo	Trabalho	Live da XII Conferência Municipal de Assistência Social
R48	Quinta-feira	9:21	Áudio	Trabalho	Som alto de uma máquina
R49	Quinta-feira	9:21	Imagem	Trabalho	Corredor da escola: refeitório ao fundo
R50	Quinta-feira	12:54	Vídeo	Música	Link p/ Youtube: Música - Clever Girl - Elm
R51	Quinta-feira	13:06	Imagem	Indefinido	Foto de pepinos cortados
R52	Quinta-feira	15:27	Áudio	Música	Som de um violão
R53	Quinta-feira	15:48	Imagem	Indefinido	Lendo um livro
R54	Quinta-feira	19:19	Imagem	Música	Imagem do Spotify - White Dress - Halestorm
R55	Quinta-feira	20:35	Vídeo	Indefinido	Fritando cogumelos ao som de punk rock
R56	Quinta-feira	21:12	Áudio	Música	Som: Nei Matogrosso
R57	Quinta-feira	22:06	Vídeo	Indefinido	Jogando Super Mario World

Tabela 5 Registros compartilhados quinta-feira com descrição

O compartilhamento de registros na quinta-feira começa às 9h18 com um link para a transmissão ao vivo de uma Conferência Municipal de Assistência Social, atribuído ao território do Trabalho (R47). R48 parece trazer o registro do som intenso de alguma máquina utilizada em alguma reforma ou instalação, de forma que foi atribuído ao território do Trabalho. R49, também associado ao território do Trabalho, traz a foto do corredor da escola, com uma placa escrita “Refeitório” ao centro. Dentro do refeitório, há uma pessoa usando roupas brancas, avental e touca azul, que talvez seja a pessoa responsável pelo local. Há também uma escada de alumínio e uma extensão elétrica grande e enrolada ao lado, o que me fez pensar que havia algum procedimento ocorrendo na estrutura do local. Tal registro também foi atribuído ao Trabalho.

R50 foi um link enviado para um vídeo no qual toca a música *Elm* da banda *Clever Girl* com cortes de filmagens antigas passando. Esse registro foi atribuído à Música. R51 mostra a foto de pepinos descascados, cortados e dispostos em forma de octógono às 13h06 e atribuído ao território Indefinido. R52, às 15h27, traz o som de um violão sendo tocado. Não fica claro para mim se se trata de uma gravação de uma gravação sendo executada (gravação²) ou se a gravação imediata de uma execução do instrumento. Se for a gravação de uma execução, o local em que está sendo tocado produz algumas leves reverberações captadas pelo microfone. Atribuí esse registro ao território da Música. R3 traz a foto de um livro aberto. Não consegui identificar que livro é, mas parece tratar-se de um romance. R54 mostra uma foto da tela de um dispositivo móvel executando a música *White Dress* da banda *Halestorm* às 19h19. Observo que o dispositivo está conectado por *bluetooth* a uma caixa de som modelo *JBL GO*, o que indica que o som está preenchendo um ambiente e não sendo escutado em um fone de ouvido ou nos alto-falantes do celular. Novamente, assim como havia acontecido com o registro R25 da terça-feira, no vídeo de exposição dos registros a música foi colocada depois. Apenas a imagem fazendo referência à música foi compartilhada. O registro R55 às 20h35 traz o vídeo de cogumelos fritando em uma frigideira ao som de um punk rock. É interessante que o movimento dos cogumelos parece estar sincronizado com a música. R56 traz mais uma música: *Poema*, de Nei Matogrosso, às 21h12. Por fim, R56 encerra o compartilhamento de registros de quinta-feira com um vídeo mostrando o jogo *Super Mario World* sendo jogado às 22h06, registro atribuído ao território do Indefinido.

SEXTA-FEIRA

<https://youtu.be/r0qhNofp7Hk>



A sexta-feira foi marcada por o que posso dizer que um dos movimentos mais bonitos da semana. Às 8h50, *Heart* envia uma foto sua posicionada ao microfone em frente a um fundo decorativo característico de um estúdio da região (R58). Em R66, às 14h51, *Gareta* diz que reconhece o cenário da foto de *Heart*. Em R64, às 14h48, *Heart* diz o nome do local e também que ali gravaram o álbum mais recente de sua banda. Em R65, às 14h49, *Gareta* fala que faz parte do coletivo que mantém o estúdio funcionando e que o fundo da foto de R58 havia ficado pronto. Em R66, às 14h51, *Heart* diz ter gostado do estúdio, que sua banda ficou por meses lá e que isso foi antes da pandemia. R67, às 14h53, *Gareta* envia uma foto de seu baixo com o mesmo fundo de R58 depois de finalizado. R68, às 14h56 *Heart* elogia a imagem enviada por *Gareta*. R69, às 15h, *Heart* compartilha o link para um vídeo com uma música de sua banda. R70, às 15h01, ela diz que essa música havia sido lançada na semana anterior. R71, às 15h37, *Gareta* diz que vai escutar a música. R72, às 15h38, *Pink Floyd* elogia a música de *Heart* compartilhada em R69. R73, às 15h40, *Cólera* também elogia a música de *Heart*. Em R74, às 15h49, *Cólera* também compartilha uma música de sua banda através de áudio no Whatsapp e R75 (15h49) informa que gravou com sua banda nos últimos meses. R76 às 17h22, *Pink Floyd* elogia a música de *Cólera*. R77, às 17h24, *Heart* também elogia a música. R78, às 17h28, *Pink Floyd* também compartilha uma gravação da qual fez parte e em R79, às 17h28 informa que gravou a música de forma caseira a partir de uma letra de um amigo. R80 às 17h35, *Cólera* elogia a música de *Pink Floyd*. R81, às 19h03, *Gareta* diz que adorou ouvir as composições das quais os outros integrantes do grupo fizeram parte e R82, às 19h07, compartilha um link para um álbum de músicas na plataforma de *streaming* de música *Spotify*. R83, às 19h07, explica que gravaram as três músicas do álbum a partir de improvisações no estúdio o qual

Heart compartilhou a foto em R58 e que deu início a essa conversa toda, e que as gravações foram feitas aos 35 graus celsius depois de comer um xis salada com fruki. R84, às 19h21, Pink Floyd elogia o som da banda de *Gareta* e R85, às 19h30, *Heart* também o faz. R86, às 19h44, *Gareta* sugere um encontro presencial do grupo quando for seguro devido à pandemia. Por fim, em R87, às 22h43, compartilha uma foto de uma estante de discos de vinil com um aparelho de som portátil no meio e cabos de instrumentos pelo chão do ambiente. Todos esses registros foram atribuídos à categoria música e senti a necessidade de agrupá-los dessa forma e não por estrita ordem cronológica como havia feito nos outros dias. Também omiti os registros das mensagens do vídeo de exposição por achar que o texto puro revelaria demais acerca das pessoas que compartilharam os registros, de forma que preferi tratar sobre eles nesse momento da dissertação.

Seguindo os compartilhamentos dos registros que ainda não foram abordados, em R59, às 9h56, foi compartilhado um vídeo mostrando a espera de um elevador. R60, às 11h32 mostra a foto de uma mesinha com uma caixa de lenços sobre um tapete, o que me traz rapidamente a imagem de um consultório ou uma sala de terapia, em que o lenço fica à disposição para o caso do paciente chorar na sessão. Acrescido a isso, devido à pandemia, o frasco de álcool gel se torna mais um item à disposição. Um objeto incomum de figurar em sessões, no entanto, seria a vassoura, o que pode indicar que a sala estava passando por uma limpeza. Esse registro foi atribuído ao território do Trabalho. R61, às 11h38 traz o som de um teclado sendo digitado. Como poderia ser o digitar de um artigo, de uma dissertação, de uma tese, mas também poderia ser o digitar de um relatório de trabalho ou de um e-mail a uma pessoa querida, dessa vez atribuí o registro ao território do Indefinido. Aqui fiquei pensando na minha incoerência, pois terça-feira, no R28 eu havia atribuído o som de digitar à Pesquisa. Entretanto, em seguida penso que a incoerência seja apenas aparente, pois o que me levou a atribuir o registro a esse ou aquele território não é apenas o registro em si, mas também o fluxo e o contexto de compartilhamento em que ele se deu, bem como os afetos que se movimentaram da sua recepção. A atribuição a um território pode ser um metadado, mas não deixa de ser um dado. Por fim, R62, às 13h12 mostra um caminhão, carros e pessoas passando em uma rua com prédios antigos, novos e árvores. Observa-se as pessoas estão

utilizando máscaras, também um adereço que passa a figurar nos cenários cotidianos a partir do advento da pandemia de Covid-19.

Código ident.	Dia da semana	Horário	Tipo	Território	Descrição
R58	Sexta-feira	8:50	Imagem	Música	Foto de <i>Heart</i> posicionada no microfone em frente a um fundo decorativo característico de um estúdio de gravação
R59	Sexta-feira	9:56	Vídeo	Indefinido	Esperando o elevador
R60	Sexta-feira	11:32	Imagem	Trabalho	Consultório: caixa de lenços e uma vassoura
R61	Sexta-feira	11:38	Áudio	Indefinido	Som de digitar
R62	Sexta-feira	13:12	Vídeo	Indefinido	Vídeo da rua: caminhão passando
R63	Sexta-feira	14:46	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R64	Sexta-feira	14:48	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R65	Sexta-feira	14:49	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R66	Sexta-feira	14:51	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R67	Sexta-feira	14:53	Imagem	Música	Foto do baixo no estúdio
R68	Sexta-feira	14:56	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R69	Sexta-feira	15:00	Vídeo	Música	Vídeo da banda de <i>Heart</i>
R70	Sexta-feira	15:01	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R71	Sexta-feira	15:37	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R72	Sexta-feira	15:38	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R73	Sexta-feira	15:40	Texto	Música	[conteúdo omitido]!
R74	Sexta-feira	15:49	Áudio	Música	Música da banda de <i>Cólera</i>
R75	Sexta-feira	15:49	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R76	Sexta-feira	17:22	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R77	Sexta-feira	17:24	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R78	Sexta-feira	17:28	Áudio	Música	Música da banda de <i>Pink Floyd</i>
R79	Sexta-feira	17:28	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R80	Sexta-feira	17:35	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R81	Sexta-feira	19:03	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R82	Sexta-feira	19:07	Áudio	Música	Músicas da banda de <i>Gareta</i>
R83	Sexta-feira	19:07	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R84	Sexta-feira	19:21	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R85	Sexta-feira	19:30	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R86	Sexta-feira	19:44	Texto	Música	[conteúdo omitido]
R87	Sexta-feira	22:43	Imagem	Música	Foto de uma coleção de discos. Cabos de som passando pelo chão.

Tabela 6 Registros compartilhados sexta-feira com descrição

6.8.2.2 O REENCONTRO COM O GRUPO

Sugestão de música: Annihilator – Speed (1995)

O plano inicial era reencontrar-se como grupo e discutir o compartilhamento dos registros uma ou duas semanas após. Entretanto, olhar para os registros e reuni-los foi mais difícil do que eu esperava, produzindo um aparente “travamento” no processo. Um dos afetos que me percorria era o medo de não conseguir fazer observações relevantes, de produzir uma dissertação que não serve para nada, similar a algo que me trava quando quero incorrer em alguma composição musical. Como não tenho uma educação musical formal, muitas vezes o medo de criar algo que não será bem aceito me gera insegurança. Hoje penso que talvez seja um preço a se pagar por buscar tentar se distanciar minimamente do que está mais consolidado em termos de pesquisa e de composição musical. Não sei se seria necessariamente mais fácil se fizesse o contrário, mas imagino que as dificuldades seriam outras.

O fato é que levou alguns meses para retomar o contato com o grupo. Sentir a lâmina da última hora começar a cortar a carne foi provavelmente um dos grandes impulsionadores desse movimento. Diferente do que havia decidido no primeiro encontro síncrono com o grupo; no que viria a seguir, decidi gravar, pois facilitaria o processo de retomar algo que havia sido dito que poderia contribuir para a leitura do processo. Os nossos diferentes ritmos novamente se colocaram como uma questão importante para pensar a organização desse encontro. A impressão que tive foi a de que todos estávamos ainda mais imersos em nossas rotinas em relação ao primeiro momento. Dessa forma, fiquei pensando que é uma posição paradoxal a de tentar pesquisar a rotina de pessoas que estão imersas em rotinas ritmicamente intensas, pois existe a preocupação de não trazer mais uma coisa para as pessoas terem que dar conta, ao mesmo tempo que me parece muito importante poder de alguma forma testemunhar esses processos para pensar modos de vida contemporâneos e possíveis deslocamentos.

No fim, verificando que não seria possível realizar um encontro com todos ao mesmo tempo e no tempo que eu precisava, optei por oferecer três

possibilidades ao grupo: a) realizarmos um encontro síncrono coletivo com quem poderia comparecer naquele momento; b) realizar um encontro individual síncrono com quem não poderia comparecer em um momento coletivo; c) realizar o encontro de forma assíncrona por mensagens, de forma a nos comunicarmos conforme a nossa disponibilidade de tempo. Existia ainda uma quarta possibilidade, que era a de não ser possível realizar o encontro de nenhuma forma, que embora fosse de longe a menos desejada por mim, também era uma possibilidade e seria aceita e não traria menos elementos para pensar a vida em territórios quanto as outras.

A primeira tentativa combinada ficou para a quarta-feira de noite, às 20h15. Duas pessoas a princípio compareceriam nesse horário, entretanto, alguns minutos antes, uma delas me avisou que estava acometida por uma enxaqueca e a outra também não conseguiu comparecer. No tempo que dedicaria a esse encontro, decidi ouvir músicas e tocar violão, que são coisas que ultimamente eu não estava conseguindo fazer. No dia seguinte, quinta-feira, conseguimos agendar para o mesmo horário e o encontro foi consolidado com duas participantes, *Heart* e *Gareta*.

Operacionalmente, o reencontro tinha três objetivos principais. O primeiro objetivo a) seria o de apresentar a coletânea dos registros ao grupo e registrar as reações, interações e comentários acerca do material reunido. O segundo objetivo b) seria o de verificar as percepções dos integrantes do grupo acerca das suas inserções em seus territórios de existência comparando com o tempo do primeiro encontro. O terceiro objetivo c) era o realizar algumas combinações sobre a forma que o grupo seria apresentado nesta dissertação frente a algumas preocupações que me surgiram no desenvolver da escrita. O encontro foi planejado em três momentos, um para cada objeto, e a ordem dos objetivos foi executada da seguinte forma: b), c), a).

Nesse encontro, *Heart* fala que, em relação ao momento em que havíamos feito o primeiro encontro e o compartilhamento de registros, têm conseguido se animar mais para tocar em casa; que recentemente tem retomado as coisas de sua banda como ensaios, apresentações e planos de produções. Também falou que tem sentido vontade de tocar com outras mulheres, uma vez que os outros integrantes de sua banda são homens, e percebe que esse movimento seria uma experiência enriquecedora na sua prática musical. Em

relação ao trabalho, comunicou que, enquanto trabalhadora da Saúde Mental, a forma pela qual viabiliza o encontro com a música é através da música como dispositivo de escuta, algo a se escutar junto. Perguntei a ela se sentia uma relação de conflito entre sua prática musical e o trabalho em termos de tempo e energia. Ela respondeu que percebe que o território do trabalho transcende a carga horária de seu emprego, de forma que consegue tocar seu instrumento em momentos de folga, mais pontuais. Ressalta ainda que o baixo elétrico fica exposto estrategicamente justamente para convidá-la a tocar nesses momentos.

Gareta fala que sentiu que a passagem desses meses entre o primeiro encontro e este ocorreu de forma muito rápida. Nesse período, relata, ela e seus amigos conseguiram se reunir e tocar mais vezes. Disse que em casa manteve as aulas de baixo e que isso tem sido o que a conecta com a música. Relata ter percebido que a prática musical tem ocupado mais horas do seu tempo, transformando-se em uma demanda mais no sentido de uma obrigação, o que não era o objetivo inicial; mas que com a virada do ano pôde parar e se reconectar com uma dimensão mais divertida dessa prática. Em relação à Pesquisa, disse que a sua reconexão com a música tem adentrado e movimentado o seu projeto de dissertação de mestrado, com planos de realizar uma oficina da qual resulte uma música ou gravação coletiva. Relata que em relação ao seu trabalho da clínica, percebe uma musicalidade entre as pessoas, de forma que muitas vezes a música aparece como um disparador no encontro clínico, conectando músicas e versos. Também relata que voltar a atender presencialmente em consultório tem sido bom, uma vez que criou playlists específicas para o ambiente do trabalho.

Ao assistirmos os registros, *Gareta* relata que o encontro com os registros trouxe uma sensação de flashback e possibilitou resgatar o início desse processo de atenção ao ambiente a que a proposta da pesquisa convida. Também que descrição do dia que tem registros de várias pessoas, mas poderia ser de uma só. *Heart* destaca o aspecto fragmentário dos registros, possibilitando o trânsito entre diferentes universos que se encontram associados pelos registros. Também que a proposta do grupo de certa forma atuou como um convite a estar mais atenta ao cotidiano e aos sons que nos rodeiam. *Pink Floyd* destaca que lhe chamou a atenção aos horários em que as práticas musicais costumam

aparecer, geralmente ao final do dia, que costuma ser o horário que lhe cabe, uma vez que a grande maior parte do dia está ocupada em função do trabalho.

O encontro com *Descendants* foi realizado de forma individual e em um dia de feriado, devido à questão da disponibilidade de tempo. Ele relata que sua área de atuação na educação, a filosofia, foi tirada do currículo da escola pública do município onde trabalha, sendo substituída por ensino religioso, de forma que ele está trabalhando em outra escola. Em relação à música, sua banda se encontra em suspenso, pois um dos integrantes foi tentar a vida em outro país, mas está iniciando um novo projeto.

O encontro com *Cólera* foi o último a ser realizado. Ele relata que iniciou em um novo trabalho como psicólogo na Secretaria de Educação de um município, e que as novas dos territórios de sua vida mudaram bastante. Relata que o trabalho lhe ocupa não só em função do tempo de sua carga horária, mas também em função dos desafios que se colocam de forma que percebe frequentemente a falta de tempo para tocar ou para se dedicar à pesquisa.

6.8.3 HARMONIA

6.8.3.1 PARTE UM

A partir dos registros reunidos observo em primeiro lugar o seguinte: quanto à atribuição dos registros aos territórios, esta foi feita por mim. Talvez mais do que efetivamente categorizar e falar algo acerca da essência ou do conteúdo dos registros compartilhados como se eu detivesse algum saber último, ela traz uma nova dimensão de registros que é a de como alguém que se percebe inserido nos territórios do trabalho, da escrita e da música reage a esses registros.

Se eu sou parte do processo que pesquiso, a minha implicação na pesquisa não seria um demérito, mas também uma fonte de registros e dados. Produzem-se dados sobre dados sobre dados sobre dados, metadados, mas dados. Ao mesmo tempo, no encontro com os registros e no decorrer do processo dessa pesquisa, eu não me mantenho o mesmo. O eu que aqui fala vai perdendo o nome próprio e encontrando-se com outras possibilidades de

existência, outros impulsos que provocam movimentos, seja provenientes do compartilhamento desses microfragmentos de vida, seja da vida em sua continuidade. Os registros, que ao mesmo tempo partem de diferentes ramificações no plano da subjetividade, compartilham entre si as possibilidades de encarnação de um sujeito paradoxal ou de uma existência paradoxal.

Enquanto tentava atribuir os registros compartilhados no grupo aos territórios de existência nomeados nesta dissertação, fui percebendo a fragilidade dessa relação estabelecida, pois alguns registros, depois de me encontrar com eles mais algumas vezes, já não tenho certeza se os atribuiria ao mesmo território que fiz no primeiro momento. Contudo, minha decisão metodológica foi de manter a atribuição que fiz inicialmente, até porque, como vinha falando, a análise que se pretende realizar não traz uma abstração acerca dos dados coletados, mas ao invés disso produz mais dados. A essa dificuldade de atribuição aos territórios, associo o caráter paradoxal dos agrupamentos sígnicos que são cada registro.

Ainda, percebe-se que uma boa parte dos registros não foram atribuídos. Na verdade, se considerar o indefinido com um território em si, seria o segundo território a que mais registros foram associados. Seria esse o território do indefinido ou a indefinição do território? Observo que não considero essa não atribuição um fracasso ou os registros considerados indefinidos como menos importantes. Muito pelo contrário. Como já mencionado, considera-se que todos os registros são paradoxais e a atribuição a um território é uma ação deliberada. Os registros indefinidos, não diferente, também se constituem nessa paradoxalidade, mas a tem de forma tão expressiva que impossibilitaram naquele momento a sua captura. Eles carregam em si o entrelaçamento entre múltiplos territórios de forma tão complexa que tornaram impossível a sua atribuição a um território dominante.

A palavra “dominante” me remeteu à noção de harmonia funcional na música, em que um dos acordes de uma tonalidade exerce a função denominada *dominante*, que seria uma função que provoca tensões no ouvinte, de forma que a sua sucessão por um acorde de função chamada *tônica* causaria o efeito de resolução da tensão. Pensando nessa relação entre música e território, me ocorre que os acordes têm essa característica de dar um contorno às notas que manifestam em uma melodia. Assim como os territórios, têm esse aspecto de

contorno existencial. Entretanto, os acordes também estão inseridos em territórios mais amplos que seriam os tons. A *tônica* é o acorde do tom que mais provoca a sensação de estabilidade em relação ao tom, quase como uma sensação de “estar em casa”, enquanto o *dominante* é o acorde que provoca tensões a ponto de se quase desejar a *tônica* na música tonal, ou seja, na música que se utiliza desse movimento em volta do tom em sua composição.

Poderiam ser então os registros acordes na Clínica Musicada? Se pensarmos o conjunto de registros acerca do trabalho como registros complexos em que, em algum momento, por exemplo, o território do trabalho se apresentou como o território mais expressivo, poder-se-ia atribuir ao registro a função de *tônica* ou de *dominante*. *Tônica* se a relação entre o registro e o território se dar em um caráter de estabilidade; talvez se for uma relação fácil de estabelecer e *dominante* se essa relação for tensa. Por exemplo, o registro R52, de quinta-feira, que traz o som de violão sendo tocado foi atribuído ao território da música sem nenhuma dificuldade, enquanto os registros R43 e R45 de quarta-feira, que trazem o som de músicas tocando no rádio foram atribuídos ao território do trabalho. A atribuição mais esperada do registro de uma música tocando talvez seria a do território correspondente à música, ou seja, sua *tônica*, de forma que há uma tensão, um conflito, um tensionamento quanto a essa atribuição ser realizada a outro território que não o esperado, ou seja, seu *dominante*.

Existe ainda uma outra função harmônica que seria a *subdominante*, que se caracterizaria como uma intermediária entre a *tônica* e a *dominante* pelo seu efeito de movimento na música, que talvez poderiam ser atribuídas aos registros indefinidos, uma vez que não conseguiram ser atribuídos a nenhum território devido à sua mobilidade; ou ainda, quando um registro dentro de uma tonalidade encontra uma relação de conflito não tão intensa a ponto de se considerar uma dominante. Sendo assim, entendo ser possível pensar os registros enquanto acordes, mas também enquanto tons e notas, assim como na música as notas, que são como palavras nas frases melódicas, também dão nome a acordes e a tons.

Na tabela a seguir vemos o exemplo da segunda-feira. R1 traz um som de carimbo que foi facilmente atribuído à tonalidade-território do trabalho, portanto a relação é mais estável, de forma que a função harmônica correspondente seria a *tônica*. R2 traz uma relação mais instável, pois ao atribuir

o caminhar na rua à noite à tonalidade-território do trabalho, pensei que o registro poderia também se enquadrar como indefinido, pois o caminhante poderia estar, por exemplo, indo visitar alguém, indo à padaria ou apenas caminhando sem destino, de forma que senti essa instabilidade na atribuição e decidi atribuir o registro-acorde à função de dominante. A partir de R3 temos uma troca na tonalidade-território, passando de Trabalho para Indefinido. R3 por sua indefinição, primeiro em relação à percepção do que se trata o registro e segundo em relação a que território o atribuir, foi associado à função de subdominante. Como R4 se encaixa na mesma situação e a instabilidade se intensifica, associei o registro à função de dominante, de certa forma, aumentando a tensão. R5 apresentou uma relação que considerei estável com a estação de trabalho sendo atribuída à Pesquisa, entretanto, há essa alteração na tonalidade-território. R6 volta à tonalidade-território do Indefinido com a cebola sendo refogada, em função de subdominante, e R7, como havia acontecido antes, assume a função de dominante com o som da máquina de lavar tensionando para resolver em R8, na função de tônica na tonalidade-território da Música ao som do estudo do baixo elétrico. R9 movimenta em subdominante com um relato da percepção de mudança de humor acerca do dia. R10 apresenta instabilidade na relação pois trata-se da foto de um baixo elétrico sobre a cama, com livros e notebook também sobre a cama. Devido ao contexto o registro foi atribuído à Música, mas as outras possibilidades de atribuição tensionaram o registro de tal forma que a ele foi associado a função harmônica dominante. R11 por fim, diferente do que ocorre usualmente na música ao ser concluída na função *tônica*, acaba também na função de *dominante* por escolha minha para deixar o final mais dramático do que seria se acabasse em *subdominante*.

Código	Tipo	Registro-acorde	Tonalidade-território	Função harmônica
R1	Áudio	Som de um carimbo	Trabalho	Tônica
R2	Vídeo	Caminhando na rua de noite	Trabalho	Dominante
R3	Áudio	Parece som de comida	Indefinido	Subdominante
R4	Áudio	Parece som de transporte	Indefinido	Dominante
R5	Vídeo	Leitura e estudos	Pesquisa	Tônica
R6	Vídeo	Refogando cebola	Indefinido	Subdominante
R7	Áudio	Máquina de lavar	Indefinido	Dominante
R8	Áudio	Estudando baixo	Música	Tônica

Código	Tipo	Registro-acorde	Tonalidade-território	Função harmônica
R9	Texto	"Tu viu? Essas aula tô até me sentindo o jação, me falta a baixinha no cabelo" (conversa com o companheiro Davi enquanto estudo as tríados no baixo num play along de jaco pastorious depois de um dia que começou trístico e acabou bem mais alegre)	Música	Subdominante
R10	Imagem	Foto do baixo e livros na cama	Música	Dominante
R11	Texto	Percepção do dia 1: me senti mais atenta ao meu redor, até menos reclamona sobre a segunda feira heheh	Indefinido	Dominante

Tabela 7 Funções harmônicas dos registros de segunda-feira

Retomando a questão da complexidade dos registros indefinidos e todos os outros, o agrupamento dos registros nos vídeos expositivos em sequência produziu-se uma linha do tempo que é de todos e ao mesmo tempo não é de ninguém, afirmando um espécie de sujeito paradoxal, ou melhor, uma existência paradoxal produzida a partir do encontro entre os fragmentos de vida. Na transição entre um registro e outro, algumas coisas se compartilham e outras não. Na experiência de assistir aos vídeos, algumas coisas se compartilham na fricção entre os registros e os quem assiste, e outras não. Quando assistimos ao conjunto de registros, nos deparamos com coisas que já vivenciamos ou poderíamos vivenciar, mas não somos nós que as estamos vivenciando. Mesmo para nós que participamos dos compartilhamentos, a experiência de assistir a um registro produzido por si nos causa o estranhamento de não sermos mais os mesmos de quando compartilhamos aquele registro. Dessa forma quero afirmar essa existência paradoxal através do encontro entre esses fragmentos como uma possibilidade de abertura de si para o mundo. O paradoxo é entendido então como um ponto de passagem para o devir, em que o que é individual se coletiviza, o que é binário se dissolve em contínuos, desterritorializando o território e assumindo outras configurações de existência, outras estéticas conforme o movimento do ritornelo.

6.8.3.2 PARTE DOIS

Tanto a partir dos registros, quanto a partir das conversas com o grupo, quanto a partir da minha própria percepção, é flagrante a presença e o impacto

do trabalho sobre as nossas vidas no contexto contemporâneo. Ana Claudia Moreira Cardoso (2010) faz referência a uma certa divisão da vida do trabalhador em diferentes tempos sociais como os tempos da escola, da família, do trabalho, tempos de lazer, tempos do amor etc a partir de William Grossin. Ao mesmo tempo em que considera o tempo uma experiência subjetiva, também ressalta a dimensão instituída desses tempos à medida em que se compartilham referências, valores e normas em cada sociedade. Enquanto esses tempos têm uma dimensão que é mensurável “o tempo do calendário, dos relógios de ponto, dos minutos e dos segundos” (p. 102); possuem também uma dimensão que não é possível mensurar, pois tratam da experiência subjetiva. De forma similar, entendo nessa dissertação o que venho chamando de territórios de existência.

A autora (CARDOSO, 2010) ainda aponta o tempo do trabalho como um tempo dominante nas relações entre os diferentes tempos da sociedade contemporânea desde a Revolução Industrial e que, desde a década de 80, percebe-se um movimento pela flexibilização desse tempo em países como Espanha, Inglaterra, Alemanha e Itália nas legislações a partir da iniciativa empresarial com forte intervenção do Estado. Tal processo de flexibilização do tempo do trabalho teria o efeito de levar os trabalhadores a perder o controle sobre os seus demais tempos, à medida em que fragmenta e individualiza os tempos do trabalho e flexibilizam as fronteiras entre o trabalho e o não-trabalho. A autora ainda destaca que no Brasil, a partir de meados da década de 90, foram realizadas fortes mudanças no mundo do trabalho a partir de ações das empresas e do governo, no sentido de flexibilizar e precarizar as condições de trabalho, além de intensificá-lo em prol do aumento da produção e da redução dos custos a ela inerente. Junto a isso, a alta taxa de desemprego atuava no sentido de pressionar os trabalhadores a se submeter a essas mudanças.

No reencontro com o grupo, perguntei a uma das integrantes se percebia uma dimensão de conflito entre suas inserções nos territórios da música e do trabalho. Em resposta, ela disse que sente que sua atividade laboral transcende a carga horária oficial referente ao trabalho, de forma que o seu trabalho lhe ocupa mais horas do seu tempo do que a sua presença no local nos horários combinados. Nessa relação, sua prática musical acaba ocorrendo em tempos mais pontuais, a depender da “vontade” e da energia. De fato, conforme Cardoso (2007), a priorização e o investimento despendido nos diferentes tempos sociais

(ou territórios) é um cálculo feito cotidianamente por quem trabalha. Outra fala do reencontro com o grupo traz também elementos dessa relação, quando uma integrante fala que, devido ao cansaço, ao chegar em casa do trabalho, busca se ocupar com atividades de lazer que exijam pouco esforço.

Gilles Deleuze (1992), a partir das contribuições de Michel Foucault, fala acerca de uma transição das *sociedades disciplinares* para as *sociedades de controle*. As sociedades disciplinares caracterizariam-se por grandes meios de confinamento como a família, a escola, a caserna, a fábrica, o hospital e a prisão, cada um com seu funcionamento específico e com diferenciações marcadas entre um meio e outro. Entretanto, com a crise do modelo disciplinar, o que passa a substituí-lo enquanto tecnologia de poder viria a ser o controle. Enquanto os confinamentos operam pelo molde, ou moldagem, os controles operam pela modulação.

A exemplo, Deleuze cita a modulação do salário dos trabalhadores por prêmios estimulando a iniciativa os indivíduos e colocando-os em competição. A essa transição estaria associada uma mutação do capitalismo. Enquanto o capitalismo do século XIX foca na concentração e na propriedade para a produção, erigindo a fábrica como meio de confinamento,

[...] atualmente o capitalismo não é mais dirigido para a produção, relegada com frequência à periferia do Terceiro Mundo, mesmo sob as formas complexas do têxtil, da metalurgia ou do petróleo. É um capitalismo de sobre produção. Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados, ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. Por isso ele é essencialmente dispersivo, e a fábrica cedeu lugar à empresa. (DELEUZE, 1992)

Para Deleuze (1992), na sociedade de controle, o homem confinado dá lugar ao homem endividado, de forma que o controle antes exercido por espaços e agentes bem definidos dá lugar a uma auto responsabilização do indivíduo que internaliza o controle e assim se automodula. A fábrica dá lugar à empresa, que se comporta como um gás em sua fluidez. Interessa-me aqui que o que foi conceituado como meios de confinamento carregam em si um aspecto territorial, de forma que com a transição das tecnologias de poder operadas a delimitação entre esses territórios também sofre uma fluidez e uma interpermeabilidade.

Enquanto configuração mais recente do capitalismo, Pierre Dardot e Christian Laval (2018) destacam entre os traços característicos do

neoliberalismo a concepção de que o mercado se apresenta como uma realidade construída que demanda constante intervenção do Estado, em contraposição aos liberais clássicos que tinham o *laissez-faire* (algo como deixe fazer) como um princípio ontológico que supunha uma autorregulação natural do mercado, uma “mão invisível”. Embora atribua-se ao discurso neoliberal a noção de Estado Mínimo; como demonstram os autores, o Estado teve e tem fundamental importância na implementação e na manutenção dessas políticas, bem como no investimento em um certo quadro subjetivo que as sustente. A intervenção ativa do Estado, entretanto, não é no sentido do bem-estar social, mas nas ações possíveis de minar a possibilidade do Estado de atuar nesse sentido. Destacam também os autores que no neoliberalismo a ordem do mercado não consiste na troca, mas na concorrência enquanto uma “relação de desigualdade entre diferentes unidades produção ou ‘empresas’” (ibid., p. 371). Ainda, a concorrência é universalizada na relação do indivíduo consigo mesmo em uma governamentalidade empresarial, de que “a empresa é promovida a modelo de subjetivação: cada indivíduo é uma empresa que deve se gerir e um capital que de se fazer frutificar” (ibid., p.371).

O empresariamento de si mesmo marca o que Byung-Chul Han (2017) chamou de sociedade do desempenho como característica ao século XXI. Enquanto a *sociedade disciplinar* de Foucault era marcada pela proibição, pela negatividade, e a *sociedade de controle* de Deleuze ainda em si conserva uma certa negatividade segundo Han, a *sociedade do desempenho* é marcada pelo excesso de positividade como tecnologia de poder. Enquanto a loucura a ser contida era o adoecimento característico da sociedade disciplinar, a depressão se torna o adoecimento característico da sociedade do desempenho, enquanto uma percepção de não conseguir dar conta da positividade exigida. Essa positividade excessiva se manifesta nos constantes estímulos e informações que estamos constantemente acessando, fragmentando e dividindo a atenção ao mundo à nossa volta, dificultando a experiência de uma atenção contemplativa. A positividade da sociedade do desempenho também gera cansaço e esgotamento a tal ponto de se buscar no doping o “desempenho sem desempenho” (ibid., p.69) devido a esse cansaço de sustentar o imperativo da positividade. Ainda, Han apresenta dois tipos de cansaço. O cansaço típico da sociedade do desempenho, que é um cansaço solitário e individualizante e um

segundo cansaço, que ao contrário, é um cansaço que abre o eu para o mundo, que possibilita a demora, a contemplação.

Fico pensando no movimento realizado nessa dissertação, de partir de uma narrativa de si enquanto habitante dos territórios-tempos do trabalho, da música e da pesquisa para buscar encontro com outras pessoas de territórios aparentemente aproximados não seria uma manifestação de um cansaço desse tipo. Se estamos cansados a todo tempo, as dificuldades encontradas no percurso dessa escrita muito tem a ver com uma alternância entre o cansaço que isola e o cansaço que encontra. Considerando que a música se apresenta a mim, muitas vezes, como uma via de contemplação, pois que utilidade tem às estruturas dominantes de produção a minha atividade musical, que não vende e se dá um lento ritmo?

A necessidade de dispor de ferramentas para paradoxalizar a existência se dá diante da percepção de que algumas configurações estéticas percebidas através dos registros e da experiência no cotidiano nos tolhem a capacidade de contemplação. Vivian Abenshushan (2020) ao traçar uma história política da velocidade, imagina uma Máquina de Lentidão, “um artefato impossível, capaz de desacelerar o tempo e de reconquistar as horas de ócio, as caminhadas morosas e sem rumo fixo, as leituras demoradas em posição horizontal” (p. 20). Imagino essa máquina como algo capaz de nos permitir vivenciar o cansaço contemplativo. Talvez nem descansar ainda, se for pedir muito, isso ficaria para depois que conseguíssemos contemplar os nossos cansaços.

Lembro-me de um encontro do grupo de pesquisa Políticas do Texto com a pesquisadora Silvia Galesso Cardoso em setembro de 2021, em que ela nos apresentou a sua metodologia da marcha-ré enquanto falava da prática de ler-se enquanto exercício de alteridade. Silvia (CARDOSO, 2021) nos fala da paradoxal potência de distanciar de si indo de encontro a si mesmo na leitura e na escrita em sua inseparabilidade. Descreve a participação em uma intervenção artística que participara que consistia em uma marcha à ré fúnebre com mais de cem carros na Avenida Paulista em São Paulo, contrapondo-se ao descaso do Governo de Bolsonaro aos na época 120 mil mortos na pandemia de Covid-19, hoje mais de 650 mil como inspiradora dessa proposta. A metodologia da marcha-ré parece ter o sentido de retorno. Retorno a si e talvez contraposição

aos fluxos que buscam nos coagir sempre à frente, sempre em aceleração, à produção contínua.

O grupo Políticas do Texto tem como prática frequente a escrita coletiva de reações aos encontros em ato, de forma que do encontro com Sílvia, trago o seguinte fragmento:

{aos vinte e quatro dias do mês de setembro de dois mil e vinte um, reuniram-se Anna Letícia, Bruna, Cássio, Daniel, Gabriela, Jéssica, Laura, Lidiele, Maria Laura, Luciano, Tatiele e Yasmine nas dependências no mconf para conversa com Sílvia Galessio Cardoso}

L.e.r - s.e.

Ler, e se...

escrita
protocolar
escrita
escrever contra a parede

Salvou na nuvem.
Será que chove palavras amanhã?

chovem dados
tempestade de acasos

uma frente fria de ideias se choca com onda de calor e precipita

Se precipitar = estar em frente ao precipício e se lançar

avaliar resultados: medir, metrificar, classificar, colonizar o pensamento alheio

ao ser leitora de mim

*

acompanhar para não apanhar muito
para bater um pouco
retrucar
para fazer um bolo
"é de chocolate?"

tudo em eadê kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk
(risada cringe)
kkkkrying
quaquaquaqua

momento ideal que não vem
eu tinha que estar adiantada
eu acho que to atrasada
eu to sempre atras de mim
correndo atras de mim mesma
brincando de pega-pega com a sombra

Cadê o resultado?!

um cientista olha para esse material e fica preocupado que o
experimento vai dar errado
o inesperado vem - gritos de
expressões de
oh! (surpresa)

- o que é isto, sr?
- é uma pedra bruta

à dívida do tu quem que lê isso
é bruto ou líquido?
• (acho que bruto)

Pedagogias não intencionais

marcas maternas

Leu o livro?
Livro do que?
Aquele, do EU
Ah... o EU te livro?
Ahn...?
é o nome do livro?

[a escrita protocolar transita]

"Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água
verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar
perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a
minha ventura... "\

[a escrita dispersa]
[a escrita desperta]
[a escrita diz: pressa!]
dispersão = polinização

ler-se
ler si (bemol)
o bemol é a marcha ré do si

fazer muito baseado
faz bem

escrita aberta para o que não se pensou

escrever como quem pode não escrever

a escrever

olhando bem
vendo bem
escrevendo....
escrita ato
escrita intervenção
escrita manifestação
escrita pensamento
sair um outro ao escrever
outro

[a escrita em ação]
emprestar-se ao ler os outros
textar o texto do outro
escrever em marcha-ré(ativa), que não é reativa
torção de direção
torção de tornozelo
o eu que interessa
é
o é
na relação
com a marcha ré no mundo
com a expansão
paradoxal consigo mesmo
eu topo
(POLÍTICAS DO TEXTO, 2021)

Tomando por inspiração a proposta de Silvia, de escrita/leitura em marcha-ré me pergunto como escrever em contraponto com o que está posto na relação entre os territórios do trabalho, da pesquisa e da música em tempos pandêmicos. A ideia de contraponto é interessante porque remete ao conceito musical em que o contraponto é uma melodia que se faz paralelamente a uma melodia principal, dela diferenciando-se. Pode ser uma melodia inversa à melodia principal (uma melodia em marcha-ré), mas ela não se furta ao tempo da música. Vejo na Clínica Musicada essa possibilidade de escrever ou compor em direção ao paradoxo, buscando assim outras possibilidades de existência.

Decompor-se
Descompor
Compor a não-composição
A música que se desfaz
A música que não existe
Faísca de existência

7. SOB A LÂMINA DA ÚLTIMA HORA: DESCONCLUSÕES

Estávamos na sala de aula, esperando sentados todos individualmente com as classes distantes o suficiente para denunciar àqueles que tentassem olhar as respostas dos colegas, enquanto o professor distribuía as provas. Eis que alguém pergunta: "professor, certe_a é com 'z' ou com 's'?". Alguém solidariamente responde: "ora, claro que é com 's!'". O professor, em um primeiro momento, age no sentido de impedir a troca de informações durante a prova, mas ao mesmo tempo, se vê obrigado a intervir, pois uma informação equivocada assim poderia prejudicar o aluno autor da dúvida bem como os demais que tomassem a resposta por referência. "Na verdade, é com 'z'. E agora concentrem-se na prova!". O aluno que havia respondido, igualmente preocupado com o prejuízo que poderia ser causado pelo uso incorreto da língua portuguesa, contesta: "não, sor, certe_a é com 's!'". O professor novamente afirma seu posicionamento anterior acerca da grafia da palavra, mas outro aluno se manifesta também em favor do "s". A expressão de segurança plena na face do professor parecia ter se desmanchado. Um debate se instaura na turma entre os que defendiam certe_a com "z" ou com "s". Eu sabia que sabia escrever essa palavra sem nenhuma dificuldade, mas quando fui imaginá-la na minha cabeça, já não sabia mais. Em alguns momentos, o "z" parecia fazer mais sentido, em outros, o "s" parecia ser mais adequado. Depois de um tempo, de tanto ouvir essa palavra para lá e para cá, ela começou a perder o sentido para mim. Que significa isso, afinal? Minhas memórias com essa palavra a mim pareciam estranhas. Será que essa palavra realmente existe? Quando eu a falei pela última vez? Já falei essa palavra alguma vez? Decidido a pôr um fim ao caos que estava tomando força na sala, o professor consulta o dicionário e soletra a palavra, destacando que certeza se escreve com "z" e ainda lê o seu significado. Ordena então que retornemos à prova. Achei engraçado como a palavra certeza poderia carregar tanta dúvida dentro de si.

Pensando retrospectivamente acerca dos movimentos dessa dissertação lembro-me da escrita dos fragmentos da seção Palavra-Território e da suspeita que se gerou sobre a linguagem quanto à sua capacidade de dar conta da experiência, tendo em vista as dificuldades que se produziram ao atribuir fragmentos a determinados territórios, inverteo a desconfiança, mantendo-a,

porém em sentido contrário. “Dar conta” da experiência não no sentido de comunica-la, descrevê-la, cobri-la em sua totalidade, encerrá-la, mas no sentido de abri-la a outros olhares e outras possibilidades de significação.

Nesse sentido, a mesma dificuldade também se apresentou no momento de atribuir os registros do grupo a esses territórios, gerando um quarto território, um não-território ou um anti-território. Registros que se caracterizaram por sua impossibilidade de se definir; os indefinidos. Frente a essa situação, tomei a preguiça de forçar uma definição também como a algo a ser acolhido como parte do processo. Dei-me o direito à preguiça como contraposição à coerção rítmica da escrita acadêmica, sustentando-a como afeto demorador. “A preguiça é uma estratégia subjetiva para desrespeitar as coerções do relógio” (Barthes apud ABENSHUSHAN, 2020). Seria uma alternativa à sociedade do cansaço a sociedade da preguiça?

Os registros indefinidos foram um achado valiosíssimo e entendidos aqui como expressão do paradoxo. Enquanto tentávamos capturar os momentos compartilhados pelo grupo em territórios, levamos uma invertida do paradoxo de tal forma a não ter outra escolha senão facear a indeterminação desses momentos. O paradoxo é entendido enquanto um estágio da relação entre o acontecimento e o sentido em que os sentidos passíveis de serem atribuídos ao acontecimento coexistem de tal forma que a linguagem não suporta. Algumas relações que se estabelecem entre acontecimento e sentido ocorrem de maneira instável, produzindo-se um estranhamento que nos leva a checar as premissas e/ou rever as conclusões. É mais comum testemunhar tentativas de resolver paradoxos do que os sustentar. A sustentação ou a experiência do paradoxo tem como efeito a angustiante suspensão do efeito confortante que a música tonal tem quando acaba no acorde fundamental de seu tom. Cadência frustrada ou frustrante.

Os registros indefinidos trouxeram o questionamento de se a ideia de território teria sido a mais assertiva para agrupar as experiências acerca da música, da pesquisa e do trabalho. A resposta à pergunta segue inconclusiva; contudo, encontramos no conceito de ritornelo a potência de abertura dessa questão. O ritornelo é uma operação territorial em que o território agenciado se dá em três movimentos: o da territorialização, desterritorialização e reterritorialização. O punhadinho de terra que o ritornelo leva consigo está sempre em jogo com as

forças do caos, buscando estratificá-las em favor de consolidar-se, mas ao mesmo tempo, por elas sendo reconfiguradas. (COSTA, 2006). Entendo que existe uma conexão possível entre os conceitos de ritornelo e o paradoxo, uma vez que ambos nos falam de relações entre forças estratificadas e forças desestratificantes.

A Clínica Musicada tem a proposta de escutar a existência como se escuta uma música. Entretanto, quando eu escuto uma música, não a escuto descrevendo e teorizando acerca dos seus ritmos, melodias e harmonias, mas sim com o corpo e com os afetos. A proposta da Clínica Musicada se coloca como um paraquedas entre os altos prédios da escuta clínica e o abismo da escuta afetiva aos que desejam tentar esse salto. O sentido proposto não é o da teorização, mas ao contrário, o da desracionalização e afetivação da escuta. A queda ao destino final se dará no mesmo passo que a chegada de Aquiles ao final de sua corrida contra a tartaruga no paradoxo de Zenão.

A partir da escuta dos registros compartilhados pelo grupo ao som da Clínica Musicada, entendo que foi possível testemunhar a relutância dos registros em se deixar categorizar, ou as suas incessantes reconfigurações constitutivas de forma a transitar entre diferentes territórios mesmo depois de registrados, demonstrando uma relação mais complexa entre passado, presente e futuro do que a de linearidade. Quanto a isso, Deleuze (2015) ressaltou na concepção dos estoicos a existência apenas do presente corporal, enquanto o passado e futuro insistem nesse presente.

Suely Rolnik (2018) apresenta em seu livro *Esferas da Insurreição*, uma lista com dez sugestões para descolonizar o inconsciente de seu regime antropo-falo-ego-logocêntrico. Nela, a autora fala da importância de desanestesiarmos a nossa vulnerabilidade às forças desestabilizadoras e desterritorializantes promovidas por um estado estranho-familiar que aqui atribuo ao paradoxo. A busca e sustentação do paradoxo se coloca como uma possibilidade de encontro a esse caos de uma maneira bastante frágil. E deve ser frágil, pois trata-se de uma operação perigosa ao eu. O ritornelo territorializa, desterritorializa para territorializar novamente com as forças incorporadas. Sem esse último movimento, nada permaneceria. Não se trata aqui, portanto de uma guerra à permanência e à conservação de forças, mas uma luta para a sua abertura a

importantes vibrações sensíveis que muitas vezes são ignoradas ou desprezadas.

Por falar em coisas frágeis e perigosas, a última hora sempre me acompanhou. Tanto na vida musical, quanto escolar/acadêmica, quanto laboral. Meus pais sempre tentavam me alertar para os perigos de deixar as coisas para a última hora. Quanto ao trabalho, nem vou falar aqui para não me comprometer. Em geral, não é uma prática saudável e recomendável. Crianças, não façam isso em casa. Eu tentei, juro que tentei. Tento ainda, mas parece que a última hora chega cada vez mais rápido. Por que se deixa as coisas para a última hora? Talvez por serem tantas as coisas que para quem quer viver um mínimo de lentidão, a única possibilidade é empurrar as coisas com a barriga até a última hora. Uma coisa há de se reconhecer sobre a última hora: ela tem o poder de descomprimir uma imensa potência de agir no tempo ainda restante. Algo acontece no intervalo de tempo que se esvai que aciona os mecanismos de luta, fuga e desespero de perder o pescoço para essa afiadíssima lâmina. Seria o avanço e a insistência das últimas horas o anúncio do fim do mundo?

Não sei se os processos de pensamento possuem um fim, tendo em vista que ainda penso coisas da infância como aqui se registra, mas os processos de escrita, em específico a escrita institucional (como é o caso de uma dissertação de mestrado) precisam de um. Seja movido por um sentimento de conclusão, de finalização; seja por cansaço ou esgotamento; ou seja, pela operação de um corte, que aqui é o principal caso. Normalmente se esperaria ao final de um trabalho acadêmico conclusões, mas aqui o que tenho são desconclusões de uma escrita em marcha-ré. Um sentimento de que poderia pegar várias pontas soltas que ficaram nesse texto e ir desenrolando-as ao infinito, mas a última hora é uma lâmina e o corte é inevitável.

REFERÊNCIAS

- ABENSHUSHAN, Vivian. Notas sobre os doentes de velocidade. *Caderno de Leituras*, Belo Horizonte, v. 105, p. 1–24, 2020.
- ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- ALVES, Marcelo de Souza Ferreira. Os sofistas e a relativização da verdade. *Sapere Saúde*, Belo Horizonte, v. 4, n. 9, p. 128–138, 2016.
- ANNIHILATOR. *Speed*. Hamburgo: Edel Music, 1995.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução: Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ARISTÓTELES. *Órganon: Categorias, Da Interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações Sofísticas*. Tradução: Edson Bini. 2aed. Bauru: EDIPRO, 2010.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- BELCHIOR. *Alucinação*. São Paulo: Universal Music LTDA, 1976.
- BENINCÁ, Elli. *O senso comum pedagógico: práxis e resistência*. 248 f. 2002. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1542/000350899.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- BERMEJO-LUQUE, Lilian. A distinção aristotélica entre Lógica, Dialética e Retórica e seu lugar na Teoria da Argumentação. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilheus, v. 21, n. 1, p. 139–157, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47369/eidea-21-1-3091>
- CARDOSO, Ana Claudia Moreira. Os trabalhadores e suas vivências cotidianas: dos tempos de trabalho e de não trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 101–116, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000100008>
- CARDOSO, Ana Claudia Moreira. *Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores*. 2007. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARDOSO, Sílvia Galesso. Ler-se: uma prática de escrita como exercício de alteridade. In: MACHADO, Adriana Marcondes; _____ (Orgs.). A escrita como exercício em processos formativos. São Paulo: Blucher. 2021.

CARTOLAS. Partido em franja. [s. l.]: Cartolas, 2009.

CHAUI, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CONDE RODRIGUES, Heliana de Barros. Intercessores e Narrativas: Por uma Dessujeição Metodológica em Pesquisa Social. Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João del-Rei, v. 6, n. 2, p. 234–242, 2011.

CORRÊA, Tatiele Mesquita. Carta convite com notas de agradecimentos. [s. l.], 2021.

COSTA, Luciano Bedin da. Ainda escrever: 58 combates para uma política do Texto. São Paulo: Lumme Editor, 2017.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66–77, 2014.

COSTA, Luciano Bedin da. Ritornelos, takes e tralalás. 2006. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

COUSTILLE, Charles. O que seria uma tese barthesiana? / What would be a barthesian thesis? Revista Polis e Psique, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 247, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-152x.72101>

CREHAN, Kate. Common Sense. In: GRAMSCI'S COMMON SENSE: INEQUALITY AND ITS NARRATIVES. Durham: Duke University Press, 2016. p. 43–58. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/9780822373742>

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/riesup.v4i3.8651658>

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. Lógica do Sentido. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: CONVERSACÕES. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 219–226.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DESCARTES, René. Discurso do Método. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
DIAS, Rosa Maria. Arte e vida no pensamento de Nietzsche. Cadernos Nietzsche, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 227–244, 2015. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/2316-82422015v3601rmd>

ENGENHEIROS DO HAWAII. Números. São Paulo: Universal Music LTDA, 2000.

FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do Sujeito. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GERMANO, Marcelo Gomes. Uma nova ciência para um novo senso comum. Campina Grande: Eduepb, 2011. Disponível em:
<https://doi.org/10.7476/9788578791209>

GIL, José. O corpo paradoxal. In: NIETZSCHE E DELEUZE: QUE PODE O CORPO. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 131–149.

GLASS, Phillip. The Grid. Nova Iorque: The Island Def Jam Music Group, 1983.

GUATTARI, Felix. Ritornelos. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JUNIOR, Oswaldo Giacoia. O conceito de pulsão em Nietzsche. In: MOURA, Arthur Hyppólito de (org.). As pulsões. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 19, p. 20–28, 2002.

LIPPMANN, Pedro Clemente Bessa Prado. A não-contradição é a medida de todas as coisas: sobre a crítica de Aristóteles a Protágoras no Livro Γ da Metafísica. CODEX – Revista de Estudos Clássicos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 27–50, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.25187/codex.v1i2.2833>

MARICONDA, Pablo Rubén. O diálogo de Galileu e a condenação. Cadernos de Historia e Filosofia da Ciência, Campinas, v. 10, n. 1, p. 77–160, 2000.

MATTIELLO, Cássio. Partitura de uma Clínica Musicada: composições a partir do The Dark Side of the Moon. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Psicologia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: 2018.

NAFFAH NETO, Alfredo. A psicoterapia em busca de Dionísio: Nietzsche visita Freud. São Paulo: EDUC/Eduta, 1994.

NAFFAH NETO, Alfredo. Paradoxo e racionalidade no homem winnicottiano: a sombra de Heráclito de Éfeso. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 123–133, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado humano II. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

NIETZSCHE, Friedrich. O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. Tradução: Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007c.

ORTIZ, Renato. Românticos e folcloristas: cultura popular. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1992.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓCIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2020.v13.n1.a612>

PAULON, Simone Mainieri. Clínica ampliada: que(m) demanda ampliações? In: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (org.). *Corpo, arte e clínica2*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PAULON, Simone Mainieri; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 85–102, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2010.9019>

POLÍTICAS DO TEXTO, Grupo de Pesquisa. *Escritos nossos*. Porto Alegre, 2021.

RELESPÚBLICA. *Garoa e Solidão*. Goiânia: Monstro Discos, 2003.

REZENDE, Camila Ribeiro de Almeida. Objetividade na escrita acadêmica - Reflexões interseccionais sobre corpos que escrevem. In: BERTOTTI, Bárbara Mendonça et al. (org.). *Gênero e resistência*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. v. 1, p. 301–319.

RODRIGUES, Elisandro. *Montagem: por uma escrita em educação*. 2020. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SANTANA, Samuel Cardoso; FIGUEIREDO, Maria Flávia. A constituição do paradoxo e seus efeitos retóricos. *Revista do GELNE, Natal/RN*, v. 17, n. 1/2, p. 235–252, 2015.

SCHAFER, Ronald Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. Tradução: Marisa Trench Fonterrada. 2aed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SCHORN, Remi. O discurso sobre o sujeito é episteme ou doxa? *Tempo da Ciência, Toledo*, v. 18, n. 53, p. 153–164, 2011.

SCHULER, Betina. Ler E Escrever Como Possibilidade De Uma Relação Infantil Com O Tempo. *História da Educação, Porto Alegre*, v. 23, p. 1–33, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/89687>

SILVA, Evaldo Sampaio da. *Metafísica, discurso e modo de vida filosófico*. Prometeus, São Cristóvão, v. 9, n. 21, p. 61–86, 2016.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Ciência e Senso Comum*. In: *INTRODUÇÃO A UMA CIÊNCIA PÓS-MODERNA*. 3ª ed. São Paulo: Graal, 1989. p. 21–23.

SZYMBORSKA, Wisława. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TITTONI, Jaqueline et al. O trabalho como arte: Invenção e criação nos modos de trabalhar. *Psicoperspectivas, Viña del Mar*, v. 16, n. 1, p. 117–131, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol16-Issue1-fulltext-869>

WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar & a Realidade*. Tradução: José Octávio de Aguar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1971.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.